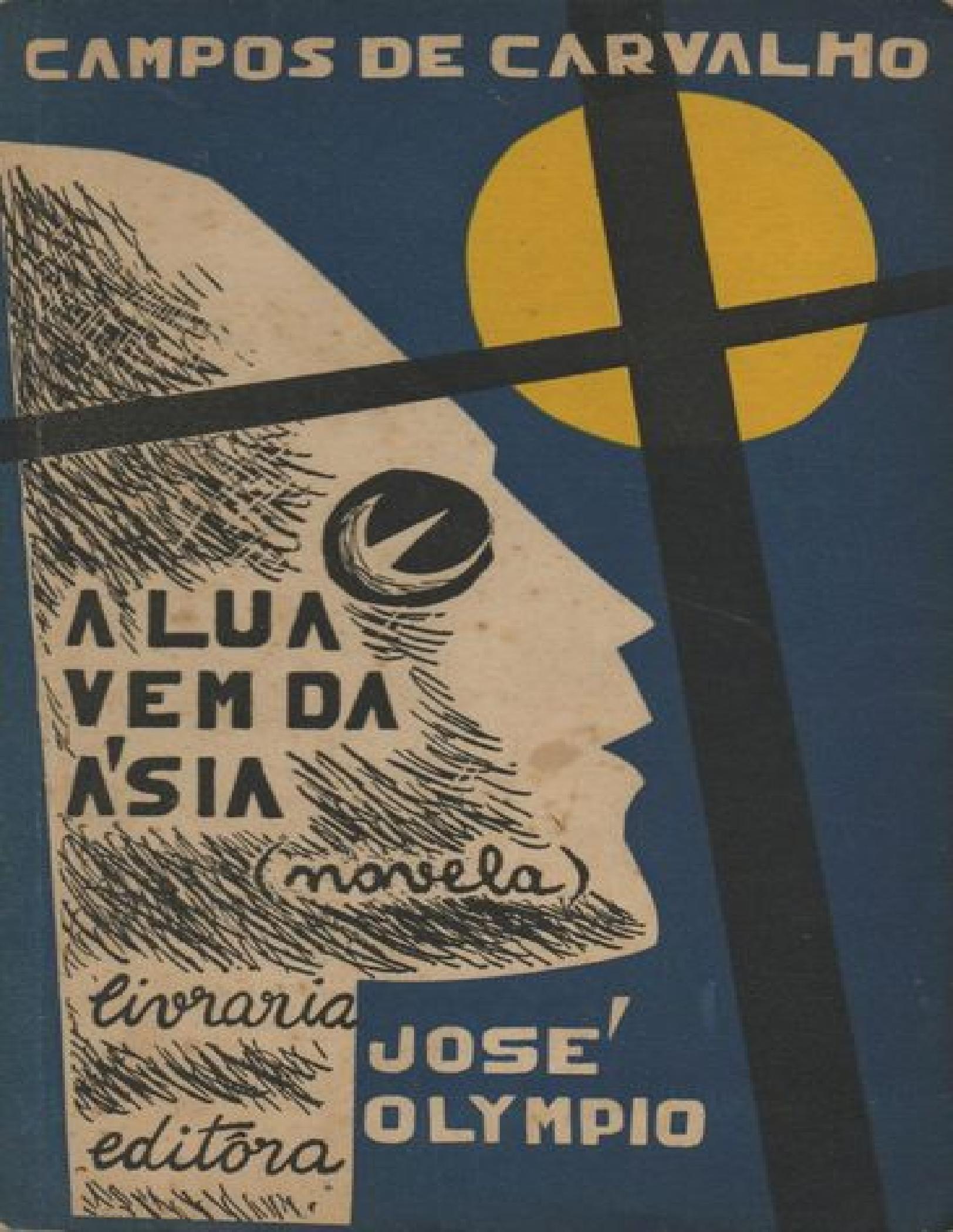


CAMPOS DE CARVALHO



A L U A  
V E M D A  
A S I A

*(novela)*

*livraria  
editora*

JOSE'  
OLYMPIO

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# A LUA VEM DA ÁSIA

Campos de Carvalho



# Sinopse

*A Lua Vem da Ásia* conta, em forma de diário, a trajetória de um ser incomum pelas mais diversas geografias possíveis e impossíveis, em busca de um entendimento diante da vida (e da morte), desafiando com muita ironia a lógica do mundo.



Publicado em 1956, o livro inaugura a narrativa surrealista na obra de Walter Campos de Carvalho (1916-1998), mineiro de Uberaba radicado em São Paulo. Autor de pelo menos quatro pequenas obras-primas da literatura brasileira — *A Lua vem da Ásia* (1956), *Vaca de nariz sutil* (1961), *A chuva imóvel* (1963) e *O púcaro búlgaro* (1964) —, abandonou subitamente a literatura, sem explicação. Apesar de notório mau-humor, o escritor (o primeiro — e talvez o último — escritor verdadeiramente surrealista do Brasil) tinha no riso o instrumento de crítica à sociedade de massa, consumista e belicosa.

*Tout homme peut bafouer la cruauté et la stupidité de  
l'univers en faisant de sa vie propre un poème d'incohérence et  
d'absurdité.*

GABRIEL BRUNET

# **Primeira Parte**

*Vida Sexual dos Perus*

# Capítulo Primeiro

Aos dezesseis anos matei meu professor de Lógica. Alegando legítima defesa — e qual defesa seria mais legítima? — logrei ser absolvido por 5 votos contra 2, e fui morar sob uma ponte do Sena, embora nunca tenha estado em Paris.

Deixei crescer a barba em pensamento, comprei um par de óculos para míope, e passava as noites espiando o céu estrelado, um cigarro entre os dedos. Chamava-me então Adilson, mas logo mudei para Heitor, depois Ruy Barbo, depois finalmente Astrogildo, que é como me chamo ainda hoje, quando me chamo.

A primeira mulher que possuí foi sob a ponte do Sena, em pleno coração do meu Paris imaginário; e ainda me lembro de que ela me sorria com uns dentes que refletiam as estrelas e as lâmpadas do cais adormecido, e dizia-me coisas numa língua que eu não conhecia. Paguei-lhe à vista, e subi eufórico em direção a uma rua de onde vinham sons de uma mandolinata inenarrável, e que se esvanecia à medida que eu me aproximava, e que acabou por desaparecer de todo. Sentei-me no chão, aturdido, acendi um cigarro e deixei que ele fumasse por si mesmo, e depois morri tranquilamente, dentro da noite calma.

Quando despertei, já um gari me estendia o último jornal da tarde, e pude ler então que uma grande hecatombe havia acontecido sobre a cidade de Melbourne, na Austrália, justamente enquanto eu dormia. Lavei meu rosto com o pranto, entreguei o jornal a um menino cego e saí correndo pela primeira rua que encontrei pela frente, até deparar com a estátua do marechal Joffre montado a cavalo.

No dia seguinte, como a guerra houvesse rebentado, apresentei-me a um general de divisão que encontrei esparecendo pelo Bois de Bolougne, e ele foi muito gentil para comigo, dando-me uma corneta e cinco mil francos para comprar um uniforme. Com a corneta toquei o Danúbio Azul, mas em surdina, e com os cinco mil francos fui a uma sessão de cinema (um filme de Clara Bow, se não

me engano) e dei o resto a um mendigo que me pareceu mais honesto do que os outros — do que eu, pelo menos. À margem do Sena pus-me a pensar sobre as incertezas da vida e o absurdo da guerra recém-deflagrada entre o Japão e a China, até que o sono me jogasse de novo de encontro às pedras, as mãos espalmadas como as de um cadáver.

Tudo isso do meu passado eu conto para que se possa ter uma ideia exata da minha situação presente, depois que me deram por excêntrico e me jogaram neste hotel de luxo onde os garçons, o gerente e o subgerente andam todos de branco, e têm também os dentes brancos e não vermelhos ou amarelos como toda gente. Conto, também, porque o dia aqui para mim tem setenta e duas horas, e às vezes mais até, e eu necessito ocupar-me com qualquer coisa que não sejam os mosquitos da sala ou a minha coleção de palitos de fósforo, de há muito superada e já vendida a um nababo hindu que mora no quarto ao lado. Descobri que, escrevendo a história da minha vida, antes que a escrevam os outros ou que não a escreva ninguém, estarei prestando um serviço enorme não só à cultura, por isso que -

(Fui obrigado a interromper estas lucubrações para tomar um prato de sopa que me trouxe a gentil senhora do gerente ou do subgerente do hotel — de qualquer forma uma senhora respeitável e vesga, que às vezes me toma a temperatura pelo simples prazer de me ser agradável. Mas a sopa estava bastante amarga, ou assim me pareceu pelo menos).

Mas eu dizia, se não estou equivocado, que, finda a guerra sino-finlandesa, fui preso como espião moscovita por causa de minhas barbas patriarcais e malcheirosas, e fui submetido a um conselho de guerra composto de 15.000 generais, todos eles fardados, que me absolveram unanimemente e me repatriaram ao meu país de origem. Qual esse país fosse, nem eles nem eu sabíamos, de forma que voltei tranquilamente a dormir sob as pontes de diversos rios da Europa, os quais eu já conhecia de vista através das aulas de Geografia que me dava o meu professor de ginásio, ao tempo em que eu ainda teimava em aprender as coisas. Dniester, Reno, Vístula, Guadalquivir, Elba, Nitra, Ródano, etc., etc.,

são nomes que se tornaram familiares aos meus ouvidos de tanto eu ouvi-los murmurar eles mesmos, e não pobres mestres-escolas diante de enebados mapas grudados à parede: a sua cantilena por muito tempo substituiu o doce acalento de minha mãe na pátria desconhecida, que de resto nunca cheguei a conhecer, pois nunca fui criança.

Foi por essa época que aprendi a tocar berimbau com um professor do Conservatório de Varsóvia, herr Hepsteimm, e quando também resolvi fazer a minha primeira comunhão, por absoluto estado de fome. Desse aprendizado resultou-me a oportunidade de vir a ser mais tarde nomeado conselheiro musical na corte de Luís II da Baviera, o mesmo que tinha vários castelos assombrados e era dado a práticas de ocultismo, às quais aliás eu não era de todo alheio.

(Mas confesso que o lápis já me pesa na mão como se fora o mastro de um circo ou o próprio eixo da terra, o que me leva a parar de súbito estas reminiscências tão históricas e para mim tão caras, que um dia mostrarei aos meus companheiros de hotel para que eles vejam até onde chega a fabulosa aventura humana, desde que -

## Capítulo 18º

Chuva, chuva, chuva.

É a primeira chuva a que assisto da minha janela de hóspede — neste verão que bem pode ser a primavera, pois não tenho noção do tempo nem disponho de bússola para me guiar entre as horas do dia e da noite. Ontem o deputado que se senta ao meu lado na mesa garantiu-me que estávamos em agosto, e até fez o sinal da cruz sobre o peito para demonstrar que não estava mentindo; mas eu tenho minhas dúvidas a respeito e continuo acreditando que não estamos sequer em janeiro ou em março, pois o rio que ouço a distância continua a caminhar para a direita e só com a chegada da primavera é que ele se volta para a esquerda e se torna realmente belo.

Presumo que aqui me encontro aproximadamente há uns vinte anos, ou uns cinco pelo menos, pois já me habituei com a cama, as cadeiras e a mesinha de cabeceira, e não sou de me habituar muito depressa com as coisas. Eu poderia, bem sei, perguntar ao criado ou à criada que me servem todos os dias, ou mesmo ao próprio gerente do hotel, ou ainda à sua jovem esposa tão louça e já tão vesga, o tempo exato em que aqui me encontro e o mês e o ano em que porventura estamos vivendo nesta fria noite de chuva; mas tenho receio de que eles me tomem por um maníaco que está sempre a querer saber as coisas, eu que tenho fama de tão discreto e de tão educado, e prefiro morrer sem saber o dia da minha morte a ter que causar-lhes tamanha decepção.

De resto, a noite não é tão triste assim, e eu bem posso, querendo, sentar-me à beira da cama, colocar as duas mãos na frente como o faria qualquer sujeito de bom senso, e distrair-me assim com o espetáculo da parede sempre branca e sempre imóvel, a dois palmos do meu nariz. Livros eu não tenho para ler no momento, nem eles dão coisa que preste e que me faça mais sábio do que sou, pelas amostras que já tive nestes últimos tempos (À

Bíblia que me deram a ler era exatamente igual a todas as Bíblias que eu já conhecia antes de vir para cá, e o romance policial que de certa feita me emprestou a empregada trazia uma história ingênua e fácil de ser desvendada, como pude verificar logo pelas últimas páginas.) Violão também não tenho, nem piano, nem saxofone, de maneira que a chuva ainda é a melhor coisa que me poderia acontecer nesta noite sem mês e sem ano, já que as paredes brancas e iguais já não me oferecem segredo nenhum, à força de eu me postar diante delas como diante de um espelho.

Exatamente: a noite foi feita para os galos dormirem e os insones roerem a sua insônia. Roerem — não disse bem?

Assombra-me (sempre me assombrou) ver a facilidade com que certas criaturas se recostam num travesseiro e caem logo num sono profundo, como se se houvessem suicidado inteiramente, sem problema nenhum a resolver no dia seguinte. Parecem bonecos de corda a que de repente faltasse a corda, e a sua consciência é também uma simples questão de corda a mais ou a menos, como o é também a sua voz, em tudo igual à de um boneco que fala mamãe. Em mim, o superlúcido, o sono foi sempre uma conquista muito difícil, e sua escalada através dos anos sempre me pareceu mais penosa e meritória do que a do Himalaia ou mesmo a do monte Everest.

Agora a chuva baila em torno da minha cabeça, e no hotel todos dormem ou fingem que dormem pelo menos, num silêncio que marca com exatidão o barulho da chuva sobre o telhado. Seu eu gritasse é possível que a chuva continuasse caindo, mas o silêncio pelo menos deixaria de existir dentro do meu quarto e dentro dos quartos vizinhos, e a chuva já não teria a marcá-la o compasso unânime do sono de todos os imbecis da terra. Vou gritar, espera!... — Não, é melhor eu deixar para gritar amanhã, ou num domingo, que é dia de júbilo universal e é quando todos gritam sem motivo ou pelos motivos mais tolos. Agora vou pentear o cabelo com a água da chuva, olhar um pouco mais o céu indevassável através das grades da janela (por causa dos ladrões) e depois recolher-me ao leito, como uma criança de dois anos. Nos meus bons tempos esta era a hora exatamente de eu sair à rua, de guarda-chuva aberto e a alma

escancarada, até que encontrasse um bar simpático que me acolhesse e ao guarda-chuva e nos deixasse ficar a sós até alta madrugada. (Neste hotel, não sei por que, o regime é mais severo do que nos outros, e o hóspede não tem direito de pôr o pé na rua sem falar com o gerente ou com o subgerente, que geralmente lhe negam autorização. Coisas da nova democracia, parece-me.)

Outra coisa que a chuva me faz lembrar sempre são os mortos. Tive um amigo que de certa feita escreveu esta frase lapidar: A chuva dá de beber aos mortos, e talvez por isso eu não possa sentir a chuva sem sentir a presença dos mortos ao meu lado, e até mesmo dentro de mim.

Por outro lado, não é verdade que os mortos hão de sentir-se apavorados dentro da terra encharcada e gotejante, sobretudo os mortos recentes e que ainda não estão acostumados com a sua solidão? Eu, depois de morto, tanto se me dá que chova ou que deixe de chover, mas aquela frase do meu amigo não deixa de ser bela e profundamente inspiradora. Não acredito que a sede seja o que mais importune os mortos no seu silêncio, mas a poesia é sempre necessária e é bom que os poetas estejam lembrando-se dos mortos nos dias de chuva, como uma mãe dos seus filhos.

Agora que já olhei a chuva mais uma vez, e que o silêncio persiste dentro deste hotel mal-assombrado (mudar-me-ei amanhã) — o que me resta a fazer é não fazer nada, como sempre, e esperar que as horas escoem lentamente e que o meu corpo durma antes de mim, ao peso do cansaço e da mais absoluta monotonia. Deitar-me-ei como um faquir sobre os espinhos do meu leito — bela imagem, sem dúvida — apagarei a luz, rezarei um padre-nosso (eu que não creio em Deus nem creio que ele possa crer em mim) e fingirei de morto por algum tempo, só respirando e deixando que me bata o coração, por via das dúvidas. No escuro a noite é completamente escura, como o podem atestar todos os insones da terra, e o jeito que resta é a gente esperar que, mesmo com chuva, a alvorada volte a raiar no vidro da janela, e com ela de novo as esperanças e as ideias felizes, que são sempre as mesmas sempre, apesar de todas as decepções ou talvez por isso mesmo.

## Capítulo Doze

No pátio onde nos reunimos à tarde para conversar, fiquei conhecendo ontem um senhor muito idoso e muito educado, que se diz representante do Imperador da Rússia, embora não saiba uma só palavra em russo, segundo pude constatar. Falamos sobre assuntos diversos, conforme manda a boa diplomacia, e no fim concluímos que ambos gostamos imensamente de sorvete, sobretudo de sorvete de frutas, o que nos deixou profundamente satisfeitos pela feliz coincidência.

O calor era tórrido, como convém a uma conversa sobre sorvetes, e logo se aliou ao nosso grupo de dois o potentado hindu a quem vendi por uma ninharia a minha famosa coleção de palitos de fósforo e que se chama, se não me engano, José. Conversa vai, conversa vem, quando demos por nós já éramos uns quinze a falar ao mesmo tempo e sobre os mais variados assuntos, o que motivou a interferência de um dos garçons do hotel, que nos pediu silêncio.

Não entendo, sinceramente, como um hotel de boa reputação como este permite que os seus hóspedes se imiscuem na conversa uns dos outros sem ao menos serem apresentados, criando situações por vezes difíceis e ruidosas, que podem muito bem um dia levar até o crime. Ontem, não fora a pronta intervenção do referido maître-d'hôtel, eu teria esganado com todas as forças dos meus dedos uma respeitável matrona que mora na outra ala do edifício e que, ao passar por mim, me piscou impudentemente o olho esquerdo, e depois o direito, sem ao menos me dar as razões por que o fazia, embora essas razões me parecessem óbvias. O professor de matemática, que se diz nas horas vagas sobrinho torto de Napoleão Bonaparte, acirrou-me com palavras de ódio contra a pecaminosa e desconhecida senhora, e o mesmo fizeram uns dois ou três que se encontravam a discutir ao meu lado e que casualmente se inteiraram do fato. Felizmente o incidente foi contornado e superado pela ação viril do maître que se achava a observar tudo a pouca distância de nós, e ainda pela diplomacia realmente eficaz do

representante do Imperador da Rússia que me aconselhou a acender um cigarro e a contar até cento e vinte.

Nesse pátio ensolarado, que é tudo quanto temos para espairar nossas muitas ideias, enquanto não termina a malfadada guerra entre os bôeres e os negros (suspeita-se da presença de espiões entre nós) aprendi a conhecer uma fauna rica e por vezes miraculosa, como de resto deve ocorrer em todos os hotéis finos e que se prezam, sobretudo durante a guerra. A princípio, como manda minha alta categoria, procurei esquivar-me de contatos malsãos ou quando menos suspeitos, só respondendo por monossílabos às perguntas dos desconhecidos ou mesmo de alguns garçons encarregados de nos tomar a temperatura para a estatística do governo. Com o tempo, porém, e sobretudo com o mau tempo, acostumei-me a entabular conversação com um ou outro desses companheiros de vilegiatura, sempre porém mantendo essa discrição que sempre me caracterizou mesmo entre os mais discretos, não fora eu um espião nato e prevenido contra todos os espiões deste planeta.

Assim foi que, seja à hora das refeições, seja à hora de recreio no pátio cercado de altos muros (para evitar ataques aéreos), fiquei conhecendo intimamente o famoso

cientista anônimo que nas horas vagas escreve versos futuristas e se dedica à fabricação de bilboquês sem barbante, mais leves e mais econômicos do que os outros. Fez-me ele uma demonstração prática de seu engenhoso invento, servindo-lhe a cabeça de bola e um de seus dedos de base de sustentação, o que me impressionou vivamente. Conheci, também, embora menos intimamente, um legado pontifício que se fez passar por modesto funcionário bancário para melhor fiscalizar os altos interesses da Igreja em todo o mundo, e que de certa feita me confessou estar empenhado na criação de um novo Deus — coisa nunca vista — que lhe permita, um dia, emancipar-se economicamente. Esse mesmo legado, aliás, apresentou-me ao seu secretário particular e possivelmente o futuro Messias redivivo, o qual, durante todos o tempo em que conversamos, não disse bolacha nem se mostrou

impressionado com o seu bigode supersônico, limitando-se a sorrir vez por outra, a propósito das coisas mais sérias.

Há também o caso do cidadão mais preto do que branco, com lentes poderosíssimas assestadas sobre o nariz, e que por diversas vezes procurou interessar-me na exploração de um veio petrolífero de sua propriedade, mas sem qualquer auxílio norte-americano, o que me pareceu absurdo. Delicadamente fiz-lhe ver que não gostava de óleo, nem mesmo às refeições, e que o assunto aliás escapava à minha alçada particular, sendo como sou casado em regime de comunhão de bens. Esse mesmo senhor petrolífero, de certa feita, atirou à hora do almoço um garfo em pleno nariz do legado pontifício, só porque este não lhe quis passar uma travessa de arroz, o que me impressionou mal e fez esquivar-me ainda mais de suas poderosíssimas lentes. Parece que o escândalo foi abafado, ou pelo menos não se voltou a falar nisso até a presente data, que é, se não me engano, 26 de fevereiro.

Outras pessoas, mais distintas, que sou obrigado a ver sempre, por força do regime de guerra a que estamos submetidos, são, por exemplo, o grande artista de cinema Heliodoro Papanatas (grego) — irreconhecível em seu travesti de Dama das Camélias, e que por duas vezes já tentou suicidar-se atirando-se contra a parede como uma bola de pingue-pongue; o sobrinho torto de Napoleão Bonaparte a que já me referi antes, mas que por sua alta ascendência merece aqui nova citação, como se faz nos campos de batalha; um misterioso senhor Valadão, de sobrancelhas espessas e que tem o péssimo hábito de cuspir por todos os cantos (a mim já me cuspiu duas vezes) — e que ultimamente parece ter sumido de circulação, ou pelo menos já não o tenho visto cuspendo sobre o próprio prato de comida; o astrônomo Dr. Keither, de ascendência judia e Premio Nobel de Química de 1952, e que se mostra sempre muito afável para comigo, discorrendo horas seguidas sobre a importância das migrações indo-europeias sobre as descobertas etruscas e vice-versa, para só falar do seu assunto preferido; o estudante de filosofia que diz chamar-se Vinícius, mas que desconfio tenha realmente outro nome, e que tem a mania de recitar versículos bíblicos a propósito de todos os assuntos e mesmo a

propósito das coisas mais escabrosas, como sejam as nádegas da senhora do gerente ou subgerente, e que na verdade são bem volumosas. E muitos outros ainda, todos do sexo masculino e dotados mesmo, alguns, de excelentes barbas, que em nada ficam a dever às do poeta Walt Whitman ou às do rei Artur.

O que me parece aliás inconcebível, neste hotel, é a separação arbitrária que fazem entre homens e mulheres de ambos os sexos, não nos permitindo nunca, ou quase nunca, ver o que se passa no pavilhão que fica à esquerda da minha janela e onde, a julgar pelas vozes, deve reinar uma alegria tipicamente feminina — entremeada, é bem verdade, de um ou outro grito de pavor. Não fossem as empregadas do hotel,

que são muito delicadas mas nem sempre bonitas, e nem sei como haveria de arranjar-me um dia para contar aos meus amigos, lá fora, as muitas aventuras frasearias e sentimentais que sem dúvida ainda estão para acontecer-me no futuro. Penso que mais uma vez é o caso de formular o meu mais veemente protesto contra a maneira estranha por que nos vêm tratando, a todos, neste hotel que nem sequer um nome decente tem, ou se tem não é do nosso conhecimento nem consta das colchas e das fronhas que nos dão para dormir. Levarei amanhã o caso ao conhecimento do gerente, que já me conhece de sobejo, e se preciso irei ao Presidente da República e à sua exma. esposa, que devem ser criaturas importantes e capazes de reconhecer nossos direitos.

(É bem verdade que só me interessam as mulheres deste hotel que saibam impor-se o devido respeito, e não essas que a três por dois estão a piscar-nos um olho quando porventura passem ao nosso lado, nos dias de audiência coletiva ou em festas de data nacional. Exijo de meus semelhantes, sejam eles de que sexo for, o mínimo de maneiras e gestos compatível com as boas normas de educação cristã; e não é piscando os olhos aos outros que se granjeará a fama de criatura civilizada e cem por cento honesta, mesmo durante um período difícil como este por que visivelmente estamos passando.)

## (Sem Capítulo)

Ontem houve um enterro aqui no hotel. Não foi dos mais belos, mas sempre alegrou a vista.

Morreu exatamente o ator Papanatas, que desta vez se atirou à parede como se fora uma bola de futebol e não de pingue-pongue, e morreu imediatamente. Depois de muito insistir deixaram-me ver o corpo, todo vestido de azul como uma papoula. Trazia as narinas abertas, e não fechadas como eu suponha, a aspirar o ar ambiente, trescalando a vela. A cabeça estava envolta numa faixa muito bem apertada, certamente para que os miolos não saíssem pela abertura feita pela parede, já que não puderam sair pela boca, nem pelo nariz, nem mesmo pelos ouvidos. Mas era o mesmo Papanatas de sempre, ou antes, a Dama das Camélias, como ele gostava que o chamassem.

Houve muito pranto, graças a Deus; e eu temia que não houvesse, não sei bem por quê. Eu mesmo arrisquei uma furtiva lágrima, que caiu bem no nariz de Papanatas e depois rolou pela sua boca, só não entrando porque o lenço estava muito bem amarrado e ali não passava nem um palito. Mas quem chorou de fato foi uma mulher de nádegas enormes — um pouco calva, me pareceu — e que, quando deixava de chorar, era pra fitar-me com um olhar suspeito, como se houvera sido eu o assassino de Papanatas e não ele mesmo. Também chorou uma mocinha de seus quinze belos anos, muito linda para um funeral tão pobre, e com quem eu flertei entre um pranto e outro, para não deixar escapar tão bela oportunidade.

Não houve biscoitos, como é de praxe, nem sequer uma xícara de café fumegante e aromático, como nos bons tempos em que havia um morto dentro da nossa casa ou em casa dos vizinhos mais afortunados. Em verdade tudo se limitou a um espetáculo muito banal e em parte ridículo, do qual me aborreci logo e tratei de esquecer-me assim que me vi no corredor, ao lado de um dos criados que gentilmente se prontificou a acompanhar-me.

Gosto de morte, realmente, e sobretudo de mortos, mas me parece que Papanatas poderia ter arranjado uma morte mais digna e menos vulgar, com bimbalar de sinos por exemplo e alguns foguetes de chuva de prata, que são os mais belos para ocasiões semelhantes. Vou falar mesmo com a mulher do subgerente nesse sentido, assim que ela venha aplicar-me a injeção de soro da juventude que o Governo manda aplicar gratuitamente em todos os hóspedes do hotel.

E, aproveitando, tentarei passar-lhe as mãos pelos joelhos, e se possível pelas coxas, embora não o permita o novo regulamento.

## Capítulo sem Sexo

Veio visitar-me minha mãe, ou pelo menos alguém que assim se disfarça para poder me ver sem perigo.

Minha mãe era diferente, eu me lembro, e não tinha esse choro fácil com que essa desconhecida me brindou durante toda a entrevista, fitando-me com olhos desesperados. Minha mãe era alegre, vivia a rir um riso largo e desprendido das coisas terrenas, como se fora um pássaro voando sobre um mar de cinzas, mas um pássaro alegre. Ontem minha mãe tinha o olhar cavo e triste; logo, não era minha mãe.

A entrevista durou um tempo longo, durante o qual fumei vários cigarros e procurei posar de bom filho, para não desgostar a infeliz criatura. (Suponhamos que seja uma pobre louca que tenha perdido o filho — pensei eu, e cheguei mesmo a imaginar um romance que tivesse exatamente esse desfecho cruel.) No fim eu já estava tão habituado com as lágrimas da mulher e tão compenetrado do meu papel, que passei a tratá-la por mamãe — o que lhe causou, e a mim também, um bem-estar indescritível. Cheguei, um momento, a pegar-lhe as mãos em retribuição às suas carícias, e a fitá-la com um olhar de infinita ternura, que lhe deve ter feito um bem enorme, a julgar pelo sorriso que deu.

Falamos — ou, antes, ela falou e eu respondi — de coisas várias e aparentemente estranhas, que a mim não me comoviam absolutamente e que um segundo depois eu já havia esquecido, como de fato esqueci completamente. Lembro-me apenas de que, às tantas, ela abriu um pequeno embrulho que trazia sobre o colo e dele tirou, como num passe de mágica, um pacote de balas e um tablete de chocolate, que me entregou com um sorriso exultante, como se eu realmente fosse seu filho. Não direi que não tenha gostado do presente, mas confesso que o recebi meio constrangido e sem jeito, talvez porque o maître-d'hôtel, que se havia postado a certa distância, esticou o pescoço para ver do que se tratava e chegou a esboçar um gesto de impedimento. Suspeita-se cada vez

mais da existência de espões entre os hóspedes, e essa atitude de precaução por parte do gerente e dos seus empregados não deixa de ter, afinal, o seu fundamento.

Provados os doces, com a discrição que o momento exigia, levei minha mãe a visitar algumas dependências do estabelecimento franqueadas ao público, sobretudo o grande pátio de recreio, que lhe pareceu muito limpo e aprazível. Havia muita gente em torno, mas passávamos entre todos como se fôssemos nobres exilados em meio a uma malta de vagabundos, sem lhes dar a mínima atenção — eu com um pedaço de chocolate entre os dedos. Assobieei um pouco, para alegrar um pouco o ambiente, e depois fomos parar os dois juntos à amurada que dá para o bosque onde corre, sereno, o rio da Monotonia, como o chamei eu num dos meus versos mais felizes. Ali o tempo passou mais depressa e esqueci completamente a presença da minha doce companheira, absorto como sempre fico diante de um espetáculo de tão calma beleza. Quando dei por mim, já estava a sós no meu quarto, arrumando cuidadosamente na gaveta os caramelos que haviam sobrado, para que não os viesse a descobrir a empregada que arruma a cama e nas horas vagas me aplica o soro da juventude.

E agora que estou só, neste quarto de paredes imóveis e de profundo silêncio, sinto dentro de mim um amor filial que de há muito não me visitava e que só posso atribuir à tragicomédia que me vi obrigado a representar esta manhã, junto à pobre criatura que perdeu todos os seus filhos nas três últimas guerras. Que bom seria, realmente, se aqueles olhos tristes e repassados de ternura fossem na verdade os olhos de minha mãe, os mesmos olhos que em vão procuro recordar através da névoa cada vez mais espessa destes dias cinzentos! Que eu ainda daria um bom filho, apesar de tudo, penso que não resta a menor dúvida, mesmo porque há certos momentos em que sinto uma grande falta de um colo macio e morno onde recostar a cabeça e dormir tranquilamente — dormir, dormir, dormir, como se eu fosse apenas um passarinho. E onde, em que lugar da China, ou dos Estados Unidos, eu pergunto, poderia haver esse abrigo seguro e sem mortes, senão no peito de uma mãe verdadeira ou mesmo falsa, que me acolhesse e às minhas aflições

sem pedir-me nada em troca, mesmo porque não teria nada para oferecer?

E tanto sinto em mim esse filho perdido, neste instante mais do que nunca, que vou pedir ao porteiro do hotel que deixe de novo visitar-me, quantas vezes ela queira, essa mãe triste e sem filhos que não teve pejo de chorar sobre o meu ombro, na presença de estranhos e de agentes da mais perfeita rede de contraespionagem de que tenho notícia. Afinal, apesar dos pesares, bem pode ser que um de seus filhos se tenha realmente reencarnado neste meu corpo franzino e doente, embora eu não seja muito de acreditar nessas coisas, nem mesmo em quaisquer outras coisas passadas, presentes ou futuras.

## Capítulo 99

Cada vez rareiam mais as informações que temos do exterior — seja da cidade, seja dos campos — o que me leva a crer que estejamos realmente sitiados por todos os lados e às vésperas de acontecimentos funestos e imprevisíveis.

Somente ontem, e por um acaso, foi que o digno representante do Imperador da Rússia veio a saber que o Imperador da Rússia não existe, o que o levou ao desespero por uns instantes e o fez criar um pequeno tumulto à hora da refeição — não sei dizer se do almoço ou do jantar, pois que o dia estava muito escuro. Afinal acabou por apaziguar-se diante das palavras sensatas do Dr. Keither, que lhe fez ver que, não existindo o Imperador da Rússia, poderia ele muito bem tornar-se representante do Imperador da Abissínia, e o empossou desde logo no cargo.

A efervescência política, aliás, é o clima frequente e em parte já monótono dessas reuniões à hora do almoço e do jantar, quando todos procuram ao mesmo tempo defender suas convicções ou a sua falta de convicções (o meu caso) com o ardor que dá o barulho dos talheres sobre os pratos ou a simples presença do ensopado com batatas parcimoniosamente servido pelos garçons. De minha parte, limito-me a comer e a observar com o rabo do olho meus belicosos companheiros, só me arriscando a uma opinião qualquer quando a isso me obriguem as circunstâncias, como no caso daquele cidadão que a viva força queria convencer-me de que o xá da Pérsia era mais poderoso do que o xá da Índia, que conheci pessoalmente. Não fora o regulamento do hotel proibir terminantemente o uso de facas durante as refeições (e também fora delas) e não sei a que guerra civil seríamos levados diariamente ao calor dessas discussões aparentemente sem importância, mas na verdade de uma importância histórica decisiva, como ainda se verá algum dia, ou mesmo alguma noite.

Mas o fato é que, para consolar em parte o ainda inconsolável representante do Imperador da Rússia, que agora o é somente do

Imperador da Abissínia, vi-me na contingência de prometer-lhe alguns aforismos de minha própria lavra, para a sua coleção de aforismos célebres ou quase célebres, de que ainda ontem ele estivera a falar-me em tom de absoluta confiança. Faz em verdade muito tempo que não me dedico a esse gênero literário em geral tão apreciado, sobretudo entre os antigos, mas creio que com um pouco de esforço poderei desincumbir-me da tarefa, tanto mais que hoje, como todos os dias, o tempo me sobra de uma maneira espantosa e a insônia me vigia com aquela perseverança de que só ela é capaz. Mas vejamos o que sai:

\* Os homens, as pulgas e as ratazanas se assemelham nisto: que hoje estão vivos mas amanhã estarão mortos, irremediavelmente mortos, e para sempre.

\* O grande pátio onde de manhã tomamos sol nem sempre tem sol, o que demonstra a incúria do governo e a irresponsabilidade daqueles a quem pagamos para que nos deem sol, já que não nos podem dar a liberdade.

\* Se Napoleão Bonaparte não houvesse existido, que seria de seus filhos e netos e de todos os seus sócias e falsos sócias, que se blasonam desses títulos como da coisa mais importante deste mundo? Que o responda seu sobrinho torto, se é que o é realmente.

- A mulher do gerente é vesga mas tem um belo par de pernas, o que não deixa de ser uma compensação. (Não, isto não chega a ser propriamente um aforismo.)

- À noite a lua vem da Ásia, mas pode não vir, o que demonstra que nem tudo neste mundo é perfeito.

- Quando sair daqui, vou matar a pedradas o médico que matou meu irmão no hospital e não foi punido até hoje. Pena que ele não possa ouvir os próprios gritos, pois que é surdo.

- As flores têm o perfume que a terra lhes dá sem ser perfumada. Assim, também nós devemos dar a nossos atos aquilo que não trazemos em nós mas de que somos realmente capazes, e que não morrerá com a nossa morte.

- Como o criado da noite veio apagar a luz do meu quarto, este fica sendo o último aforismo que escrevo, fazendo-o no escuro e sob protesto.

## Capítulo Vinte

Há momentos em que me sinto mais lúcido, e há outros em que pelo contrário sinto uma presença estranha dentro de mim, como se devêssemos ser gêmeos e houvéssemos nascido dois num corpo só. Esse meu irmão sepulto em mim leva-me a cenas de verdadeiro ridículo, quando não de desespero, como aconteceu ainda há pouco, quando eu queria dormir e ele teimava em ensaiar um novo passo de bale, rodopiando pelo quarto inteiramente nu. Se há os que acreditam em metempsicose, eu tenho o direito de acreditar nessa dualidade de meu ser, ou antes, nessa existência oculta de meu irmão gêmeo dentro de mim e que um dia brotará de meu corpo como um dente de siso retardado. Muitos me julgarão excêntrico por isso, e eu sei que julgam, mas o fato é que sou apenas sincero e não costumo ocultar as perplexidades a que me submete minha natureza, como fazem as outras pessoas.

As outras pessoas, aliás, se resumem para mim numa pessoa só: o mundo — ou, como se diz geralmente, todo mundo — e é meu dever preservar minha individualidade (ou minha dualidade, pouco importa) contra a presença esmagadora desse monstro de mil cabeças que tenta pisar-me e reduzir-me à ínfima condição de um palito, embora de fósforo. Aprecio imensamente certas pessoas — o Dr. Keither é uma delas, com sua filosofia e seu Premio Nobel de Química de 1952 — mas sinceramente não vejo por que deva renunciar ao que sou, na presença de seres estranhos e que certamente terão sua própria individualidade a resguardar. Nesse ponto não cedo um só fio do meu cabelo, e estou disposto a sofrer todos os martírios e torturas que queiram impor-me aqui ou em qualquer outra parte do mundo, como de resto tem acontecido desde que nasci. Morrerei pobre e confinado entre estas quatro paredes, sob a pecha de espião ou de excêntrico nocivo aos altos interesses do Estado e dos que vivem à custa do Estado, o que vem a dar na mesma; mas morrerei eu mesmo e mais ninguém — eu e meu irmão gêmeo, quando muito — e essa fidelidade ao meu corpo

será o meu único título de glória, se é que preciso de título de glória para alguma coisa.

Certa vez, no Exército, um velho sargento, sob pretexto de incutir-me no espírito a teoria do tiro, agarrou-me pelo pescoço e sacudiu-me violentamente várias vezes, levantando-me a uma altura razoável do solo. Deixei-o sacudir-me à vontade, sem uma só palavra de protesto, mesmo porque o estrangulamento fora muito bem feito e eu mal conseguia respirar; assim, porém, que me vi em terra firme, desfechei-lhe com os dedos duas violentas estocadas bem no meio dos olhos, cegando-o imediatamente. Foi reformado com o soldo integral, segundo soube, e eu continuei ileso e cada vez mais cioso de minha ignorância em matéria de balística e de carnificinas heroicas, como de resto espero viver até o fim dos meus dias.

De outra feita foi uma arquiduquesa húngara, de vida fácil mas não tão fácil quanto parece, e que se apaixonou pelo meu corpo em plena cidade de Cracóvia, oferecendo-me em troca seus belos seios, sua voz de contralto e um perfume de bosque úmido que jamais voltei a encontrar em outra mulher, viva ou morta. Enquanto se contentou em usar do meu corpo como se fora uma propriedade sua, nada tive a objetar-lhe, mesmo porque os tempos eram difíceis e a sua cama e a sua mesa eram perfeitamente desfrutáveis; desde porém que certa noite, entre uma cópula e outra, quis convencer-me da necessidade de eu participar de um complô terrorista em sua bela pátria, invocando para isso razões sentimentais e outras que não me diziam respeito, abandonei-a imediatamente e num acesso de gargalhadas atirei-lhe com um vaso de flores na cabeça, o que me custou dois dias e meio de prisão.

Também no Conservatório de Varsóvia, onde aprendi a tocar berimbau com o professor Hepsteimm, tive oportunidade de demonstrar, de uma feita, meu irrestrito apego à minha liberdade moral, quando fiz voar pelos ares a tuba e a clarineta da Orquestra Sinfônica Nacional, com um pontapé endereçado a um músico idiota que me chamara de estrangeiro, eu que sou o mais perfeito exemplar de cidadão do mundo de que já se teve notícia até hoje. Criei um ligeiro caso internacional com essa minha atitude ao

mesmo tempo intempestiva e tempestuosa, mas pelo menos me mantive íntegro e soberano em minha profunda individualidade, e não tive por que envergonhar-me depois diante do espelho.

Agora, nesta sexagésima milionésima insônia que atravesso de olhos abertos e coração angustiado, resta-me quando menos esta certeza de que sou realmente eu e mais ninguém — ou, ainda uma vez, eu e o meu irmão gêmeo ainda sepulto em mim e que um dia virá à tona como um naufrago de três dias. As paredes me prendem dentro deste quarto de hotel sem nenhuma beleza; proíbem-me por motivos políticos de sair à rua e de saber inclusive em que cidade exatamente estou, eu que sou globe-trotter e amante de todos os horizontes; submetem-me ao vexame de ter que tomar todas as noites uma dose de soro da juventude, eu que nem sequer ainda estou velho e não pretendo jamais voltar a ser jovem algum dia, eu que nunca o fui realmente; espionam-me por todos os cantos a até quando estou a sós dentro do gabinete sanitário, como se eu fosse um criminoso comum e não um hóspede com todos os direitos que a legislação dos hóspedes lhe garante, seja aqui como na Cochinchina; uma coisa porém eles não me tomam, eles os espiões de todas as nacionalidades, as prostitutas húngaras ou mesmo iugoslavas, os falsos amigos e sobretudo os verdadeiros, os membros de todas as orquestras sinfônicas do universo, os gaitos da polícia nacional e internacional, os boxeuses e os lutadores de jiu-jítsu de todas as categorias ou faixas: e é esta consciência que trago de eu ser apenas e cada vez mais uma propriedade minha, exclusiva, indivisível, una, prima inter pares, nec plus ultra, e mais citações latinas que se façam necessárias e convenham como fecho a um capítulo tão importante como este, sem dúvida o mais importante que já escrevi e escreverei em toda a minha vida de cavaleiro andante.

# Capítulo I (Novamente)

Razão tinha eu de suspeitar . Dissipou-se afinal a cortina de fumaça que encobria em parte o mistério deste hotel internacional em que me jogaram há mais de vinte anos. Não estamos num hotel, e sim num tenebroso campo de concentração, com tortura e tudo, a julgar pela que me infligiram ontem.

Levaram-me, logo pela manhã, a uma câmara de gás onde havia uma cadeira elétrica (que logo constatei ser uma cama e não uma cadeira) e na qual sem dúvida pretendiam extorquir-me algum segredo de Estado, de que sou portador mas que sinceramente ignoro qual seja. Fizeram-me deitar nessa pseudocama, inteiramente nu e amarrado — com toda uma equipe de guardas ao lado, disfarçados de enfermeiros — e puseram-me na cabeça uma espécie de capacete de aço (um pouco mais confortável, sem dúvida) do qual saía ostensivamente um par de fios elétricos.

Não me deram chance nenhuma de defesa, pois nada me perguntaram nem responderam a nenhuma das minhas perguntas, como se o meu caso já fosse um caso perdido e que tribunal nenhum pudesse mais apreciar. Atado como estava, e amordaçado como um cão raivoso, vi perfeitamente quando ligaram uma chave elétrica que se achava bem junto à porta de entrada — e senti a morte despedaçar-se de encontro à minha cabeça, como se um bólido houvesse caído do espaço e fosse escolher justamente o meu crânio para campo de pouso. Não direi que gritei, mesmo porque não me sobrou tempo nem lucidez para isso — mas o que afirmo é que me transformei instantaneamente num cadáver e me senti mais frio do que um cubo de gelo jogado na gaveta de uma morgue. Vez por outra um pálido reflexo de consciência assomava à minha cabeça imobilizada, e eu divisava o teto a uma distância infinita e ouvia disparatadas as vozes de meus algozes, como num quadro surrealista ou numa cena de grand guignol, num segundo, porém, tudo se apagava de novo e eu voltava à minha condição de cadáver

congelado, ao choque brutal de uma bomba que me estourava os miolos.

Quando voltei a mim, após a ressurreição da carne, eu me encontrava deitado e imóvel no meio da minha cama, sem outro pensamento que não fosse o de respirar profundamente e de escutar bater o meu próprio coração, tão espantosas me pareciam essas coisas tão simples, mas que são em verdade espantosas e dignas da maior consideração.

Agora pergunto: que querem de mim, realmente, esses senhores e essas senhoras que até ontem eu tomava por gerentes e criados de um hotel de luxo, embora estranhando sempre o regime severo de vigilância a que estava, como todos os demais hóspedes, sujeito dia e noite, e até mesmo durante o sono? Que segredo importantíssimo é esse que querem arrancar-me à força, lançando mão inclusive das mais terríveis ameaças, como essa extrema da cadeira elétrica, sem julgamento prévio e sem conforto ao menos de um confessor?

Que eu me lembre, nada fiz ultimamente que merecesse um castigo tão capital,

nem trago também comigo um segredo que não possa ser revelado de portas abertas e a plenos pulmões, ou que me torne pelo menos suspeito de lesa-majestade, ou lesa-pátria, ou mesmo lesa-santidade, para só citar os três crimes mais graves que no momento me ocorrem.

Estaremos porventura numa nova Inquisição, ou será a mesma antiga que nunca deixou de existir e que só agora, pela primeira vez, se fez sentir em toda a sua plenitude sobre meu peito cansado e meu olhar triste, por motivos que desconheço e que aos outros parecerão óbvios? (Serei tão herege assim, eu que nem sequer nunca pensei em criar um deus à minha imagem e semelhança e em adorá-lo como se adora um senhor todo-poderoso, com subserviente hipocrisia?) Ou será que efetivamente sou um agente secreto de qualquer potência estrangeira — tão secreto que eu mesmo não sei — e, dotado de dupla personalidade, esteja no momento posando de santo, até que eles provem o contrário e me lancem com a minha verdade em pleno rosto? Tudo é possível neste

mundo de infinitas surpresas, e o que me resta, como a eles, é apenas aguardar que os acontecimentos se sucedam por si mesmos e que eu venha a revelar um dia, por bem ou por mal, meu terrível segredo, ou — o que será mais triste minha desesperada inocência.

# Capítulo

Foi no tempo em que os bichos falavam.

Havia na minha cidade uma pequena praça mal iluminada, e nessa praça um circo. O anjo da guarda ainda não me havia abandonado — eu era puro de alma e corpo

— e me apaixonei perdidamente por uma menina da trupe, que era loura e trabalhava no trapézio. Só não foi o meu primeiro amor na vida porque antes já havia amado Clara, mas foi o mais distante e o mais impossível.

Daí nasceu, se não me engano, a minha vocação de clown — para muitos frustrada, para mim sempre vigilante — e que um dia explodirá de mim como fogos de artifício, pasmando incrédulos e iluminando os céus. Eu, o clown Barnabó, ex-burocrata, ex-espião comunista, ex-sentenciado à cadeira elétrica — ex-tudo, enfim. Clown simplesmente, o que é demais.

E é esse clown que agora me faz suportar com a devida filosofia esta prova de fogo a que me submetem os carrascos de todos os tempos, ao tentarem arrancar-me a verdade, que em mim está bem à flor da pele. Se eu vivesse no tempo de Pilatos certamente seria crucificado hoje mesmo; mas os tempos hoje são outros, e se contentam em deitar-me numa cama confortável, com um capacete alemão de contrapeso. O objetivo, porém, é sempre o mesmo — a Verdade — como se eu tivesse uma única verdade e não muitas, todas à flor da pele e lutando entre si como num campo de batalha. É verdade que nem todos leem a minha verdade plural, escrita em linguagem simples, e eu não me sinto obrigado a dizê-la de viva voz, como quem recita uma lição de catecismo; eles que me leiam sem complicações, como se eu fora apenas um homem e não um poço de hieróglifos.

Aliás, estou decidido a calar-me agora mais do que nunca, a fim de não proporcionar aos meus algozes o espetáculo de uma covardia que não tenho e que jamais será minha. Torturem-me até a mutilação, ponham-me nu quantas vezes queiram, eu que já vivo nu

sem que eles o percebam; deixem-me incomunicável em minha cela como se eu fora um anacoreta, eu que de fato sou um oásis cercado de deserto por todos os lados; — força nenhuma me fará abdicar de minha força ou mesmo de minha fraqueza, como nenhum instrumento de tortura me fará sair da minha pele, que afinal é a minha cidadela. Posso gritar, e acredito mesmo que venha a gritar muitas vezes, já que para isso foi dado o grito ao homem e o grito é apenas uma forma de defesa como outra qualquer; jamais, porém, me farão dizer A quando é 8 ou J que eu deva dizer, nem me crucificarão impunemente, sem que eu lhes responda com um riso de escárnio na boca ensanguentada.

As nuvens que pairam no céu, negras e pesadas, são um signo do tempos difíceis que estamos vivendo, e disso não parecem aperceber-se os meus companheiros de solidão, que continuam inocentes e tranquilos como antes, como reses num matadouro. (Comem o seu pão com leite ou a sua sopa de verduras como se estivessem apenas num internato, e à hora do recreio vão discutir seus pequenos problemas no pátio sombrio ou ensolarado, como crianças, que não soubessem que Herodes voltou a reinar sobre a terra e que Pilatos cada manhã lava as suas mãos manchadas de sangue, com o ar mais compungido deste mundo). E não serei eu quem lhes irá tirar essa inocência perfeita e obrigá-los a viver comigo este cativo que desde ontem é a minha Verdade — ou uma delas, pelo menos — revelando-lhes o que é melhor não saber e que não lhes traria proveito nenhum. Continue o fabricante de bilboquês a fabricar seus bilboquês revolucionários mas inofensivos à Nova Ordem constituída, que no fundo é a mesma Nova Ordem de sempre, nem mais nem menos; empenhe-se o futuro filósofo Vinícius, ou que nome tenha, em recitar cada vez mais seus versículos bíblicos, ou suas tiraras à Anacreonte, enquanto devora com os olhos os potentes quadris da esposa do subgerente, até que esta o agarre um dia com violência e o arraste para o seu leito de Procusto, como o fez a mim que também me deixara levar por seus encantos; petrolize cada vez mais, com suas lentes de longo alcance, o amulatado e ingênuo Abdias, inimigo número um dos prestativos norte-americanos, já que isso o distrai e o faz dono de

um invejável lirismo, ele que não sabe fazer poesia de outra forma; disfarcem-se enfim como possam o untuoso legado pontifício e seu discretíssimo secretário, às voltas com sua contabilidade divina ou metafísica, já que isso não lhes prejudica e muito menos a mim, que de metafísica entendo apenas o suficiente para saber escrever-lhe o nome. Em tempo algum sairá de minha boca a verdade terrível que os lançaria em pânico e os faria retornar à primeira infância — essa mesma verdade que a mim me incutiram quando tentavam arrancar-me a que não existia, a golpes de martelo no cérebro e com todo o aparato bélico de uma eletrocução. Eles são ou parecem felizes em sua aleatória inocência — e o maior dos crimes ainda é matar a inocência onde quer que ela esteja, ainda quando a isso nos anime a melhor das intenções, que nem sempre é tão boa quanto nos parece.

## Capítulo CLXXXIV

Em Cochabamba, na Bolívia, num concurso para coveiros instituído pela municipalidade, obtive o segundo lugar, o que me valeu um contrato por dois anos com direito a dormir no cemitério. Pablo Morales, que foi nomeado comigo e obteve o primeiro lugar devido à sua larga experiência agrícola, era de pouca conversa e tinha verdadeira paixão pelo seu métier, ficando irritadiço e insuportável quando não tínhamos nada a fazer e nos víamos obrigados a cruzar os braços, como mineiros em greve. O que nos valia eram as revoluções constantes no país, que nos davam sempre um trabalho intensivo durante uma semana ou duas — ou então uma ou outra epidemia imprevista e fulminante, que arrasava com pelo menos um terço da população. De uma feita chegamos a receber duzentos mortos de uma localidade vizinha, onde ocorrera um terremoto de magníficas proporções e que proporcionou a Pablo (e a mim também) alguns serões maravilhosos, à pálida luz da lua.

Acusados de furto e violação de sepulturas, tivemos que escapar-nos às pressas numa noite de chuva e refugiar-nos em território peruano, onde Pablo foi morto a tiros por um caçador de codornas e eu, faminto, me identifiquei como sobrinho do rei da Bessarábia, até que pudessem provar o contrário. Em Cuzco tomei-me de amores por uma rapariga que não sabia uma só palavra de árabe, nem eu tampouco, e pude manter-me dignamente à sua custa durante alguns meses, até que o governo me deportou para a ilha de Sumatra num cargueiro que levava lhamas, algumas bugigangas de grosseira fabricação e meia dúzia de espiões comunistas. Da ilha de Sumatra pulei, não sei como, para a de Madagáscar, de onde alcancei a nado a costa de Moçambique, batendo todos os recordes da distância, mas incógnito. Empreguei-me como professor de natação na cidade de Beira, onde, falando embora o português, não conseguia entender o português deles e tive necessidade de arranjar um intérprete mestiço, que me roubou as poucas economias que eu tinha e ainda me levou o calção de

banho, obrigando-me a mudar temporariamente meu sistema de ensino, que de prático passou a teórico.

Nas horas vagas compunha poemas futuristas, que um de meus alunos se incumbia de traduzir para o português local e eram publicados, às quintas-feiras, no Observador Econômico e Financeiro — seção feminina. Demitido a bem do serviço público, inscrevi-me numa maratona de danças e fui transportado semi-inconsciente para um hospital de tuberculosos, onde vim a falecer na madrugada de 15 de setembro de 1934. Mas o atestado de óbito fora passado um pouco às pressas e obtive alta dois meses depois, mais forte do que um touro da Pomerânia ou de qualquer outra parte do globo.

Quando dei por mim estava em pleno coração da África Equatorial Francesa, caçando elefantes e traduzindo Virgílio para o alemão, a pedido do padre Kremmer, que não sabia latim. Com a renda obtida de 15 mil elefantes mortos e alguns leopardos empalhados estabeleci-me em Brazzaville com um negócio de falsos diamantes e uma modesta casa de tolerância, servida por três nativas e duas francesas já avançadas em anos e que morreram logo depois. Vítima de injusta perseguição da polícia, mudei-me atabalhoadamente para Leopoldville, que fica logo defronte, e onde, fazendo-me passar por filho bastardo do rei dos belgas, obtive permissão para instalar-me com um novo prostíbulo, que se incendiou pouco depois. Reduzido à miséria, deflorei a filha de um capitalista que era dono de uma mina de estanho, e com o dinheiro da chantagem que lhe impus montei uma fábrica de relíquias e outros objetos de culto religioso, que prosperou durante algum tempo mas acabou indo à falência devido à perseguição do clero local. Como o capitalista ainda dispusesse de uma outra filha virgem, dei-lhe o mesmo destino da irmã e impus dessa vez um preço mais alto do que da primeira, o que me permitiu financiar com êxito a minha candidatura às próximas eleições locais e ser eleito deputado por expressiva margem de votos. Como não conseguisse provar minha nacionalidade belga, cassaram-me o mandato arbitrariamente e ainda me moveram um processo pelos dois defloramentos (que então já eram três) executados nas barbas do tal capitalista do estanho, do que me resultou ser condenado à prisão perpétua e a

trabalhos forçados numa mina de diamantes explorada pelo Estado. Consegui fugir num helicóptero que pousou justamente a dois passos de minha picareta: eu e mais dois sentenciados belgas que me ajudaram a torcer o pescoço dos afoitos aviadores e a descobrir, dos céus, a direção exata do continente americano. Em New York fomos recebidos com as honras de heróis transatlânticos e entrevistados por uma cadeia de trinta mil jornais, embora tivéssemos a precaução de não proferir uma única palavra em inglês ou mesmo em qualquer outra língua viva. Com um contrato que nos ofereceram a Universal-International e uma fábrica de minhocas em conserva para uso de pescadores, conseguimos afinal separar-nos uns dos outros e rumar cada um para uma direção diferente (a fim de evitar suspeitas), a mim me cabendo o México e as demais repúblicas da América Central, que atravessei disfarçado em padre e mesmo em cônego — como aconteceu em Tampico — até dar com os costados na bela capital da Colômbia, que inexplicavelmente nesse dia, nem no dia seguinte, não se achava em revolução.

(Interrompido pela chegada da pseudoenfermeira, que veio aplicar-me o soro da juventude, que — agora eu sei — não passa do chamado soro da verdade, largamente aplicado durante a guerra e durante a paz. Seja o que Deus quiser.)

## Capítulo XXVI

Sobre os meus olhos a cabeça imóvel de minha mãe — de minha falsa mãe, pondere-se. Dentro das narinas um cheiro forte de enxofre, como se acabassem de tirar-me de um esgoto: de um esgoto de Nápoles, mais precisamente.

O coração pulsa-me dentro do cérebro e me faz estalar as têmporas, e nem ao menos posso passar a mão sobre o suor que me escorre da fronte, pois tenho as mãos atadas e também os pés, como o Crucificado ou mais exatamente como Prometeu no seu rochedo. Minha mãe, que faz as vezes do abutre, devora-me com o seu olhar cheio de espanto e mal se atreve vez por outra a tocar-me com a ponta dos dedos, como se eu fora um leproso. Tento cuspir-lhe no rosto mas faltam-me as forças, e o mais que consigo é expelir pela boca uma lava amarga e oleosa, que me desce pelo pescoço e me faz lançar um grito horrível, que me assusta e paralisa. Minha mãe, que estava a dois palmos do meu nariz, desaparece como por encanto deve ter morrido de susto, a infeliz — e eu fico só com a minha consciência, petrificado e amarrado sob o enorme peso do teto.

Como então me impuseram de novo o suplício da cadeira elétrica, como tudo está a indicar neste silêncio da sala e nesta bomba-relógio que trago dentro do cérebro e que explodirá de repente, levando-me e a todo o prédio pelos ares? Com o pouco de raciocínio que me resta, após esta batalha cruenta de um homem contra todas as forças do mal que andam soltas pelo mundo, chego a recordar em parte (ou terá sido apenas um pesadelo?) o drama em que fui mais uma vez obrigado a representar a parte principal, com a inocência própria dos supliciados, mesmo quando grande tenha sido a sua culpa. Pois não é torturando um homem, e tentando extrair-lhe os miolos pelos processos mais modernos, que se conseguirá arrancar-lhe a sua verdade ou impor-lhe uma verdade nova e de circunstância, como se tentou fazer em todos os tempos e sobretudo nos tempos da Inquisição. A mim, pelo menos, esse

processo medieval e sanguinário sempre me pareceu ridículo ao extremo, como há de parecer a todos os que pensem e sintam como eu — e o meu silêncio é tudo que lhes posso oferecer em troca, quando não uma ou outra blasfêmia inoperante, proferida em meio às minhas alucinações. Dou a minha verdade ao primeiro mendigo da esquina e sem que ele a peça, como a dou de bom grado a quem se mostre humano como eu e me trate como a um amigo; jamais, porém, a terão os que não confiem na minha sinceridade e usem de processos violentos para abrir-me a boca e os olhos, que são apenas os olhos e a boca do meu corpo, não da minha alma. Os carrascos, tenho-os na conta apenas de imbecis a serviço do Estado ou de outra potência ainda mais impotente do que o Estado — e com os imbecis a minha conduta foi sempre uma e única: eles de um lado e eu do lado oposto, como duas margens de um rio que nem o mar da morte conseguirá jamais unir.

Mas eis que de novo o olhar da minha mãe volta, agora úmido de pranto, a escutar-me a dois palmos do meu nariz, como se eu fora uma cisterna vazia e cheia de sombras. Ao seu lado, imponente em seu uniforme branco e com o ar de vitória nas bochechas rosadas, o meu maior inimigo, de há pouco e de sempre, com o seu par de lentes assestadas no nariz adunco e os seus bigodes imundos mal disfarçando a boca de vampiro ainda tinta de sangue. Ele, o chefe dos torturadores, o mesmo que ainda há uma semana me tratava como um ser humano e a cujas gentilezas eu correspondia ingenuamente, como se corresponde a um amável gerente de hotel em tempo de paz ou mesmo em tempo de guerra — ele, o carrasco-mor, o inquisidor sem entranhas, debruça-se com minha mãe sobre o meu futuro cadáver e tenta ainda uma vez interrogar-me com o seu par de óculos, nos quais se reflete por um instante a minha própria imagem.

Como acreditar na afeição materna de uma mulher que assim se alia, sem o menor escrúpulo, ao meu maior inimigo, como que esquecida de todo o mal que ele me fez e me fará ainda outras tantas vezes, tantas quantas sejam necessárias para que eu afinal revele o meu segredo, que eu mesmo não sei qual seja? Que mãe é essa, desnaturada e hipócrita, que nem ao menos sabe simular um

pranto autêntico, com seu olhar parvo e ao mesmo tempo cheio de malícia, que não tem nada do meu olhar dentro do espelho? Mães dessa espécie, por certo o Estado as cria e cultiva em estufas especiais, para que possam trair no devido tempo os seus filhos adotivos e entregá-los de mãos atadas aos inimigos do gênero humano, que os desindividualizam e os tornam bons cidadãos, com o direito de partirem para a guerra ou de morrerem fuzilados de encontro a um muro qualquer, numa clara manhã de primavera. Com o asco que me vai dentro do peito, sinto desta vez força suficiente para cuspir-lhes em pleno rosto, à minha mãe e ao seu cúmplice adiposo, obrigando-os a um salto espetacular para trás, de surpresa e de espanto, que por sua comicidade provoca em mim uma crise convulsiva de gargalhadas, que até agora ainda não cedeu de todo.

(Escrito de memória).

## Dois Capítulos Num Só

Ou o Dr. Keither é muito imaginoso ou lhe têm acontecido coisas realmente fantásticas. Estávamos sentados os dois junto à escada que vai dar no refeitório — era a hora do crepúsculo, a hora das confidências — e ele começou a falar com a sua voz pausada e firme, como quem presta um depoimento.

Certa vez, disse ele, eu me encontrava em Dresden ao anoitecer e vinha caminhando por uma rua deserta e sem plátanos, onde ainda havia algumas ruínas da última e da penúltima guerra. Tudo estava em absoluta calma, e eu era o único passante naquela pequena rua de subúrbio que ia ter justamente onde eu morava com a minha mulher e um gato, para não dizer da minha coleção de selos e de gafanhotos chineses. As casas estavam todas abertas, mas era como se tivessem sido abandonadas às pressas por seus moradores racionais e irracionais: não se via viva alma dentro delas nem às janelas, embora eu me lembre de ter passado diante de uma onde havia sobre uma mesa um caixão de defunto, mas sem velas.

Eis senão quando, do fim da rua, a uma distância de uns quinhentos metros, vejo caminhar em minha direção, rugindo e bramindo com uma violência inaudita — imagine quem? Nada mais nada menos do que o próprio mar em pessoa, com suas ondas revoltas e sua cor pálida de azinhavre, tal como eu o vira sempre no cinema, nas cenas de tempestade. Estaquei paralisado junto a um poste, o cigarro aceso entre os dedos, sem poder ao menos expelir a fumaça que ainda trazia dentro do peito e que me sufocava. Numa fração de segundo compreendi toda a tragédia que se desenrolava à minha vista, embora não quisesse acreditar nela e tudo aquilo me parecesse absurdo e sem sentido — pois o dia era calmo e os jornais da tarde não haviam noticiado nada a respeito. Por esse instinto de conservação que em nós ainda é mais forte do que em qualquer outro quadrúpede, vi-me de repente a correr como um louco pelo meio da rua, rumo à cidade alta, ainda tendo preso entre os dedos o

resto do cigarro aceso, que em vão tentava arremessar fora por me pesar como um fardo de cem quilos.

Corria desabaladamente rua acima, tropeçando na minha própria sombra e sentindo o cheiro do mar e o seu rumor insano bem junto aos meus calcanhares embora em verdade ele ainda estivesse a uns três quarteirões atrás, como podia verificar quando parava um segundo para tomar fôlego. Não encontrei ninguém nessa minha escalada fulminante, e não ser um arcebispo morto e agarrado a um grande crucifixo, e que trazia no rosto a própria imagem do terror, como de resto ocorre com todos os arcebispos mortos que tenho visto. Ao chegar ao topo da rua, onde havia um banco recém-inaugurado pela prefeitura, caí exausto e com o cigarro a essa altura já me devorando metade de um dedo — mas ainda tive a presença de espírito necessária para constatar que ao meu encalço não vinha vindo mar nenhum, nem sequer mesmo um rio, e que a velha rua por onde passara estava mais seca do que o Saara ao meio-dia, até onde meu olhar podia divisá-la no horizonte.

Mas o que há de estranhável em tudo isso é que Dresden nunca foi porto de mar, como o pode atestar qualquer estudante de geografia e como eu mesmo pude confirmar no dia seguinte, indo à chefatura de polícia.

De outra vez eu me encontrava num cemitério andaluz — aonde fora levar um amigo morto de beribéri — e de repente senti que um sono invencível me possuía e me obrigava a dormir no primeiro túmulo que encontrasse pela frente, a menos que preferisse naturalmente dormir de pé.

Quando acordei já era noite alta e ao meu redor reinava o mais perfeito silêncio, esse silêncio que só os cemitérios têm em noites de lua cheia, mesmo durante a guerra. Eu, que não sou medroso no que diz respeito à morte e aos mortos, tratei de levantar-me, corrigir o vinco das calças e sair à procura do coveiro de plantão, para que ele me pudesse abrir o portão do cemitério.

Ao passar sobre uma sepultura rasa, porém — o luar era magnífico — pude com assombro constatar que o morto se achava sepultado bem à flor da terra, dentro de um caixão cuja tampa era de vidro transparente, como ocorre aliás com certos caixões de luxo

que transportam altas personalidades. A princípio pensei tratar-se de um sonho, e cheguei mesmo a desferir um pontapé sobre aquela tampa translúcida que brilhava à luz da lua, como um grande diamante que houvesse num terremoto aflorado à superfície; os estilhaços de vidro partiram para todos os lados, e eu pude ver claramente a cara do morto, com uns óculos de tartaruga assestados sobre o nariz.

Embora, repito, não temesse a mortos de nenhuma espécie, aquele morto-de-óculos-dentro-daquela-caixão-de-vidro-bem-à-flor-da-terra não deixou de causar-me um súbito mal-estar e penso que ocorreria com você ou qualquer outro nas mesmas circunstâncias. À medida, porém, que me afastava daquela sepultura inusitada e procurava o caminho do portão central, pude verificar com os meus olhos bem abertos que todas as sepulturas sem túmulo tinham exatamente o mesmo aspecto transparente e superficial, deixando entrever em seu último repouso (a lua era bela) os respectivos defuntos ou defuntas, alguns já em adiantado estado de putrefação.

Após correr cem jardas em menos de três segundos, bati violentamente à porta da casa onde deveria estar o zelador da noite mas onde ele realmente não estava, pois que ninguém ali me atendeu até o despertar da aurora — quando fui encontrado com a mão direita em carne viva e o espírito um tanto ou quanto perturbado, como era natural que acontecesse mesmo em se tratando de um veterano de guerra.

O cemitério onde se passou isso não sei dizer se foi em Córdoba ou em Sevilha, mas posso afirmar que se trata de fato absolutamente autêntico.

# Capítulo 333

## *CARTA ABERTA AO TIMES*

Embora de pijama, vejo-me obrigado a representar a W. Exas. contra o abuso inominável de que vimos sendo vítimas, eu e outras pessoas igualmente respeitáveis, num campo de concentração dentre os muitos que devem existir por este mundo concentrado de hoje, e que não sei dizer se fica na Europa ou na Ásia ou mesmo na Polinésia, pois justamente este é o segredo maior que paira sobre as nossas cabeças, enquanto ainda as temos. Aqui todos falam todas as línguas, cada um a sua naturalmente, o que pode parecer estranhável é que nem sempre é o inglês quem fala o inglês, o francês quem fala o francês, o russo quem fala o russo, e assim por diante, sendo ao contrário comum que um embaixador da Abissínia, por exemplo, nunca tenha ouvido falar do abissíneo em toda a sua vida, ou que um legado do Papa não saiba sequer dizer amen em latim, ou ainda que um descendente de Napoleão Bonaparte só conheça em francês os nomes das boates mais famosas, como Folies Bergère ou Mandarin e outras semelhantes. Eu mesmo, que sou iraniano, ou que pelo menos me sinto iraniano esta manhã, não sei dizer ao certo nem onde fica situado o Ira no mundo conturbado de hoje, embora já tenha viajado muito no passado, sobretudo em imaginação.

Mas o assunto desta, que coloco numa garrafa e jogo no cano de esgoto para que possa chegar até às mãos de W. Exas., não é geográfico nem linguístico, e sim estritamente moral e humano, como o foi o Sermão da Montanha por exemplo, para só citar um exemplo famoso. Trata-se apenas de despertar a consciência de W. Exas. para o fato de, em pleno século XX, e ao que consta em pleno período de paz, ser permitido a um pequeno grupo de idiotas manter presos e por vezes mesmo amarrados alguns cidadãos de alta linhagem e de reputação acima de qualquer suspeita — só porque

esses cidadãos, entre os quais estou eu naturalmente, não pactuam e não poderiam mesmo pactuar com suas ideias retrógradas e obsoletas, seja em matéria de religião como de política, de amor como de finanças ou de arte. Pois o que ocorre neste campo de concentração onde me encontro, como deve acontecer em todos os demais, é apenas isto e que me parece de um absurdo inominável: uma minoria armada até os dentes, inclusive com cadeiras elétricas, manda e desmanda sobre uma maioria de indivíduos realmente individuais e tenta impor-lhes à força a sua cartilha de primeiras letras, quando não o seu catecismo religioso dos tempos antediluvianos, que é a quanto chegam no melhor dos casos as ideias ou que outro nome tenha a intolerância desses senhores da terra e dos céus.

A comida aqui não é má, mesmo porque já faz parte do programa desses maníacos a preocupação de manterem quanto possível vivos os seus escravos brancos ou negros, amarelos ou vermelhos — sem o que teriam, por desfastio, que devorar-se entre si e declarar-se guerra quase que diariamente, o que não lhes seria de muito proveito. Mas se a comida não é intragável, a liberdade aqui é uma palavra que já não existe nem sequer nos dicionários e de que só ouvimos falar quando somos

nós que a pronunciamos, em geral em voz baixa e para nós mesmos. E sem liberdade, hão de convir W. Exas. que este mundo, por melhor que seja, não passa de um pesadelo e de uma farsa de mau gosto — como há de achar no front o soldado com o seu fuzil e suas polainas, num dia azul de primavera.

Não temos sequer a liberdade de amar — já não digo uns aos outros, o que seria demais, mas a uma mulher de nossa predileção, ou mesmo a uma simples mulher pois as únicas mulheres que vemos ou são estrábicas ou não têm quaisquer atributos que as diferenciem dos homens donos do campo, tratando-nos ou como crianças ou como idiotas, no que aliás copiam um pouco as verdadeiras mulheres. E não havendo mulheres propriamente ditas, o cérebro emperra e os nervos sobem à flor da pele, dando azo a esse espetáculo triste e grotesco da masturbação coletiva, mesmo nos feriados e dias-santos. A única mulher que tem algo feminino,

dentre as poucas que circulam pelas salas da nossa prisão, é a mulher do inquisidor-mor ou, se W. Exas. preferem, do chefe da guarda ou administrador do estabelecimento — mas essa mesmo tem um estrabismo bem pronunciado e é menos acessível do que a lua no céu ou o seu reflexo no fundo de um poço, dada a vigilância a que estamos continuamente submetidos. Há casos profundamente dolorosos, como o do Dr. Keither por exemplo, que se vê obrigado a masturbar-se como um menino de colégio só porque os nossos carrascos decidiram que não somos homens até o dia em que finalmente resolvamos voltar ao aprisco das ideias feitas e ao cadinho de seus sentimentos desumanizados e postiços. Eu, neste particular, vivo à custa de minhas boas recordações de todos os bordéis e salões de luxo que frequentei dos vinte aos trinta e cinco anos, na Europa, na Ásia, na Oceania, na América, na África, e sobretudo em sonho. Não que eu fuja à regra geral da masturbação; mas posso afirmar que sinto muito menos os agulhões da carne do que, por exemplo, o legado pontifício ou seu casmurro secretário, para não falar de um estudante chamado Vinícius e que vive a recitar a Bíblia justamente naqueles trechos em que a Bíblia desperta a imaginação da juventude e favorece, de certo modo, as poluções noturnas.

Mas tudo isso é muito trágico, eu bem sei, e o pijama não é o traje apropriado para considerações de tal transcendência, mesmo num mundo em que o absurdo é cada vez mais a regra geral, ou tende a sê-lo pelo menos. Em outra oportunidade (caso me arranjem uma outra garrafa) voltarei ainda ao mesmo assunto, que pode parecer monótono a W. Exas. mas que para nós é vital e direi mesmo único, já que a morte do espírito é mil vezes mais trágica do que a morte do corpo, e que o homem privado da sua liberdade de pensar e de amar vale menos do que a sua sombra num muro — a menos que se trate naturalmente de um muro junto ao qual ele esteja sendo fuzilado, com os olhos bem abertos e a cabeça erguida.

Respeitosas saudações.

## Capítulo 334

O Príncipe Danilo, da Viúva Alegre, veio procurar-me e apresentar suas condolências pela morte de minha mãe. Certamente ele tomou ao pé da letra a expressão minha mãe para mim está morta, que usei num momento de revolta ao lembrar-me de minha falsa mãe ao lado do meu algoz verdadeiro, na trágica manhã de ontem.

Esse Príncipe Danilo, que para mim não é príncipe e muito menos o da Viúva Alegre, é uma das novas relações que fiz no agora chamado Pátio dos Milagres (quem ali está só o pode ser por um milagre, já que deveria estar no cemitério, que é o destino que aqui a todos nos espera). Ele e mister Boss, o americano supersônico, são inseparáveis como dois xipófagos, e foi por um instante apenas que ele veio estender-me a mão e manifestar-me o seu pesar, num castelhano castiço e de modo algum de opereta. Mister Boss mediu-me dos pés à cabeça com o olhar feroz, visivelmente enciumado, e depois foi postar-se no seu canto preferido, com o dedo no nariz e as pernas cruzadas como um iogue.

Já me vai aborrecendo a inconsciência com que essa gente se alimenta e se espairece ao sol, como se estivesse apenas numa estação de veraneio e a mil milhas de qualquer perigo iminente. Todos se mostram corados, e o mais das vezes sorridentes e loquazes, embora não nos abandone um só instante o olhar vigilante do grande inquisidor ou de seus agentes disfarçados de enfermeiros. É de ver a alegria com que se atiram à triste comida de sempre — feijão, arroz e um que outro ensopado de carne com batatas — ou, nas horas de recreio, o entusiasmo com que se ouvem mutuamente e sobretudo a si mesmos, sobre assuntos que em geral lhes deveriam interessar muito pouco, já que estão para morrer de uma hora para outra. Nada lhes faz perder a confiança em dias melhores, se é que ainda desejam dias melhores do que estes, e dir-se-ia à primeira vista que realmente estamos vivendo num eterno jardim de infância, onde a cadeira elétrica é não apenas um mito mas coisa

inteiramente desconhecida, embora esteja a dois passos de seus ingênuos narizes, por detrás daquelas paredes aonde tantas vezes se recostam e onde escrevem palavras escabrosas nas línguas as mais diversas e inconciliáveis.

De vez em quando surge uma briga, mas logo é contornada pelos menos exaltados e tudo volta à normalidade, como no melhor dos mundos possível. Mister Boss, quando soube que o mulato de lentes poderosas pretendia explorar sozinho o seu petróleo, tentou esganá-lo com todas as forças de suas mãos poderosas, no que foi impedido a tempo pelo suave Príncipe Danilo, que acabara de entoar uma ária da Viúva Alegre. De outra feita foi um senhor barbudo e respeitável — prof. Dilthey, se não me engano — quem desferiu um soco violento no olho esquerdo do fabricante de bilboquês, só porque este lhe disse que a Ásia é maior do que a África e tentara provar com bons modos sua audaciosa teoria. Quando separaram os dois, o tal prof. Dilthey (se não me engano) tinha o cóis das calças todo rasgado e deixava aparecer a metade de uma nádega ainda mais peluda do que o rosto, o que provocou uma hilaridade geral e foi como que verdadeira água na fervura.

O potentado hindu a quem vendi minha coleção de palitos de fósforo agora deu para colecionar pulgas, vivas ou mortas, e é de ver a alegria com que acontece a um de nós para mostrar o seu último espécime, geralmente colhido nas próprias cuecas ou nas frestas do assoalho do seu quarto, que examina com a meticulosidade de um arqueólogo no túmulo dos faraós. Quanto tiver cem mil, há de mandá-las em registrado expresso ao atual rei da Inglaterra, que também é dado a coleções, pedindo em troca apenas o título de s/r, que já tem sido dado a gente muito menos importante e que, com pulgas ou sem elas, nunca o mereceu. Pensa também mandar alguns exemplares ao Museu Britânico, como contribuição ao estudo das pulgas através dos tempos, mas isso caso lhe sobre algum tempo dos muitos afazeres em que se acha atualmente empenhado e que sobem, segundo o seu cálculo, exatamente a doze mil.

Outro tipo que me parece inconsciente do grande drama que estamos vivendo, como a grande maioria aliás, é o cada vez mais ridículo sobrinho torto de Napoleão Bonaparte, que teve a audácia

de vir propor-me um concubinato ilegal e secreto, dado que não dispomos de mulheres e temos necessidade de perpetuar a espécie, de uma forma ou de outra. Esse repelente indivíduo, que nem sequer tem a desculpa de ser bonito, chegou a exhibir-me suas pernas musculosas e cheias de pelos, como prova da honestidade da sua proposta, quando um dia conversávamos sobre a história da França e outros assuntos de relativa importância. Repeli-o à altura, embora o calor fosse muito forte, e desde então passei a encará-lo com natural desprezo e mesmo com altivez, mal respondendo aos seus cumprimentos cheios de reverência, como se fosse eu o sobrinho de Napoleão e não ele.

Outro dia, num feriado nacional, justamente quando todos se punham a cantar o hino nacional tocado ao piano por um maestro que não tem um só dente na boca, um cavalheiro exaltado subiu a uma cadeira e pôs-se a gritar contra as instituições vigentes e sobretudo contra a república da Nicarágua, proferindo palavras pesadíssimas e do mais baixo calão, que a todos impressionaram muito desfavoravelmente e quase deram motivo a um tumulto de consequências imprevisíveis. A custo conseguiram dominar o terrível anarquista e amarrá-lo numa camisa de força de procedência inglesa, como pude verificar pelo rótulo ainda preso a uma das alças e que trazia nitidamente o nome de Stratford-on-Avon. Esse cidadão de maus bofes é o mesmo que, dias antes, tentara enforcar-se com a bandeira nacional, que se achava içada a meio-pau pela morte de um presidente da República, justificando esse seu gesto extremo pelas más condições higiênicas do estabelecimento, com o seu número sempre crescente de ratos e de pulgas, apesar da caça feroz que a estas últimas vem empreendendo ultimamente o simpático potentado hindu. Pelo menos, bem ou mal, esse é um dos poucos a blaterar contra a ignomínia a que nos querem submeter as forças da prepotência governamental, embora também por vezes se mostre afável e conformado como todos os outros, quando a bílis não o incomoda muito e acontece nos servirem frango ensopado às refeições.

E assim, com todas essas farsas e quase tragédias, felizmente sem maiores consequências, vão escoando-se as horas e dos dias

neste vale de lágrimas que para nós é a derradeira das provações, já que o Apocalipse de são João é um fato e não uma impostura, e que de um momento para outro o céu desabará sobre as nossas cabeças e as chamas penetrarão pelas nossas narinas, reduzindo-nos à ínfima condição de pó de alvaiade, da qual talvez nunca devêramos ter saído.

## Cap. 71

Quando em 1934 atravesssei sozinho o deserto de Iguidi, tendo por única companhia um casal de borboletas, ocorreu-me a aventura mais surpreendente que pode acontecer a um homem vivo ou morto, e que procurarei resumir em três linhas. Foi o caso que um dia despertei transformado em mulher e, nessa qualidade, fui pouco depois recrutado para o harém do sultão do Marrocos, onde servi como pude durante um ano e quatorze dias. (Minha experiência nesse setor só deve interessar a mim mesmo, e manda o recato que eu me abstenha de entrar em maiores detalhes sobre o assunto, a menos que a isso me obrigue a minha consciência na hora derradeira).

Livre do impetuoso sultão, por haver recuperado com a ajuda de um famoso cirurgião de Casablanca meus atributos mais masculinos, consegui transpor a nado o estreito de Gibraltar, que não me pareceu tão estreito quanto dizem, e fui dar com o nariz na pequena cidade de Tarifa, onde uns pescadores me recolheram e por pouco não me enterraram como morto, dado o meu extremo estado de fraqueza. Ressuscitado graças aos cuidados e carinhos da bela filha de um dos meus salvadores, que se apaixonou por mim à primeira vista, quinze dias depois já lhe arranjava um filho ou pelo menos me esforçava bastante para isso, do que resultou ter eu que fugir às pressas para o porto de Cádiz, num barco roubado ao pai e que vendi pela bagatela de seiscentas pesetas. Em Cádiz engordei três quilos e fui apresentado a um áulico do rei Afonso XIII que era pederasta passivo e que me obteve todas as facilidades para chegar até a fronteira de Portugal, que transpus disfarçado em espantalho numa noite de fortíssimo temporal.

Em Portugal vivi de 1935 a 1939 — primeiro em Évora, depois em Leiria e, por último, finalmente, em Coimbra, onde fiz de novo o primeiro ano de Direito e fui preso como traficante de cocaína e de escravas brancas, embora o meu ramo verdadeiro fossem a morfina e o lenocínio puro e simples, como fartamente pude provar em juízo.

Deportado arbitrariamente pelos beleguins do Sr. Salazar, acabei indo dar com os costados nas terras do Ceará, ao norte do Brasil, onde funcionei como sacristão durante onze meses e fundei, nas horas vagas, o Partido Anarquista Nacional, que por excesso de anarquia de alguns membros teve duração efêmera. Amasiado com a viúva de um fabricante de velocípedes, que dispunha de algum recurso e me amava perdidamente, acabei um dia embarcando com ela para a capital do país, que era Rio de Janeiro e não Buenos Aires como eu pensava, e onde fomos imediatamente presos por causa de um pacote de maconha que eu trazia preso às cuecas e do qual não tinha o menor conhecimento a viúva. Solto à custa de todo o dinheiro que trazia e após haver inculcado seriamente a viúva no caso (consta que ela ainda está presa até hoje) instalei-me no bairro de Copacabana com uma roleta viciada que consegui roubar de um parque de diversões, e em pouco tempo era um dos homens mais ricos da cidade, com três automóveis e um iate anfíbio. Eleito senador da República, exerci o mandato apenas por uns poucos meses, pois numa das muitas revoluções que frequentemente assolam o país fui despojado de todos os meus haveres e ainda obrigado a procurar asilo na vizinha república do Uruguai, como exilado político e herói interamericano. No Uruguai tive de aprender o uruguaio, que é uma língua extremamente parecida com o espanhol e que me foi de grande proveito para o futuro, pois ainda é a mesma língua que se fala na República Argentina, aonde fui ter em princípios de 1943. Em Buenos Aires, onde estive apenas duas horas devido ao perfeito serviço de policiamento local, fui fichado como anarquista, comunista, trotsquista e terrorista, além de traficante de tóxicos e explorador do lenocínio, tendo sido posto a ferros num navio cargueiro que estava de saída do porto e que me levou, em menos de uma semana, até a Terra do Fogo. Ali, batendo o queixo de frio, fui entregue à minha própria sorte, com a ordem terminante de abandonar o país (pois ainda era a Argentina) dentro de vinte e quatro horas, fosse a nado ou de helicóptero ou por qualquer outro meio que julgasse mais rápido e aconselhável. Com a larga experiência de natação que me dera meu passado político, atirei-me ao mar assim que pude e nadei, em estilo crawl, até uma das ilhas

Malvinas, que pertencem ao domínio britânico e onde fui recebido com as honras de atleta. Em Port-Stanley, onde permaneci durante todo um ano, fui sucessivamente professor de natação, mascate, noivo oficial de três raparigas lindíssimas, agente secreto de uma potência que não posso mencionar, barman, ilusionista numa trupe de saltimbancos e, por último, exilado político mais uma vez, por ter sido apanhado em flagrante de adultério com a mulher do governador da cidade.

Só me lembro de que algum tempo depois eu almoçava em Tóquio com o poeta Paul Claudel, que era ali embaixador da França ou coisa que o valha, e que trazia três escapulários dependurados no pescoço e vinte medalhas de Nossa Senhora distribuídas por diversas partes do corpo, como proteção em caso de morte súbita e imprevista, a que estava sujeito embora pertencesse à Academia Francesa. Com uma corrente de ouro que lhe consegui roubar, acompanhada do competente relógio, obtive fundos para instalar-me com uma pequena fábrica de pirulitos na cidade de Sendai, onde me naturalizei japonês com o nome de Akiito Furuashi, em homenagem ao príncipe herdeiro do império e a um cavalo de corridas que eu conhecera no prado de Longchamp. Desse meu período nipônico, a recordação mais grata que guardo é a do haraquiri que praticou sob as minhas barbas um obeso sacerdote xintoísta apaixonado por uma gueixa de rara beleza, e cujo cadáver ainda quente eu saqueei com grande proveito e discrição, embora tremendo dos pés à cabeça. Quando o primeiro-ministro Hiroshida mandou fechar minha fábrica de pirulitos, atrás da qual eu mantinha um pequeno bordel onde se podia fumar ópio dia e noite, já eu estava rico o suficiente para desnaturalizar-me japonês e tornar-me de novo um apátrida cidadão do mundo, sem outra preocupação que a de viver a minha vida e de cumprir fielmente o destino que Deus me reservou entre os medíocres e os medrosos de todos os países.

## Capítulo Não Eclesiástico

Não há quem não venda a sua própria mãe por três milhões de florins. Digo-o por experiência própria, pois acabo de vender a minha ao estudante Vinícius, que tinha necessidade urgente de uma mãe para poder chorar-lhe sobre os ombros.

De minha parte creio ter feito um bom negócio, pois minha mãe pertencia à espécie dita totalitária, e tenho mesmo razões suficientes para acreditar que ela nunca me pôs no mundo, apesar de suas lágrimas hipócritas e de seu ar de Santíssima Virgem; receio apenas que tenha agido mal com o pobre estudante Vinícius, ocultando-lhe o verdadeiro caráter de minha mãe, que ele supõe seja uma mãe igual às outras, talvez por ser órfão desde a infância. (Acrescente-se que mister Boss, ao saber da transação, ofereceu-me vinte milhões de dólares para desfazer o negócio e dar-lhe preferência no caso, piscando-me um olho matreiro e esverdeado que nada lembrava o seu olhar de ódio quando em companhia do príncipe Danilo; mas eu sou infelizmente um homem de palavra, e o estudante Vinícius a esta hora já está de plena posse de minha mãe, podendo fazer dela o uso que bem lhe aprouver, segundo as cláusulas do contrato).

E com isso eu fiquei sendo o único órfão do mundo que ainda tem mãe viva, o que não deixa de ser uma situação trágica e ao mesmo tempo engraçada. Posso, é verdade, comprar também uma outra mãe, inclusive pelo crediário, mas penso que já não será a mesma coisa, dada a espécie de mães que o mundo de hoje está produzindo. Antigamente, antes de haverem inventado a matéria plástica e o radar, tudo era mais simples mas em compensação mais humano, e uma mãe que se prezasse dava leite de verdade e sabia amar de verdade os seus filhos, não se mancomunando com os senhores do momento e os eternos inimigos do gênero humano, mesmo em tempos difíceis e de terríveis provações. A propósito, manda a verdade que se diga que minha mãe não participou da última farsa da cadeira elétrica que ontem, mais uma vez, fui

obrigado a representar na presença do inquisidor e de toda a sua camarilha; é possível, porém, que estivesse resfriada ou mesmo parálitica, e que sua ausência não deva ser levada à conta de uma compaixão súbita por mim ou de um ódio não menos repentino pelos meus algozes.

Afora essa pequena transação, que quase provoca um conflito internacional com mister Boss, nada de importante ocorreu hoje neste pequeno mundo cercado de muralhas em que somos forçados a viver nossas diferentes vidas, enquanto não vem a resposta da carta que mandei ao Times e que a esta hora já deve estar nos esgotos de Londres, se é que algum espião não a interceptou e não a levou ao conhecimento do Papa. Agora, sentado à pequena mesa do meu quarto, enquanto não resolvem apagar as luzes e deixar-me na escuridão, posso tranquilamente escrever estas linhas do meu diário de guerra e de paz, e conversar em tom de confiança com o meu irmão gêmeo duplamente prisioneiro dentro de mim, usando para isso do papel e dos lápis que inexplicavelmente nunca me faltaram aqui dentro, desde o dia em que senti o desejo de escrever e quebrei uma cadeira na cabeça do diretor para manifestar-lhe esse meu desejo. (É possível que todas estas páginas que tenho escrito venham a ser um dia censuradas e destruídas no espaço de dois minutos, sem a menor consideração pelo retraio que nelas traço de uma época tumultuosa e terrível, que muito haveria de pasmar aos pósteros, se é que ainda haverá disso no mundo futuro. De qualquer forma, escrevendo-as estou cumprindo um dever para comigo mesmo, o que é essencial, e enchendo o tempo que me sobra em meio aos tolos e aos tiranos que me cercam da manhã à noite, o que me parece uma ocupação digna e tão válida como outra qualquer).

(Amanhã é dia de Natal, segundo me informou o secretário do legado pontifício, em geral tão calado — e a ordem é irmos todos, sem exceção de um só, assistir à missa das sete horas, se necessário debaixo de vara e com metralhadora à vista. O regime é mesmo de liberdade, não resta a menor dúvida).

Mas você, meu irmão, já imaginou o romance sensacional que poderemos escrever um dia sobre esta experiência bélica a que

estamos sendo submetidos em pleno tempo de paz, se é que se pode chamar de paz a este estado de angústia permanente e de ódios gratuitos que marca todos os nossos passos, mesmo e sobretudo durante o sono? Não é qualquer romance que tem um legado pontifício, um sobrinho de Napoleão, um premio Nobel de Química e outras personagens de tamanha importância vivendo uma vida verdadeira e no entanto fantástica, sob as ordens de energúmenos que nem sequer se dão ao trabalho de vestir fardas para impor a sua autoridade, como se tudo fosse apenas uma farsa trágica e não crua realidade, com suplícios chineses, banho a hora certa, hora certa de dormir e despertar (e até mesmo de defecar), impossibilidade absoluta de copular com indivíduos do sexo oposto, e outras barbaridades que só mesmo o cérebro de um homem poderia arquitetar e pôr em prática, por ter sido criado à imagem e semelhança de Deus. Se conseguíssemos, os dois, pôr no papel tudo isso que realmente estamos vivendo nesta ratoeira internacional, onde nem sequer o queijo é de boa qualidade, por certo seríamos tomados por loucos ou por mentirosos da pior espécie, quando não por extremistas sem escrúpulo e interessados apenas na perturbação da paz social, que reina neste e noutros impérios deste mundo tão perfeito; uma coisa porém seria certa, e não tenhamos dúvida a este respeito, e é que, assim fazendo, teríamos escrito um dos livros mais sérios e pungentes que jamais foram escritos pela mão do homem, como o Don Quixote por exemplo ou as Aventuras do Barão de Munchhausen, para só citar dois exemplos realmente dignos. Resta saber se não nos matarão antes disso, ou se nós mesmos não nos mataremos levados por um resto de dignidade e de sublime vergonha, como aconteceu ao ator Papanatas, de saudosa memória.

Mais alguns aforismos que, aproveitando esta trégua do meu espírito, escrevo para o representante do imperador da Abissínia, que ontem me presenteou com uma rã viva e bem coaxante, dos mais belos exemplares que tenho visto em minhas muitas andanças pelo mundo:

\* Corpo, sinônimo de cadáver.

\* Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si. Para muita gente a música se resume apenas nestas sete notas.

\* Quando Paul Claudel me perguntou se eu não acreditava em Deus, eu lhe respondi: Qual deles?

\* Com os três milhões de florins pagos pelo estudante Vinícius vou comprar uma máquina de fabricar aforismos. Assim poupo tempo, raciocínio e sobretudo lápis, que é

o que há aqui de mais importante, quase tão raro quando a borracha, que não existe.

- Não me lembro de ter nascido. Meu registro de nascimento é um blefe. Sou tão velho quanto a África.

- Vou reescrever a história do Cristo. É só me darem lápis suficientes para isso.

(Apagaram-se as luzes).

## Capítulo 103

Um piano dentro da noite. Seria Lautréamont compondo, Lautréamont o trãnsfuga? O estilo era bem de Lautréamont, tanto quanto me foi possível ouvi-lo a distância, na escuridão da minha insônia, pela noite adentro. As notas batiam nos meus nervos, uma após outra, insolitamente, e quando não batiam eu ficava à sua espera, olhos abertos, a respiração suspensa, como se me houvessem roubado em alguma coisa, em minha alma, e não houvesse ninguém a quem eu pudesse apelar dentro do enorme silêncio, sem polícia e sem revólveres.

O resultado é que a missa não me pareceu tão bela, dado o meu estado de cansaço na manhã fria e brumosa, ainda com as teclas do piano me martelando os tímpanos e a raiz do cérebro, em notas soltas e perfeitamente demoníacas. O Dr. Keither, que se sentou ao meu lado com o seu cache-nez cor de fogo, queixou-se da mesma coisa e exibiu-me um par de olheiras impressionantes como prova de sua vigília sonora e sem remédio. Atrás de nós, contritos e como duas estátuas de mármore, o legado pontifício e seu secretário silencioso; e no banco da frente, atentos e respeitosos, o prof. Dilthey, de regra tão violento, e um desconhecido de cor indefinida entre o azinhavre e o açafreão e que a todo instante coçava o fundilho das calças, com grande preocupação por parte do potentado hindu, que se achava no banco à direita.

Houve muita música e um sermão perfeitamente idiota, proferido por um padre rubicundo e de forte sotaque alemão, que discorreu sobre a vida do Cristo da idade dos 12 anos até os 33, com detalhes que estarreceram a todos os presentes menos a mim, que já estou acostumado com todas essas vigarices à custa do Nazareno e de sua respeitabilíssima família. O sono às vezes me fazia pender a cabeça sobre o ombro forte do Dr. Keihter, que por sua vez me pagava na mesma moeda e caía de cheio sobre o meu corpo, com grande escândalo do legado pontifício & Cia., a dois palmos de nossas bundas.

O instante de sensação, que valeu por todo o espetáculo, foi quando, à hora da elevação da hóstia e quando as campainhas soavam mais forte, o anarquista anônimo e de olhar flamejante subiu ao seu banco e, com a voz portentosa que nunca lhe falta nessas ocasiões, se pôs a invectivar contra o clero de um modo geral e contra o oficiante da missa de um modo particular, em palavras como sempre do mais baixo calão e sem o menor respeito pelas senhoras presentes. Agarraram-no à força, como da outra vez, e o levaram aos brados para fora da igreja, onde sua voz à Savonarola ainda continuou por algum tempo percutindo no ar frio da manhã, com grande escândalo dos que se preparavam para a comunhão. Entre estes percebi logo o hipócrita e obeso mister Boss, com o seu sorriso maquiavélico, e o tortíssimo sobrinho de Napoleão Bonaparte, todo vestido de preto e com um ar de virgem na face esquelética. Duas ou três senhoras de boa família, que não conheço, infiltraram-se entre os prisioneiros e conseguiram arranjar sua comunhãozinha à custa deles, não sem um protesto velado e a meia voz do legado pontifício às minhas costas, que em sinal de repulsa cuspiu sua hóstia fora.

Dali fomos levados, em fila quase indiana, ao centro do grande pátio de recreio, onde se achava instalada uma mesa realmente monumental, com uma árvore de Natal no meio. Não sei com que objetivos políticos ou religiosos, o certo é que a grande mesa estava toda coberta de bolos e doces de todas as qualidades e aparências, numa orgia de cores que não deixou de impressionar-me vivamente, mesmo porque minha fome a essa altura já era grande. Após uma alocução breve do capelão do campo, que ninguém ouviu, atiramo-nos vorazmente sobre os petiscos e os embrulhos de presentes que tínhamos sob os nossos narizes, a mim me cabendo apenas cinco dos embrulhos que pude captar num raio de 3 metros quadrados, e que logo constatei serem apenas livros de nenhuma importância e uma corneta de escoteiro que generosamente doei ao Dr. Keither. Os doces e salgados eram bem feitos mas traziam um indisfarçável cheiro de sacristia, e limitei-me a prová-los com uma rapidez espantosa, atirando os restos sem a menor cerimônia na cara dos que se achavam do outro lado da mesa e que me

respondiam gentilmente da mesma forma. Dentro em pouco o banquete improvisado se transformou numa autêntica batalha de confete, com pedaços de bolo e caroços de azeitona voando indistintamente de uma extremidade da mesa à outra, em meio a improperios e palavrões que nem de longe penso repetir aqui.

Quando acabou a batalha naval, o mesmo capelão de antes tentou repetir sua oratória mambembe, mas foi estridentemente vaiado por todos os presentes em estado de exaltação, inclusive pelo legado pontifício que lhe atirou um pastel na cara e o fez sentar-se meio atônito.

Ao som da Noite Feliz, executada numa vitrola invisível, fizeram-nos entrar de novo em fila indiana e levaram-nos às pressas até as nossas respectivas celas, onde ficamos trancafiados o resto da manhã, até a hora do almoço, quando os ânimos já estavam serenados e pudemos sem maiores protestos voltar à rotina de todos os dias, com um almoço que não tinha sequer linguiça ou frango ensopado para variar.

# Capítulo Negro

Tenho sido injusto para com a Noite. Amo a Noite e vivo a difamá-la, chegando mesmo ao crime de tomar narcótico para combater a insônia — esse meu único bem. A Noite é a túnica que me assenta como uma luva, como o sudário a um cadáver, ou — já que estou mesmo no terreno das comparações — como óculos escuros num cego de nascença, em pleno meio-dia.

Só não amo, na Noite, as baratas e os escorpiões, estes felizmente mais raros de encontrar do que os fantasmas ou os assassinos embuçados nas esquinas sem luz, a desoras. As baratas, temo-as como aos seres fantásticos criados pela imaginação de Jerônimo Bosch, e preferiria ter que entrar na jaula dos leões a ter por um instante na mão um desses habitantes dos esgotos e das sarjetas, de antenas vibráteis e patas de caranguejo. Vou mesmo ao extremo de preferir uma sopa de escorpiões vivos ao simples contato de uma barata morta e já em parte devorada pelas formigas, de patas para o ar como uma prostituta. O meu inferno será por certo todo coalhado de baratas aos milhares e aos milhões, todas vivas e ágeis dentro das trevas eternas e úmidas — a menos que falte ao meu punidor imaginação necessária para punir-me até a loucura, ou não tenha ele maldade bastante para impor um tal castigo à minha humana inocência.

Mas a Noite, excluídas as baratas e a ameaça dos escorpiões, é a minha musa e o meu túmulo bem-amado, aquele a que aspiro com todas as forças da minha alma, como deve aspirar ao seu todo ser lúcido e tocado de inviolável pureza. E aqui lhe rendo esta homenagem tardia mas veemente, no pleno silêncio deste quarto frio e povoado de trevas, tendo por quadro-negro esta parede onde a custo faço deslizar a ponta do meu lápis, já que a lua hoje não veio da Ásia e não consigo sequer enxergar o meu triste corpo ajoelhado na cama.

....A/OA7 dormit diabolus.

## Capítulo 42

Estranho como somente hoje nos tenha ocorrido a ideia de fuga.

Conversávamos os três sobre moscas e mosquitos — eu, o Dr. Keither e o anarquista de maus bofes — quando de repente me ocorreu a ideia salvadora e que logo foi acolhida com gritos de entusiasmo, seguidos de palmas e vivas expansões de alegria. Um dos guardas que se achavam junto ao portão do pátio veio discretamente inteirar-se do que se passava, mas ainda mais discretamente mudamos de assunto e começamos a procurar minhocas no asfalto.

Assim que o monstro se afastou voltamos a debater, em voz quase inaudível, os diferentes planos de fuga, e assim ficamos bem durante quase umas duas horas, com grande excitação ocular e manual por parte do inconformado anarquista, que queria executar a fuga naquele mesmo instante. O Dr. Keither, ponderado como sempre, tratava de temporizar e invocava altos exemplos históricos, como o de Casanova por exemplo, para ver se conseguia adiar a coisa pelo menos até o dia seguinte, que era de lua vazia e por isso mais propício às grandes evasões. O anarquista, que se chamava Hernández, xingou-o com uns dois nomes feios mas acabou concordando em tese, mesmo porque ainda teria que arrumar as malas e isso lhe demandaria pelo menos uns quinze minutos.

Depois veio a questão da estratégia propriamente dita, e os desentendimentos recomeçaram com redobrada força. Entendia Hernández que deveríamos começar matando todo mundo, inclusive o padre oficiante da missa da véspera e que era um reacionário dos quatro costados, como dera prova com o seu sermão repleto de Deus; e, uma vez todos mortos, abriríamos simplesmente a porta da rua e ganharíamos a rua principal da cidade, com ar de turistas norte-americanos. O ponderadíssimo Dr. Keither porém redarguiu

que o plano não era bom, porque inexecutável, e sugeri que, em vez de matarmos todos, deveríamos não matar nenhum, mesmo porque com isso se faria grande economia de munições, que no momento estavam muito caras. Eu, de minha parte, após meditar por duas vezes, sugeri que se matasse pelo menos o tal padre da missa — o que representaria, na pior das hipóteses, um padre a menos no mundo — e que fugíssemos em plena madrugada, num balão que encomendaríamos por carta ao conde Zeppelin ou a outro que aceitasse a incumbência por menor preço e em condições idênticas.

Com o toque da campainha mandando recolher os prisioneiros às suas celas privadas, a assembleia dissolveu-se temporariamente, mas estou certo de que amanhã voltaremos a debater o assunto com a mesma disposição de espírito, pois o assunto é desses que requerem pelo menos cinco horas seguidas de discussão, com pontapés e pescoções de parte a parte.

Sinceramente não acredito que o anarquista Hernández seja o companheiro ideal para uma tal empreitada, dado o seu caráter excessivamente anarquista e mesmo antropofágico, capaz de surpresas desagradáveis e nada condizentes com a boa educação que me caracteriza e sobretudo ao Dr. Keither. Não fora o cabuloso Mr. Boss, agora com a mania de mascar chiclete e de pregá-lo nos cabelos do primeiro que lhe passe pela frente, e eu convidaria para a sensacional fuga o suavíssimo príncipe Danilo, de gestos brandos e voz de contralto, que mais de uma vez já me fez sentir sua irresistível simpatia pelos meus braços musculosos e pelo meu olhar ferino mas profundamente humano. Esse príncipe Danilo, que ao contrário do nauseabundo sobrinho de Napoleão tem umas nádegas apetitosas e repletas de curvas femininas, é não só discreto ao extremo como dono de uma inteligência viva e maleável, que só poderia ser de enorme utilidade no caso dos naturais tropeços que acompanham geralmente uma fuga desesperada, mesmo em tempo de paz e com a ajuda do conde Zeppelin. Amanhã, se Mr. Boss dormir no ponto e não se mostrar tão vigilante como de costume, tentarei induzir o induzível príncipe de opereta a acompanhar-nos na aventura aérea por sobre os muros desta execrável prisão, nem que para isso tenha que beijá-lo na boca como ele tentou beijar-me

outro dia no vão da escada que leva ao refeitório. Estou certo de que o Dr. Keither preferirá mil vezes o doce personagem da Viúva Alegre ao tempestuoso e meio alocado Don Hernández Savonarola, que já uma vez lhe atirou com um pastel no meio da cara sem ao menos pedir-lhe desculpas pela indelicadeza.

Já tenho fugido muito na minha vida, desde o dia em que ainda criança fugi do ventre materno — mas esta é a primeira vez que a ideia de fuga me apavora e me deixa perplexo diante de mim mesmo, como se de antemão nossa tentativa já fosse frustrada e devêssemos pagar com a cabeça a nossa insopitável ânsia de liberdade. Qualquer coisa na atmosfera, que está pesada, me diz que esse será o passo decisivo para toda a minha vida futura, e mesmo para a salvação da minha alma depois da minha morte, pois jamais eu me perdoaria morrer no cativeiro como um rato qualquer, sem a coragem ao menos de enfrentar de peito aberto a horda de bárbaros que aqui nos retém por motivos certamente idiotas mas com toda certeza desumanos. A ter que morrer neste campo de morte, que não sei se é russo, alemão ou latino-americano, prefiro morrer lutando e, se preciso mesmo, com as minhas próprias mãos, numa autoeutânasia que nada tem a ver com o suicídio comum, tocado de medo e de desespero.

## Capítulo LIV

Em Adis-Abeba conheci dois irmãos siameses que tocavam piano a quatro mãos. Quando um deles morreu, o outro teve que ser enterrado junto, embora protestasse inocência e fosse noivo de uma moça que o amava relativamente. O imperador foi visitá-los na câmara ardente, onde um estava morto e o outro ainda estava vivo, e foi lá, entre oito círios ao invés de quatro, que fui apresentado ao imperador da Etiópia, que me saudou com gentil reverência.

Esse imperador abissínio, aliás, foi quem me nomeou governador de Marrar pelo espaço de 12 meses — levado, talvez pela minha cor etíope e por uma falsa carteira de identidade que lhe apresentei e que roubara a um pobre mendigo por mim assassinado numa rua de Gondar —; e, findo aquele prazo, eu estava mais rico do que o próprio imperador e todo o seu império, dado o negócio de armas em que me meti e que me valeu a excomunhão do Papa.

Indo em peregrinação a Meca, para escapar à sanha de Sua Majestade, tive que atravessar às pressas o não sei por que chamado mar Vermelho que me pareceu tão azul quanto o mar Negro ou o mar Amarelo, e onde fui despojado em parte de minha fabulosíssima fortuna por um empregado infiel e sem escrúpulos, que se atirou às águas e nadou como um raio em direção ao golfo de Aden. De Meca transportei-me, puro já de alma, para a próspera cidade de Medina, onde comprei metade da Arábia a um alto membro do governo que depois vim a saber ser tão árabe e tão membro do governo quanto eu mesmo, com a agravante de ser um refinado vigarista. Reduzido a 15 milhões de arabescos, fugi de bicicleta para Damasco, onde apanhei o tifo e depois me tornei amante teúdo e manteúdo de uma alta dama afegã, cujo marido era cego e ali se achava justamente em tratamento da vista. Em Cabul, aonde fui ter alguns meses depois, levado pelas mãos generosas de minha protetora e de seu infortunado esposo, dediquei-me por algum tempo a altas indagações filosóficas de natureza moral, que resultaram no meu famoso Tratado da desesperação metafísica,

traduzido para vários idiomas e que em francês pode ser encontrado em edições NRF (320 págs. — 1.280 frs.) com prefácio de Georges Duhamel. Tendo sido meu rico protetor morto numa infame emboscada em que a princípio se suspeitou de minha participação, passei a morar com a poderosa viúva e mais seus sete filhos, que logo ficaram reduzidos a cinco e pouco depois a três e a dois, devido a uma estranha epidemia de gastroenterite que grassou nas imediações de nosso palácio. Com a perda final de seus dois últimos filhinhos, um dos quais era também meu, e que foram encontrados afogados numa piscina que existia aos fundos do nosso jardim, a pobre mãe entregou-se a toda sorte de desespero e acabou por matar-se numa noite de tempestade, com um tiro do meu revólver que lhe acertou bem no meio da nuca. Feito herdeiro universal de todos os bens do casal, graças à lãbia de um advogado que ficou com a metade da herança, pude viver principescamente durante mais de três anos, até que rebentou a guerra entre o Paquistão e o Afeganistão e que me reduziu, do dia para a noite, à mais extrema pobreza.

Fui acolhido como refugiado político pelo ex-rei Farouk do Egito, que a esse tempo ainda era magro e se comportava como um segundo Luís II da Baviera, apenas com algumas mulheres a mais e um pouco menos de filosofia dentro do cérebro. No Cairo, onde estive como hóspede oficial de Sua Majestade durante mais de ano, dediquei-me à nobre arte do dolce far niente, que não excluía, é bem de ver, algumas pesquisas de ordem estritamente secreta sobre a vida particular do rei e sobretudo de seus áulicos mais influentes, e que me seriam no futuro de grande proveito para casos de pequenas chantagens ou intrigas políticas inevitáveis numa Corte que se preza. Agraciado com a Grã-Cruz da Ordem dos Faraós Atônitos e com a Comenda (1º Grau) do dervixe Abdula, pouco depois era escorraçado do país por haver-me prestado num momento de fraqueza a serviços de espionagem a favor da Inglaterra, como pode ser lido e relido no capítulo XVIII das Memórias do Sr. Winston Churchill. Deportado para a Groenlândia num cargueiro que transportava vinte toneladas de alfinetes de cabeça e um pequeno elefante, ali vivi sucessivamente em

Angmagssalik, Sukkertoppen, Holsteinborg, Scoresbysund, Upernivik, Christianshaab, Umanak, Godthaab e Jakobshav, sendo que nesta última cidade quase fui morto a arpão por uma jovem esquimó de raríssima beleza e que não queria conformar-se com a minha anunciada partida para Toronto, no Canadá, onde afinal se condoerá de minha sorte e mandara chamar-me um velho membro de minha família, cujo nome no momento não vem ao caso, mesmo porque morreu logo depois que ali cheguei, torpemente envenenado ao que dizem.

Com o dinheiro herdado desse prestimoso parente comprei-lhe um rico túmulo e tratei de pôr-me ao largo o mais breve possível, indo dar com os costados no Estado de Pennsylvania (EUA), em cuja capital, Pittsburg, mais uma vez me naturalizei norte-americano e consegui viver tranquilo por um longo tempo, dado o meu gênio cordato e cheio de delicadezas. Autor de inúmeros best-sellers, todos publicados em edições pocket-book e magnificamente condensados para o Reader's Digest, granjeei em menos de um ano uma reputação literária só comparável, na época, à de um Ernest Hemingway ou à de um Leslie Charteris, o que me propiciou contribuir para o rápido enriquecimento do país através do imposto de renda. Datam dessa época minhas trinta e seis novelas policiais mais famosas, bem como os quatorze romances que Hollywood aproveitou para algumas de suas produções mais significativas, muitas delas em technicolor e com som estereofônico. Reduzido à mais extrema penúria pelo fisco implacável, para o qual contribuía com 200% sobre o que honestamente ganhava, abandonei a literatura e entreguei-me à traficância de tóxicos e à prática ostensiva do lenocínio, o que me valeu em pouco tempo uma cadeira de deputado pelo Estado de Minnesota e as consequentes imunidades parlamentares e extraparlamentares, que de mim fizeram um dos homens mais poderosos da democracia norte-americana. Não fora a perseguição tenaz que me moveu um de meus rivais mais perigosos, John Dillinger III, com ameaças inclusive à minha integridade física, e certamente eu teria feito da grande república do Norte a minha pátria definitiva neste planeta, sem nunca ter pensado em arrumar as malas de novo e enfrentar mais

uma vez as incertezas deste mundo tão cheio de loucos e perversos,  
como acabei fazendo em meados de setembro de 1953.

# **Segunda Parte**

*Cosmogonia*

# A

Rua da Liberdade. Este, pelo menos, o nome que estava na placa da esquina, em letras bem visíveis, para quem quisesse ler.

Pode parecer estranha coincidência, mas foi a essa rua que vim ter em plena madrugada, depois que me separei de Hernández e do Dr. Keither, para que a polícia internacional não viesse a desconfiar de nós três juntos. E foi nessa rua, sob a tempestade implacável, que dei com o corpo do enforcado na árvore — um homem cheio de barbas e usando um pince-nez arcaico, e que a princípio julguei ser um Judas em sábado de aleluia, cômico do seu importante papel.

Eu me abrigara sob a árvore para fugir da chuva, e aquele corpo oscilante a dois palmos do meu nariz acabou por despertar-me a curiosidade, como penso que despertaria até ao mais cego dos cegos, se é que cegos andam à solta pelas ruas em noite de tempestade. Quando ele passou a oscilar um pouco menos, aproximei-me decididamente e arranquei o bilhete que ele trazia suspenso do pescoço e que dizia: "Ao Sr. delegado de polícia". Do bilhete, que não dizia nada de interessante, passei aos bolsos do paletó e das calças, de onde arrecadei uma polpuda carteira com algumas notas de mil francos e um relógio de ouro em perfeito estado de funcionamento, que me pôs a par das horas dentro da madrugada fria e deserta.

Sem ao menos despedir-me do meu benfeitor, afastei-me às pressas para um quarteirão vizinho, onde sob a luz de um lampião, certifiquei-me de que não andara sonhando e pude contar calmamente o dinheiro que os céus me haviam mandado justamente no momento em que eu mais precisava dele. Ao todo 6.250 francos, se não contei mal, e que me permitiram procurar logo o primeiro hotel barato que me aparecesse pela frente, e de onde justamente estou escrevendo este capítulo antes que o dia amanheça.

O quarto — para dois: eu e meu irmão gêmeo — não é grande coisa, mas também para um foragido de um campo de concentração não se poderia desejar coisa melhor, sobretudo levando-se em conta que o temporal lá fora é cada vez mais forte e que eu estou ensopado como um frango ao molho pardo. Uma cadeira, duas camas, um cabide, um urinol de alumínio, e um largo espelho na parede onde meu irmão aparece sempre que dele me aproximo para pentear-me ou corrigir o laço impecável da minha gravata. Há também, ia esquecendo-me, uma lâmpada acesa suspensa do teto, mas penso que isso não deva ser incluído propriamente no mobiliário, como não o deve ser o trinco da porta, fechado a sete chaves.

Não pude trazer comigo, como desejava, o voluptuoso príncipe Danilo, cujas curvas já começavam a interessar-me vivamente, e isso não só porque o terrível mister Boss não me permitiu qualquer confiança nesse sentido, como ainda porque a fuga se deu antes do tempo previsto e meio atabalhoadamente, quando o campo se achava cheio de visitantes e a porta se encontrava desmesuradamente aberta. Eu, Hernández e o Dr. Keither simplesmente nos dirigimos à portaria, imobilizamos o guarda que fazia às vezes de porteiro (com dois possantes jabs de direita) e saímos acendendo nossos cigarros com o ar mais tranquilo deste mundo. Não houve derramamento de sangue, como fora previsto, nem sequer fomos incomodados ao longo da rua arborizada e cheia de sol que encontramos pela frente e que só então ficamos sabendo chamar-se avenida dos Inconfidentes, como de fato o era.

Chegados à esquina, trocamos algumas palavras amáveis e tratamos de safar-nos cada um para um lado diferente, a fim de evitar possíveis suspeitas — sendo que Hernández se pôs logo em desabalada carreira por uma rua estreita e sem nome, que sem dúvida o deve ter levado até a China. Eu ainda tive tempo de beijar o Dr. Keither na face por duas vezes, antes de tomar um ônibus que passava em marcha moderada e que me levou em menos de meia hora ao centro comercial da cidade, que ainda não sei dizer bem qual seja.

Com os bolsos vazios e gemendo de fome, perambulei de um lado para outro sob a chuva que começava a cair, em meio a criaturas estranhas que nem sequer se dignavam de encarar-me de frente — até que, noite alta, fui dar com o corpo do meu benfeitor suspenso da árvore e com a metade da língua de fora, o que me permitiu esta situação de relativa abundância em que ora me encontro.

Esquecia-me de dizer que foi o dono do hotel — um senhor muito amável e com cara de cadáver — quem me deu o papel e o lápis necessários para que eu pudesse continuar escrevendo esta espécie de Diário dentro da Noite, e que um dia, se Deus quiser, levarei em mãos ao editor Gallimard, em Paris, para que dele possa fazer o best-seller que se dúvida ele é e merece ser.

## B

O hotel aqui não é grande coisa, mas tem uma privada de primeira. Defiquei esplendidamente, como não o fazia há muito tempo — depois, acendi um charuto e saí a rodar discretamente pelo bairro, para tomar posição e ver se descobria em que país afinal me encontro, já que não me ficaria bem perguntar essas coisas ao dono do hotel ou ao primeiro transeunte que encontrasse. A língua oficial, ao que tudo indica, é a língua portuguesa, mas isso não adianta grande coisa na solução do mistério, pois tanto posso estar em Portugal como no Brasil, para não dizer nas ilhas dos Açores ou numa das muitas possessões que Portugal mantém na África ou na Ásia, se é que ainda as mantém. Ouvi também um pouco de espanhol — mas foi num rádio do bar da esquina, e pode ser que se tratasse apenas de um programa de boleros ou de tangos, como os que se ouvem em qualquer cidade da China ou na Bessarábia. A solução será mesmo comprar um jornal da tarde e ler no cabeçalho o nome da cidade em que é editado, pois não é admissível que os jornais aqui venham de outra cidade ou deixem de lembrar diariamente aos seus leitores que o nome da sua capital é X e não Y, como lhes lembra que hoje é quinta-feira e não sexta e que estamos nos meados do século XX e não do XIX.

Mas, enquanto persiste o mistério, sento-me à mesa de um bar e peço de uma vez oito copos de cerveja gelada, que vou emborcando silenciosamente sob o olhar atento de um menino maltrapilho, que certamente nunca viu ninguém tão rico quanto eu. (E se eu lhe perguntasse pelo nome da cidade, será que ele não perderia o respeito por mim, o grande respeito que advém dos oito copos de cerveja formados em fila indiana e que vou sorvendo com a calma sabedoria de um Buda?) Deixo-o fitar-me enquanto me embebedo, e, uma vez bêbado, atiro-lhe com um copo na cara e ameaço corrê-lo a pontapés, o que provoca a intromissão indébita do meu truculento vizinho da esquerda, que a viva força quer expulsar-me do bar e talvez do país.

Serenados os ânimos, não sem uma polpuda esmola de minha parte ao pequeno maltrapilho, dirijo-me em alemão ao meu vizinho da esquerda e, em tom amabilíssimo, cheio de sorrisos, mando-o para o inferno e para outros lugares ainda menos recomendáveis, o que provoca de sua parte um gesto amigável e algumas palavras, em português, do mais puro reconhecimento.

Quando dou por mim, muito tempo depois, estou sentado num banco de praça, ao lado de uma mulher gorda que não sei se ali está levada por mim ou se por conta própria, pois de fato não me lembro bem nem do meu nome nem do país ou do planeta em que estou, de tal forma me gira a cabeça e com ela todo o resto do corpo. A mulher gorda, seja ou não minha amante, não me dá a mínima importância e continua a fitar o vácuo à sua frente com o ar mais hierático deste mundo, como se fora um boneco de cera ou a própria estátua da Prostituta Desconhecida.

Afinal, após um vômito breve, consigo levantar-me com relativa facilidade — e, já senhor do meu pensamento, convido a respeitável matrona a passar comigo aquela noite, mostrando-lhe uma nota de mil francos e por conseguinte minhas boas intenções a seu respeito. A caminho do hotel, percebo que a mulher manca horrivelmente da perna esquerda e que é muito mais feia do que eu pensava, além de ter um hálito capaz de provocar verdadeira guerra bacteriológica num raio de dez quilômetros. Mas, como estou lírico e ainda não tenha vomitado toda a minha alma, levo-a assim mesmo para o quarto e ali a possuo por três vezes seguidas — duas por minha conta e uma em nome do meu irmão gêmeo e sepulto em mim — o que a faz lamentar ser tão pequena a minha família e tão avaro o meu espírito de fraternidade.

Finda a bacanal bacteriológica, levo o meu monstro coxo até um restaurante próximo, onde jantamos furiosamente e, entre uma garfada e outra, nos tratamos pelos nomes mais carinhosos possíveis, sob o espanto visível do garçom vesgo que nos serve. Quando ganhamos a rua já passa da meia-noite (pelo relógio do enforcado) e, após acordar toda a vizinhança com os nossos gritos obscenos, despedimo-nos como dois líricos namorados, não sem antes copularmos mais uma vez, em plena rua, ao som da uma valsa

vienense que vem de dentro de um palacete feericamente iluminado.

Chegado ao hotel, verifico com espanto que fui roubado em minha carteira pela infame megera, certamente por ocasião da última cópula ao som do Danúbio Azul, o que me faz sair às pressas em busca do meu prestimoso enforcado, a ver se consigo arrancar-lhe a roupa, os sapatos e algum outro bem que porventura me tenha escapado por ocasião do primeiro saque. Na rua da Liberdade, porém, a madrugada reina impassível e sem fantasmas, e o corpo do meu amigo já não balouça mais como uma lanterna chinesa à luz fosca do lampião, certamente por já ter sido descoberto pela polícia e pela família inconsolável. Sento-me no meio-fio e, como um desesperado, choro pela madrugada adentro, tendo por única companhia a lua cheia sobre a cabeça e a sombra do meu irmão refletida numa poça d'água sob os meus pés.

## C

Quando acordo, estamos em plena revolução comunista, com barricadas por todos os cantos e um ruído de metralha cortando o espaço em todas as direções. Lavo o rosto na poça d'água onde ainda dormia o meu irmão, e saio correndo em direção à esquina mais próxima, onde dois cachorros, indiferentes à calamidade, se entregam à doce tarefa de perpetuar a espécie, junto a um busto de Bolívar.

Aos gritos de Viva a Revolução! e Morra a Oligarquia! embarco num caminhão repleto de cidadãos de má catadura e armados até os dentes, que cantam a Marselhesa ou coisa parecida e vociferam em todas as línguas vivas do universo, num fedor coletivo que o sol cáustico da manhã só faz aumentar à medida que alcançamos o centro da cidade. Uma bomba potentíssima, caída ao que parece do céu, atira-nos com caminhão e tudo a uns dez metros de distância, num impacto violentíssimo — do que resulta eu sair ileso, com um fuzil-metralhadora debaixo do braço, que retirei de sob o corpo mutilado de um de meus infelizes companheiros. Meio zozzo e com uma dor de cabeça como nunca tive igual em minha vida, trato de pôr-me a salvo na primeira porta aberta que encontro pela frente e que me leva, em dois lances de escada, a um corredor escuro e sem saída, onde me sento por um instante para tomar fôlego e considerar minha nova posição dentro do mundo.

Passada uma hora, e como a dor de cabeça está a ponto de enlouquecer-me, levanto-me titubeante e forço uma das vinte portas que existem no corredor e que se abre sobre um quarto modesto mas decente, onde há uma cama de solteiro e um quadro de Picasso na parede. Como não tenho onde urinar, subo à janela e de lá urino com vontade sobre a cidade em pé de guerra, ouvindo à distância o fogo da metralha e uma ou outra explosão mais forte, de bombas de grande alcance. Já aliviado, fecho a janela e me estendo de comprido em toda a extensão da cama, com o travesseiro sobre a

cabeça para não ouvir muito os gritos dos moribundos e o trágico ribombar dos canhões.

Acordo com um senhor muito distinto apontando-me um fuzil-metralhadora (possivelmente o meu) e intimidando-me em bom português a levantar-me e postar-me de encontro à parede, as mãos sobre a cabeça. Obedeço como posso, já que a dor de cabeça não me permite movimentos muito rápidos, e fico nessa posição ridícula até que o cavalheiro se disponha a mandar-me descer os braços, após haver-me revistado sumariamente.

Trata-se de um negro quase retinto, mas de feições finas e mesmo aristocráticas, que logo fico sabendo ser o dono do quarto, e por conseguinte da cama e do Picasso na parede, e que acaba por compreender que eu afinal não sou tão perigoso como parecia, sendo como sou apenas uma vítima da revolução e não autor dela. Acabamos, dentro de meia hora, por sentar-nos os dois em cima da cama e por falar de assuntos vários e sem maior importância, o fuzil-metralhadora colocado entre os joelhos do meu interlocutor para qualquer eventualidade.

Quando lhe peço uma aspirina pelo amor de Deus, fico sabendo que seu nome é Sócrates — sem dúvida o único Sócrates negro em todo o mundo — e que nas horas vagas se dedica à nobre ocupação de vagabundo, exatamente como eu já suspeitara pela mobília do quarto e por sua roupa já bastante surrada. (O Picasso na parede não chega a ser propriamente um Picasso, mas um espelho sem brilho e quase surrealista, no qual eu me vira refletido sem poder reconhecer-me).

Com a aspirina e um breve repouso que me permite meu amável anfitrião sempre com o fuzil-metralhadora entre as pernas — sinto-me em pouco tempo eu mesmo e capaz de manter uma palestra brilhante em qualquer salão da Europa e até mesmo da Ásia, mesmo porque os grandes problemas do mundo tumultuam dentro do meu cérebro como um enxame de abelhas dentro de uma colmeia, para usar de uma imagem exata. O novo Sócrates, que está um pouco resfriado, limita-se a ouvir-me com ar um tanto ou quanto surpreso, com olhos ora grudados em mim ora no cano de seu (meu) fuzil-metralhadora — certamente admirado de minha erudição

instantânea e de minha quase ubiquidade em todos os acontecimentos importantes deste século. Para tudo resumir, ao fim de uma hora de minha autobiografia, ou de boa parte dela pelo menos, estamos mais amigos do que dois irmãos que nunca se separaram e não pretendem separar-se jamais, e comemoramos o feliz evento com um pouco de vinho barato que o meu amigo vai pescar debaixo da cama, numa garrafa sem rótulo.

Após beber à sua saúde, e quando já o vejo meio bêbado, torno-lhe de surpresa o fuzil de entre as mãos e, num gesto rápido, fuzilo-o em dois tempos, com um tiro endereçado bem no meio da testa. O resto de vinho mistura-se com o sangue que lhe jorra aos borbotões do nariz e da boca, e a mistura do vinho e do sangue forma um colorido entre o marrom e o tango, que faria inveja a qualquer pintor acadêmico. Para não perder o hábito, revisto-lhe os bolsos quase vazios (onde constato que seu nome é realmente Sócrates, apesar de negro) e depois, ainda com o fuzil-metralhadora debaixo do braço, saio pelo corredor afora até a porta da rua, onde respiro forte e solto sem querer uma gargalhada estrondosa, digna de ser filmada pelo falecido Eisenstein.

Ali fico sabendo que a revolução, apesar de comunista, fracassou rotundamente — e que o número de mortos se eleva a mais de cinco mil, sem contar naturalmente o corpo de Sócrates, de que só eu posso ter ciência até o momento. Aos gritos de Morra a Liberdade! e Viva a Oligarquia! embarco num caminhão superlotado que desta vez me leva realmente até o ponto mais central da cidade, onde os mortos ainda jazem no meio das ruas e os moribundos balbuciam palavras incompreensíveis que tanto parecem latim como português, iídiche, russo, sueco ou outra qualquer língua desconhecida.

## D

Sentado à mesa de um bar, como é do meu hábito. Diante de mim um copo de cerveja, loiro e cheio de dignidade. No muro em frente um filósofo escreveu, em grandes letras, a palavra suprema: MERDA, que vibra ao sol da manhã como um grande sino convocando os infiéis a um sabbat sem precedentes, com baionetas caladas em vez de vassouras e o bode preto substituído pela face mansa e apostólica de um buda de marfim.

Estou mais lúcido do que uma nota tocada ao piano, e meus dedos são dez antenas voltadas para os dez mandamentos da lei antimosaica e que um dia dominarão o mundo, no verdadeiro dia do Juízo Final. Estou mais bíblico do que são João em Patmos, e o meu silêncio é uma harpa eólia que o vento da manhã só torna audível aos que sintam comigo a gravidade da hora presente, banhada de sangue inocente e do pranto das viúvas e dos órfãos.

A um passo de minha sombra, o rio dos transeuntes subindo e descendo a rua ardente, rumo ao sul, rumo ao norte, desorientados apesar do guarda de trânsito que na esquina lhes aponta o bom caminho, servindo-se para isso de um cassetete. Um cavalo cego, puxado por um velho de barbas proféticas, estaca por um instante diante dos meus dedos transformados em signos do zodíaco, mas o velho lhe dá com o chicote no meio da testa e ele se esquece de sua nobre condição de cavalo, seguindo o outro com o andar quase marcial que lhe impõem as pedras da rua. Seria tão mais fácil cair morto sobre as botinas do seu dono e algoz, aos olhos estupefatos dos sobreviventes da última mas não derradeira revolução, em vez de...

A cerveja sabe-me a urina de defunto, mas não sou suficientemente rico para jogá-la à cara do garçom e pedir em troca uma garrafa de champanha, com rolha e tudo, embora tenha vendido a um camelo de esquina meu fuzil-metralhadora com apenas uma cápsula deflagrada. Em tempos normais eu teria enriquecido facilmente, com um argumento tão bom como é e

sempre foi um fuzil-metralhadora a tiracolo, mas o dia de hoje é claro e quase pacífico, e nem sequer é carnaval para eu andar vestido de anarquista feroz pelas ruas policiadas e dedetizadas de uma metrópole, muito embora...

Devo ter meus cinquenta anos, a julgar pela carne flácida que sinto quando passo as mãos pelo rosto e em volta do pescoço, num gesto muito meu e que também foi de meu pai. (Aliás, copio meu pai em muitos gestos e atitudes impensadas, e até mesmo na entonação da minha voz, como penso ocorrer com a maioria dos filhos legítimos e ilegítimos, inclusive entre os ratos e os gafanhotos.) Mas a minha idade não tem muita importância, contanto que eu não me olhe ao espelho, e o que vale é esta juventude perene e esse contínuo assombro em que me vejo diante das coisas do mundo, sobretudo das coisas invisíveis e mais certas, como Deus por exemplo e seu partenaire, o diabo. Com cinquenta ou cem anos sinto-me mais jovem do que uma criança recém-nascida, e disso dão prova minha gargalhada fácil e meus dedos ágeis sobre a mesa, mais ágeis do que as formigas de Maeterlinck. Só me sentirei velho depois de morto, e assim mesmo por causa dos vermes e das mãos atadas por sobre o ventre, esse mesmo ventre já não me pertencerá mais e sim ao diabo, ao qual vendi minha alma antes dos vinte anos. (De passagem: conheço velhos que têm apenas doze anos no registro civil e que se envergonhariam se vissem minha juventude cinquentenária e cheia de blasfêmias, eles que nunca blasfemaram em sua vida, nem mesmo em sonho.)

O garçom tem cara de mentecapto, mas isto não me afeta grande coisa, como de resto não me afeta nada de nada neste mundo, e espero também no outro. Cara de mentecapto tem todo mundo, com perdão da palavra, sobretudo se se está apaixonado ou simplesmente faminto, como é o meu caso nesta manhã azul. O homem é por natureza mentecapto, como o é o galo e mais precisamente ainda o zangão diante da abelha-rainha, e o que o faz assim é principalmente o seu poderoso sexo, com cabelo e tudo. Enquanto a fêmea for fêmea e o macho for macho, a inteligência do homem será apenas uma figura de retórica, e a sua imagem no espelho será isto que estou vendo na cara do garçom, por mais

penoso que me seja dizê-lo. Resta o recurso do suicídio, se é que isso seja realmente uma solução.

Preciso escrever uma infinidade de livros para desintoxicar-me, e as minhas espinhas são os livros que não escrevi até hoje, embora já tenha escrito muitos. A palavra foi dada ao homem para blasfemar contra o seu destino, e a palavra escrita é a verdadeira palavra, como o defunto é o único homem verdadeiro, em sua nudez total. (Mudez ou nudez, leiam como quiserem).

O dia mais feliz da minha vida foi o dia em que escrevi minha primeira palavra feia no muro alto do colégio — exatamente essa bela palavra MERDA que agora me fita do outro lado da rua, como um desafio. MERDA é tudo que não seja a morte, que talvez também o seja, e disso sempre tiveram consciência os homens menos mentecaptos em seus momentos de maior lucidez, e que são poucos. Merda é a própria vida, mero eufemismo para uso dos salões elegantes e dos tratados diplomáticos, que também são uma merda como tudo mais, como sempre o foram e o serão até o fim dos tempos. Proponho mesmo que, em lugar dos nomes dos países, se diga simplesmente: Merda n.º 1, Merda n.º 2, e assim por diante, chamando-se aos Estados Unidos a capital de todas as merdas, como de fato eles o são.

Que o otimismo é uma grande coisa não resta a menor dúvida, como o é também a santidade, dentro ou fora da Igreja Católica Apostólica Romana. Só que não é otimista quem quer, ao contrário do que pregam os norte-americanos, como não se é santo pela simples extirpação dos testículos ou pelo desejo acirrado de servir ao próximo, mesmo quando se trate de nosso maior inimigo. Ou se nasce inocente ou não se nasce, e a inocência, que rima com inconsciência, é a chave de todo o segredo do santo como do otimista, e nem toda a riqueza do mundo é capaz de pagar o seu preço. Se não consigo ser otimista é porque igualmente não consigo ser menos calvo do que sou, ou menos baixo de estatura, ou ainda menos feio do que pareço diante do espelho. O resto é psicologia de ginásio e receita de milagreiros que nem sequer sabem do que é feita a alma do homem, confundindo-a com o ar dos seus pulmões ou dos seus intestinos, invisível aos raios X.

Se o otimismo se vendesse a peso de ouro, eu o compraria por todo o ouro do mundo e ainda daria de contrapeso o destino de minha alma imortal, já que por muito menos a entreguei um dia ao diabo, que tem fama de bom cobrador. O que me enfeia é justamente este ar de repugnância e tédio que, digam o que quiserem, já trago de nascença e que ficará estampado na face do meu cadáver, como o ficou em Leopardi e em outros cidadãos que nem depois de mortos se traíram. Ao sacerdote que me venha encomendar o corpo peço que respeite ao menos esse ricto de pura náusea que por certo lhe há de causar escândalo, e que os parentes, se os tenho, atribuirão ao lenço amarrado no queixo ou a simples ilusão de óptica, mesmo porque não lhes poderei cuspir no rosto em prova do contrário.

Mas a manhã é azul demais, e eu, sem o meu fuzil, sinto-me impotente diante da beleza do céu e da feiúra dos homens que impudicamente se exibem aos meus olhos, sobretudo do guarda armado de cassetete e com ar de soberano pontífice, que dirige o trânsito das almas no meio da rua. E como o lugar do covarde é debaixo da cama, junto do urinol e das baratas, vou procurar um albergue da boa vontade onde me possa deitar no lugar que me compete, enquanto não passe este pessimismo doentio de que me sinto possuído, tal como um xifópago que de repente se dispusesse a meter uma bala na cabeça sem ao menos consultar seu companheiro adormecido.

## E

Como o calor está muito forte, entro numa igreja e me ponho a rezar. Com um picolé na mão esquerda, ensaio com a direita um sinal da cruz de pura gentileza e logo caio em êxtase diante do silêncio do templo, como sempre me ocorre em circunstâncias semelhantes.

Nenhum padre à vista, graças a Deus, e apenas uma velha discreta num dos bancos da frente, com o seu rosário entre as mãos. Dá-me vontade de pedir-lhe o rosário emprestado apenas por uma hora, mas o picolé na mão esquerda me lembra que eu não poderia manejá-lo à vontade, e desisto do intento. De resto, o verdadeiro misticismo não depende de pequeninas bolas de osso enfiadas num pedaço de barbante — e eu felizmente sou um místico verdadeiro, embora sem Deus. Portanto, Ave Maria, cheia de graça...

As palavras, aliás, também são desnecessárias, como o provam os mudos de nascença, e ao pensar nas palavras estarei prejudicando o mistério da minha união perfeita com as forças absolutas do nada — ou o nirvana, como dizia o meu professor de budismo. O certo mesmo seria eu me despir até da roupa do corpo, cueca inclusive, e colocar-me nu como nasci diante do Supremo Artífice do Universo, ou que outro nome tenha, para receber-lhe as graças em sua plenitude, sem interferência de qualquer corpo estranho. E para começar jogo longe, embora a contragosto, o picolé de abacaxi que estava uma delícia, e arranco fora o paletó e a gravata, e me ponho a tirar a camisa e os sapatos, segundo a expressa recomendação do Cristo aos que quisessem segui-lo até a morte. Em pouco tempo estou mais nu do que são Sebastião no altar da direita, e me prostro cheio de arrepios sobre a laje fria, o coração pulsando-me forte como um motor de explosão.

O tempo em que assim fico não sei dizer, mas o grito da velha beata logo me põe, de um salto, na posição vertical, embora ainda místico e tocado de divinos arrepios. Duas outras pessoas, que mal

acabavam de entrar, põem-se a gritar ainda mais forte do que a velha, e logo me vejo cercado por uma pequena multidão de curiosos, que pretende linchar-me em nome de Deus Padre Todo-Poderoso. Todos, embora gritando, examinam-me dos pés à cabeça em minha esplêndida nudez, sobretudo à altura do sexo e das nádegas, que é o que parece despertar-lhes mais curiosidade e escândalo — e eu fico como um animal acuado de encontro à parede fria, justo sob uma imagem de São Jorge e o Dragão.

Com a chegada do padre e de dois soldados da polícia, que também me examinam o sexo e as outras partes pudendas, vejo-me intimado a vestir-me mais depressa do que é do meu hábito fazer, sempre sob o olhar vigilante da velha devota e de duas senhoritas indignadas, que parecem querer estudar anatomia à minha custa. Levado à presença do delegado, procuro identificar-me como sobrinho do presidente da República, mas sem êxito, e acabo trancafiado numa enxovia sem o mínimo de conforto e de higiene, ao lado de elementos desclassificados e em tudo iguais aos que tenho encontrado em todas as enxovias do mundo, seja na China como na ilha de Madagáscar. Como eu já não tinha onde dormir, e os bancos de jardim nunca me apeteceram, chego a achar cômoda a situação a que me acabou levando o meu cristianismo ortodoxo, mesmo porque aqui não me poderão linchar tão facilmente como lá fora e eu sinto necessidade de um longo repouso para refazer minhas energias e minha paz de espírito, tão abalada pelos últimos acontecimentos políticos.

Pelo relógio do enforcado, que guardo como um talismã no bolso posterior das calças, são exatamente sete horas e quarenta e cinco minutos — presumo que da noite.

## F

De novo o ar livre da manhã — só que desta vez não é o sol, é a chuva, com trovões e relâmpagos para completar. (Não deveriam nunca soltar os presos em dias de tempestade, é uma maldade gratuita que não se justifica, como de resto não se justifica nada neste mundo bárbaro.)

O delegado condoeu-se da minha sorte justamente quando eu menos esperava que se condoesse, e aqui estou de novo às voltas com o meu destino, sem cama e sem comida grátis para ajudar, nesta fase de recuperação moral de que tanto estou necessitado. Prenderam-me apenas por 52 horas, pelo meu relógio suíço, e se eu não quisesse descansar certamente me teriam prendido por 52 dias ou por 52 anos, como sei de um velho que até hoje está esquecido numa masmorra da Tunísia por haver roubado um pedaço de pão sem manteiga. Enfim...

Consta que amanhã é o Ano-Bom e que por isso nos soltaram, a mim e a uns dez outros sujeitos menos ferozes, em honra do dia da Fraternidade Universal, que é uma coisa que eu não sabia ainda existir a esta altura dos acontecimentos. Foi o velho Astolfo, que também saiu comigo, quem me pôs a par da novidade, mas pode ser que se trate apenas de um boato e que voltemos a ser presos ainda hoje, para regozijo das beatas e dos pederastas de todo o mundo. Esse velho Astolfo, aliás, não me pareceu muito certo da cabeça, e a primeira coisa que me propôs, ao nos vermos na rua, foi que assaltássemos o cofre da igreja matriz da cidade, que segundo ele está a ponto de arrebentar, com pôde verificar no instante mesmo em que foi preso. Mas eu de igreja quero distância, mesmo que seja apenas para roubar, e preferirei assaltar a própria central de polícia a ter que enfrentar de novo o farisaísmo das falsas devotas e a santa indignação dos ministros de Deus, implacáveis em seus domínios.

Não que eu não precise de dinheiro, evidentemente; preciso e muito. Na delegacia roubaram-me os últimos tostões, não sei a pretexto de que imposto, e só me deixaram mesmo o meu relógio porque me pus a gritar como um desesperado, ameaçando até levar o caso ao conhecimento do presidente da República, se necessário. O delegado ainda quis insinuar que o relógio fora roubado, por lhe parecer esdrúxulo que um sujeito tão pobre como eu pudesse ter um relógio de tão boa qualidade; mas gritei mais forte do que nunca, ameacei céus e terra com o meu potentíssimo timbre de voz, e deixaram-me sair com o meu precioso talismã, não sem alguns conselhos paternais que tratei logo de mandar às favas. Na rua, porém, sob a chuva implacável, de nada me adiantou saber as horas quase que de minuto a minuto, sob os olhares cobiçosos de Astolfo e de outro prisioneiro político cujo nome ignoro e que nos acompanhou pela rua fria e deserta — e eu teria preferido que, em vez de um relógio, o enforcado me houvesse deixado em herança uma bússola, em que eu pudesse descobrir qual o melhor rumo a tomar, neste mundo tão cheio de descaminhos.

Falando quase todas as línguas vivas, e algumas já mortas ou moribundas, sinto-me em verdade incapaz de procurar um trabalho que atenda às minhas necessidades mais imediatas — comer e dormir — sobretudo numa cidade que me é inteiramente desconhecida e onde o cheiro de pólvora ainda paira no ar, em consequência da última intentona pseudobolchevista. Já exerci quase todos os misteres deste mundo, desde o de deputado até o de cáften profissional, mas ainda me falta encontrar aquele que assente como uma luva ao meu temperamento profundamente humano e que talvez ainda esteja por inventar: algo assim como o de um descobridor de terras e de mares que não fosse obrigado a sair da cama, já que o ócio me parece ser a primeira das virtudes teológicas.

Meu pai, que era um homem esperto, queria que eu fosse general ou papa, mas fugi de casa muito cedo e aprendi a ser apenas eu mesmo, sem nenhum título permanente — o que, de resto, não considero nenhuma virtude de minha parte, mas simples obrigação. No dia em que não puder ser eu mesmo eu me matarei

de vergonha; aliás, nem será preciso que me mate: morrerei simplesmente. Já tentei o suicídio três vezes por esse motivo — mas, no instante mesmo em que me suicidava, compreendia que afinal voltara a ser eu mesmo, e desistia do intento. (Conheci também um sujeito que um dia chegou em casa, olhou a mulher, os filhos, a sogra, os retratos pregados na parede e uma Última ceia pendurada em cima do piano, e de repente compreendeu que nada daquilo lhe pertencia nem poderia pertencer-lhe nunca — e de vergonha se fechou no quarto e se cortou os pulsos com uma gilete usada, sem soltar um gemido sequer e como se cumprisse apenas uma obrigação muito importante. Quando o chamaram para o jantar ele não pôde atender, pois já era um cadáver muito digno e de fisionomia muito serena, não obstante todo o escândalo que essa atitude sua provocou entre os seus, entre os vizinhos e em todo o quarteirão em que morava, e que até hoje comentam o fato como sendo uma coisa inexplicável, só concebível num acesso de loucura ou em face de algum segredo de amor que o morto teria levado para o túmulo.)

Mas a chuva está insidiosa, como dizia um meu tio, e, já que não tenho o que fazer, e o melhor nesses casos é exatamente não fazer nada, ponho-me de cócoras junto a um cinema que está exibindo um filme de Charlie Chaplin e cujo porteiro (de libré) me olha com um ar assustado e desconfiado, como se nunca antes houvesse visto um vagabundo maltrapilho e faminto, com a barba de uma semana na face esquálida e sem esperança.

## G

O melhor lugar para se comer, quando não se tem onde comer, ainda é um bom velório — em casa de família modesta e decente.

Esta filosofia da fome levou-me ontem à noite, debaixo de chuva e tudo, a procurar pela cidade, de bairro em bairro, uma porta aberta por onde pudesse divisar algum defunto sobre uma mesa, já que todos os restaurantes me batiam com a porta na cara e os dois ou três transeuntes a quem pedi uma esmola nem sequer se dignaram a fitar-me no fundo dos olhos.

Depois de muito perambular, com o estômago às costas para pesar-me menos, acabei descobrindo um velório mais ou menos no estilo do que eu desejava, num canto de uma rua escura e sem bondes, onde as casas eram todas iguais e não traziam sequer um número para identificá-las. Se eu tivesse procurado, talvez houvesse encontrado mais adiante algo melhor e mais convidativo, mas confesso que a essa altura minhas pernas já não me aguentavam mais e tive que contentar-me com o que tinha pela frente.

Era uma casa modesta, sem nenhum quadro na parede — a não ser um espelho, que refletia o morto — e na pequena sala havia quando muito umas oito pessoas, sem contar o morto evidentemente. Havia também um cachorro junto à porta, um viralata como eu, mas penso que não fazia parte da família, pois nem sequer se aventurava a entrar dentro da casa, como eu fiz com o ar mais respeitoso deste mundo. Coloquei-me de início junto a um canto mais escuro, para estudar a situação, e depois, vendo quem é que chorava mais e tinha o ar mais compungido, aproximei-me e apresentei os pêsames, com uma ligeira entonação de luto na voz. Logo em seguida, e como mandam as boas maneiras, cheguei até a beira do caixão, levantei o pequeno lenço que encobria a cara do defunto, e dei com um sujeito de má catadura mas de fisionomia

serena, que nunca antes havia visto em minha vida. À primeira vista pareceu-me um funcionário público aposentado, mas depois, observando melhor, cheguei à conclusão de que devia tratar-se de algum domador de circo, pela cicatriz bem visível que trazia numa das faces e que me lembrou um domador que eu conhecera, havia muitos anos, num subúrbio de Ankara.

Feitas as apresentações, e como o estômago já começasse a roncar-me mais forte do que um motor de cem cavalos, voltei discretamente ao meu canto e pus-me a aguardar a marcha dos acontecimentos, sentindo (talvez fosse apenas uma ilusão do olfato) um cheiro de café que vinha dos fundos da casa, na direção dos pés do morto.

Os circunstantes eram todos pessoas muito distintas, embora vestidos pobremente e com o ar visivelmente cansado, e logo entabulei conversação, em voz baixa, com um senhor que se achava à minha direita e que fumava um charuto de péssima qualidade, a julgar pela fumaça que me jogava na cara e que por pouco não me obrigou a vomitar sobre o caixão e sobre algumas senhoras presentes, que pareciam dormir sobre a barriga do morto. Se não vomitei é que não havia mesmo o que vomitar, como pude concluir daí a um segundo, quando o referido senhor voltou a falar-me a menos de um palmo do meu nariz, envolvendo-me numa espessa cortina de fumo, como se estivéssemos num campo de batalha.

Sob pretexto de ir urinar, deixei meu enfumaçado interlocutor e dirigi-me na ponta dos pés para o fundo da casa, onde de fato havia uma cozinha e, na cozinha, um casal de namorados se bolinando e uma criança dormindo num berço a um canto. A moça fingia que fazia o café, ou talvez mesmo fizesse, mas o rapaz sem a menor cerimônia lhe passava as mãos pelos seios e pelas nádegas, apertando-a ainda de encontro ao sexo, numa espécie de cópula fictícia; ao me verem ficaram um pouco encabulados, mas logo se recompuseram e me ofereceram gentilmente uma xícara de café, com a condição de que eu esperasse que o mesmo fosse feito. Sempre detestei interromper a cópula dos outros, mesmo quando fictícia, e só mesmo para corresponder à gentileza dos dois foi que acedi em aceitar o café, indo para junto do pequeno berço para

despistar. A pequena era uma garota de seus quinze anos, se tanto, mas de seios potentíssimos, e o rapaz em estado de ereção me pareceu apenas mais velho do que ela, ainda imberbe e com um enorme furúnculo à altura do ouvido. Eu mesmo, que não sou muito sensual, senti-me imediatamente ereto diante daquela cena de imprevista libidinagem junto ao cheiro do café e do morto, e não perdi vaza para lançar à menina o meu olhar mais luxurioso, que ela parece ter compreendido instantaneamente.

Conversa vai, conversa vem, fiquei sabendo que o morto era nada menos do que o pai legítimo da jovem bolinada, e que o rapaz furunculoso era seu primo e por conseguinte sobrinho direto do dono da casa, o que em parte justificava o afã com que os dois se entregavam à liberdade dos seus instintos, agora que não tinha mais quem os vigiasse por detrás das portas. Quanto à criança, que me pareceu um tanto ou quanto japonesa, nada tinha a ver com a história, estando ali como Pilatos no Credo, com eu mesmo ali estava sentado no meu canto e à espera do café.

Pronto o café, pedi delicadamente um pedaço de pão e o devorei quase que de uma só dentada, embora procurando disfarçar minha fome de três dias, e aceitei como sobremesa três bananas e quatro laranjas que a jovem órfã me ofereceu, sempre com o seu par de seios apontando em ar de desafio. Ainda ereto, pedi um copo d'água para ajustar a digestão e me levantei cheio de dignidade, palitando os dentes com um palito de fósforo que encontrei sobre a mesa e que me pareceu relativamente limpo; depois tomei o rumo da sala de visitas, com as mãos nos bolsos, dando a entender que não voltaria ali tão cedo e que eles poderiam continuar bolinando-se à vontade, desde que o japonês o permitisse.

Nem bem passaram uns quinze minutos, e um barulho infernal de buzinas e foguetes subiu de todo o bairro circundante e entrou pela porta aberta, chegando até os ouvidos do morto, que todavia manteve sua atitude impassível e absolutamente compenetrada. Como eu me mostrasse surpreso, quase tanto quanto o cachorro que agora se achava dentro da sala e se pusera a latir, um sujeito de óculos e que até então me passara despercebido explicou-me que estávamos entrando no Ano Novo (menos o morto, evidentemente)

e que não se tratava, por conseguinte, de nenhuma nova revolução, embora o barulho fosse exatamente o mesmo. Arranquei do bolso meu relógio, que fez grande efeito entre os presentes, e verifiquei que realmente era meia-noite em ponto, nem um minuto a mais nem a menos, o que veio demonstrar que o meu enforcado era um sujeito metódico e geralmente bem informado, e que a pontualidade para ele era uma questão muito séria, pela qual teria que pautar todos os seus atos.

Após chorar um pouco mais, para não dar na vista, despedi-me da viúva e de um sujeito que me pareceu ser seu amante, e ganhei discretamente a porta da rua, por onde justamente nesse instante ia passando um bloco carnavalesco de pretos e mulatos, vestidos a caráter e entoando aos berros um sucesso para o próximo carnaval, que me pareceu de melodia muito fácil e agradável.

O bloco levou-me, aos gritos, até o centro da cidade, onde alguns soldados, de arma embalada, mantinham a ordem e faziam ver aos mais exaltados que o Ano Novo era exatamente igual ao Ano Velho, apesar das buzinas, dos sinos e dos foguetes pirotécnicos, e espancavam sem a menos cerimônia a torto e a direito, como se essa fosse a sua função estrita dentro do mundo. (Vi cair um velho fantasiado de palhaço, com um enorme rombo no meio da testa, bem como assisti a um golpe de baioneta que levou bem no meio das nádegas uma matrona sem compostura, que só por estar vestida de Maria Antonieta se julgara com força suficiente para invectivar o governo e xingar dos piores nomes Sua Excelência o presidente da República.)

Como não tinha nada a ver com a história, e mesmo porque o 1.º de janeiro sempre me pareceu apenas o dia seguinte ao 31 de dezembro, tratei de pôr-me a salvo o quanto antes, numa rua que se abriu exatamente à minha frente e que, como pude verificar depois, ia dar justamente à beira de um cais deserto, que eu nunca vira antes em nenhuma tela de cinema e nem mesmo no meu manual de geografia, em geral tão bem informado.

## H

Quando acordo de manhã, molhado até o umbigo pelo mar calmo, tenho ao meu lado, deitado em decúbito dorsal, o cadáver de um afogado. Certamente o trouxe o mar para a minha companhia enquanto eu dormia o sono da inocência, pois não me lembro de tê-lo visto pela madrugada, quando me estirei na areia, morto de fadiga, após haver enfrentado a fúria dos soldados armados de baioneta calada.

Os mortos estão começando e me dar sorte — raciocino comigo mesmo, enquanto me aproximo de meu companheiro para examinar-lhe as feições transfiguradas pela água salgada do mar, povoada de peixes e mistérios. É, ao que tudo indica, um homem muito gordo e de seus cinquenta anos, e apesar do frio veste apenas um calção de fustão barato, de cor indefinida. (Algum pescador de pérolas ou um contrabandista foragido da polícia, concluo após um exame minucioso do nariz do sujeito, ainda cheio de sal marinho e de uma gosma que à primeira vista parece manteiga mas que não tem o gosto de manteiga. Quando lhe ausculto o peito, ainda ouço nitidamente o barulho do mar dentro dele, como se fora uma concha.)

A praia — e não o cais, como eu supunha — ainda está deserta a esta hora matutina, e apenas algumas gaivotas voam placidamente sobre as nossas cabeças, contra o céu plúmbeo e ameaçador. Minhas mãos tiritam de frio, e um pouco também de fome, e é com certo desagrado que constato que o meu companheiro ainda é mais pobre do que eu, pois nem sequer lhe resta a vida dentro do corpo — a vida que por certo não vale grande coisa, mas sempre serve para viver.

O calção do homem, no estado em que se encontra, não deverá valer grande coisa, nem sequer dará para uma refeição decente, com café e sobremesa. A solução, portanto, será vender o próprio homem à faculdade de medicina ou a quem quer que se interesse por semelhantes carcaças — fazendo-me passar, para

evitar suspeitas, por seu irmão necessitado e abnegado, pronto a servir à ciência e ao bem-estar da humanidade. Será preciso porém, antes, deixar secar o corpo do naufragado, pois não me consta que na faculdade de medicina comprem corpos encharcados a esse ponto, com dois dedos a menos na mão direita e um dos pés atacado de elefantíase, com se se tratasse efetivamente de um aleijado. Enfim, não custará nada tentar, mesmo porque hoje em dia os cadáveres só costumam dar debaixo da terra, e não é comum alguém ir oferecê-los de porta em porta, como quem oferece peixe fresco ou verduras ainda molhadas de orvalho.

Para garantir meu sustento destes próximos dias, trato pois, antes de mais nada, de esconder bem escondido — sob umas obras de madeira, aparentemente abandonadas, a uns dez passos de onde me encontro — o novo membro da minha família, novo e provisório, de que terei que desfazer-me o mais breve possível, se não quiser vê-lo devorado pelos urubus e pelos cães da noite. Arrasto-o cautelosamente, para não vê-lo reduzir-se a postas de carne inúteis, até o canto mais escondido da suposta construção, e ali o ponho a secar como um pedaço de charque destinado a longa viagem, sem perigo de que o venha a alcançar de novo a maré alta, caso eu não volte a tempo.

Feito isto, lavo as mãos na água do mar, urino assobiando de pura felicidade, e subo em direção à rua mais próxima, que certamente há de levar-me a alguém que me dará as informações de que preciso.

Quanto poderá valer um cadáver hoje em dia — já não digo pelo câmbio negro, mas às claras, em plena luz do dia e sem intermediários inescrupulosos? Certamente valerá mais do que um homem vivo, que não está valendo nada, sobretudo se se sabe usar de certa lábia ao vendê-lo e não se aceita imediatamente a primeira oferta, como se se estivesse a morrer de fome. Nunca vendi antes um cadáver, em toda a minha vida, nem mesmo nos piores tempos de guerra, e não tenho base segura para julgar do valor da minha mercadoria, agora que a tenho em mãos e para pronta entrega. É possível que me acabem tapeando, dada a minha inexperiência no assunto, e me ofereçam um preço que não corresponda nem à

décima parte do valor exato do artigo, como de praxe ocorre em todos os negócios em que se envolvem interesses pecuniários, seja entre os homens como entre as nações. (Um dia ainda escreverei um livro sobre isso, um livro de quinhentas páginas no mínimo, no qual terei oportunidade de revelar meus grandes conhecimentos de economia política ou de política econômica, adquiridos ao longo de minha vida de cidadão do mundo — ou de cidadão do universo, para ser mais exato.)

Que o meu afogado, mesmo com dois dedos a menos e o começo de elephantíase, deve valer um bom preço, não tenho a menor dúvida, pois trata-se de um exemplar ainda em bom estado de conservação e pesando seus setenta ou oitenta quilos no mínimo. Além do mais, na faculdade de medicina o que vão fazer dele não exige que seja nenhum tipo de beleza nem que esteja com as unhas bem aparadas ou com a barba escanhoada a capricho — sendo, ao contrário, importante apenas que as suas vísceras estejam todas nos seus devidos lugares, como suponho que ainda estejam, e que nenhum parente importuno venha reclamá-lo no instante mesmo da dissecação, com lágrimas nos olhos e um ar arrependido. Cadáveres que não devem valer nada são esses em que o trem passou por cima ou que resultaram de alguma tragédia passional, com muitas facadas pelas costas e pelo ventre, com vísceras à mostra como num balcão de açougue. Ou então esses que, embora perfeitos na aparência, são por dentro um amontoado de ossos e órgãos sem a menor ordem ou simetria — o fígado no lugar do rim, o estômago no lugar do fígado, o coração à altura dos testículos e vice-versa — por terem os seus donos se atirado de grande altura ou simplesmente caído num precipício, sem auxílio de paraquedas ou com a intenção visível de morrer. Em que adiantará a um estudante de medicina abrir um desses corpos tão bem conservados por fora — alguns ainda trazendo até um laço de gravata perfeito ou os sapatos recém-polidos, como dois espelhos — se por dentro eles são como que um verdadeiro saco de gatos ou como que uma casa de orates, os órgãos todos (e o esqueleto primeiro) brigando entre si numa legítima guerra intestina, sem preocupação de trocadilho?

Mas eis que, depois de muito perguntar e caminhar, acabo chegando finalmente diante de um grande portão de ferro onde duas tábias cruzadas (como nos cemitérios) me fazem ver claramente que outro não é o meu destino — e onde também leio, para dissipar quaisquer dúvidas, o seguinte aviso escrito em latim: Faculdade de Medicina da Universidade Católica de...

Ao porteiro vesgo que está na entrada anuncio candidamente o objetivo da minha visita, e o homem, nem bem me ouve, sai imediatamente em disparada rumo aos fundos do velho edifício, não sem antes pedir-me pelo amor de Deus que não me afaste um passo sequer de onde me encontrava. (Deve ter-me tomado pelo próprio presidente da República, sem dúvida, ou então por alguma outra personagem ainda mais importante, a julgar pelo afobamento com que desapareceu da minha vista, sem ao menos esperar que eu acabasse minha comovente história.) Um segundo depois, se tanto, ei-lo porém que reaparece, tão esbaforido quanto antes, ao lado de um cavalheiro que anda a passos largos na minha direção e que, por seus gestos largos e atitudes de louco, por pouco não me faz fugir em disparada pela rua fora, sob risco de que me tomem por um ladrão. É o diretor do estabelecimento, como fico sabendo logo em seguida, e que, com requintes de gentileza, me convida a entrar imediatamente numa espécie de sala fria e cheirando a necrotério, onde uma vez sentados, passamos desde logo ao seguinte diálogo:

Eu — O Sr. não quer comprar um cadáver?

O Diretor — Um cadáver?! Onde está?

Eu — Está enxugando; mas eu trago logo.

O Diretor — E de quem é o cadáver?

Eu — É meu, ora essa. Ou antes, é do meu irmão que morreu afogado esta manhã, quando pescava lagosta na entrada da barra. (Voz lacrimosa).

O Diretor — Meus pêsames. E quanto é que o Sr. quer pelo seu irmão?

Eu — O Sr. não quer vê-lo primeiro?

O Diretor — (Impaciente) Não precisa. Ele não está em bom estado de conservação?

Eu — Excelente. Apenas faltam dois dedos da mão e, se não me engano, um pedaço do pé esquerdo ou direito.

O Diretor — Ótimo! Quer dizer, lamento profundamente, mas serve assim mesmo.

Eu — (De repente) Cinco mil francos, está bem?

O Diretor — É muito. Um irmão, depois de morto, não vale tanto. Se ainda fosse um pai...

Eu — Está bem, faço um abatimento. Três mil e quinhentos francos, nem um franco a menos. (Voz lacrimosa, novamente).

O Diretor — Está fechado o negócio! O Sr. tem o atestado de óbito?

Eu — Não é preciso; o homem está morto mesmo.

O Diretor — Não é isso. É a polícia, o Sr. compreende...

Eu — Mande às favas a polícia! Eu tenho pressa de fechar o negócio e não posso estar perdendo tempo com essas bobagens.

O Diretor — Está bem. Não precisa zangar-se por tão pouco, que diabo! Onde está o cadáver?

Eu — Passe os cobres primeiro.

E assim, em menos de dez minutos, muito menos tempo do que eu esperava, eis-me de posse do dinheiro e o homem de posse do meu irmão, sem necessidade de estampilhas nem de outras formalidades de qualquer espécie, como deveriam ser realizados todos os negócios neste mundo, se houvesse seriedade de parte a parte. Já na rua, sentado no rabeção ao lado do motorista que é o mesmo porteiro que me atendera pouco antes, ponho-me a contar cuidadosamente as notas de cem francos que me foram entregues em confiança e que me permitirão, louvado seja Deus, sair um pouco desta negra miséria em que me encontro desde que me roubaram vergonhosamente na delegacia de polícia.

# I

Não sou quadro para viver preso numa moldura e dependurado na parede. E que são as fronteiras de uma cidade, eu pergunto, senão os limites estreitos de uma moldura mais ou menos de luxo, na qual pretendem sufocar a imensidão de minha alma imortal, como diria um grande poeta ou qualquer seminarista, em tarde de primavera?

Os grandes perfumes cabem nos pequenos frascos, não resta a menor dúvida, mas aí a história já é completamente diferente: é como um morto que cabe todo num pequeno caixão de apenas dois metros de comprimento, embora a morte seja a coisa mais importante que possa acontecer neste mundo e o seu mistério não tenha limites. Arcanos, arcanos!... — como dizia um tio metafísico, que morreu de câncer.

Mas, voltando ao que interessa, foi levado por meu espírito de globe-trotter ou de pulga que esta manhã pedi carona a um enorme caminhão de carga que ia saindo da cidade e que me levou em pouco tempo para uma estrada muito ampla e muito limpa, cercada de espessa mata por ambos os lados.

Por uma dessas estranhas coincidências que só a mim me acontecem, logo no começo da estrada o caminhão parou e o motorista fez subir para o meu lado (esquecia-me de dizer que eu estava confortavelmente instalado sobre pacotes e mais pacotes de papel higiênico, de marca por sinal não muito conhecida) justamente um dos padres que ajudaram a prender-me por ocasião do meu êxtase nudista na Igreja de Santa Úrsula: — um sujeitinho baixo, mirrado, de olhos ariscos e traçoeiros, e que, ao reconhecer-me, logo se pôs envergonhadíssimo e não sabia se se atirava do caminhão ou não, e acabou cumprimentando-me duas vezes seguidas e se deitando de comprimento sobre os pacotes de Fina Flor. Meu primeiro impulso foi de esganá-lo e de atirá-lo à estrada, mas

depois fiquei com receio de amarrotar minha roupa nova, (comprada num belchior com o dinheiro do meu irmão afogado) e me pus calmamente a mascar chiclete, com um sorriso de escárnio no canto direito da boca.

Com o tempo fui percebendo que o meu companheiro de viagem — que subira com mala e tudo, como se estivesse a pegar um comboio de estrada de ferro procurava esquivar-se não só da minha vista como de quaisquer outras vistas possíveis num raio de duzentos quilômetros, metendo-se entre os fardos de papel higiênico e pondo mesmo alguns deles sobre o corpo, como se cumprisse um rito cabalístico. Passei a fitá-lo então com maior interesse, mesmo porque podia tratar-se de algum espião a serviço do Vaticano, incumbido de eliminar-me da face da terra na primeira oportunidade, se necessário com sacrifício do caminhão e de todos os seus ocupantes.

Na primeira parada, quando o padrezinho desceu para urinar num botequim da estrada, segui-o de perto, entrei com ele no pequeno compartimento infecto onde se aliviavam os viajantes, e, enquanto ele urinava, eu do meu canto urinava também mas sem tirar-lhe os olhos de cima, a ponto de deixá-lo visivelmente encabulado. O homem tremia como vara verde, que tem fama de tremer muito, quando pouco depois nos esbarramos por acaso na porta de saída e eu por acaso lhe desferi um violento soco à altura do ouvido, que o fez beijar o chão em atitude de profunda humildade. Ajudei-o a levantar-se, sempre com o chiclete e o escárnio no canto da boca, e, sem lhe dar tempo para quaisquer perguntas, convidei-o gentilmente a tomar uma garrafa de vinho no balcão, já que não dispúnhamos de muito tempo para sentar-nos. Mas o chofer e o seu ajudante, a essa altura, já se dispunham a partir de novo, e a solução foi levar duas garrafas de vinho para cima do caminhão, para irmos bebendo devagar durante a viagem, sob o céu primaveril e o canto dos pássaros.

E foi assim que, bebendo e fazendo o outro beber à força, eu fiquei sabendo que ele de fato estava um tanto ou quanto apavorado, não só por causa do nosso encontro casual na estrada como, e principalmente, por causa de um marido ciumento que o

ameaçara de morte na véspera e o obrigara a fugir de casa em plena madrugada, sem tempo sequer para avisar o Sr. bispo. Do crime que lhe imputava o dito marido ele se dizia absolutamente inocente (simples intriga dos comunistas e anarquistas, como sempre) mas nunca era demais tomar as precauções devidas, pois um marido enganado, quer dizer, desconfiado, é mais temível do que todas as trombetas de Jericó e do que os Quatro Cavaleiros do Apocalipse juntos, como o prova a história da Igreja através dos tempos, e a história das Cruzadas de um modo particular.

Já meio bêbado, como eu, confessou-me ainda que trazia dentro da mala, a par de algumas relíquias religiosas de pequeno valor, a quantia aproximada de 25 mil rublos, que era tudo quanto lhe fora possível arrecadar dos cofres da sua igreja, na pressa da partida. In vino veritas..., já diziam os antigos, e essa verdade dita assim por um padre no alto de um caminhão, entre os rolos de papel higiênico e sob a ameaça sempre próxima de um marido ultrajado, foi a mais grata das surpresas que me poderiam ocorrer a essa altura dos acontecimentos, pois em verdade eu estava banhado, penteado e trajado decentemente, mas continuava tão pobre quanto antes, se não mais ainda, já que os planos de um sujeito bem vestido são sempre mais astronômicos do que os de um simples mendigo.

Meus restantes quinhentos francos aliados aos 25 mil rublos do reverendo dariam bem (deixem-me fazer as contas) uns cinquenta mil ou sessenta mil pesos argentinos, já descontado o imposto de renda — mais do que o suficiente para dois sujeitos sem escrúpulos, embora honestos, recomeçarem de novo suas vidas em qualquer recanto deste mundo, de preferência em algum país recentemente devastado pela guerra ou assolado por uma epidemia de vastas proporções, já que os terremotos são mais raros e não se pode encomendá-los segundo a conveniência de nossos interesses. E, assim, pensando, tratei logo de beijar na face o pavoroso padre Balbino — este o nome do meu fugitivo — em sinal de perfeita identidade entre o seu destino e o meu daqui por diante, nesse novo mercado de ladrões para o qual nos está conduzindo o caminhão

neste instante, e cujo nome tanto pode ser Cartago como Yorkshire, Valparaíso, Havana ou simplesmente San Juan de la Sierra.

## J

San Juan de Ia Sierra (12 de maio) — Puxa, como passa depressa o tempo, e a gente dentro dele!

O peripatetismo, doutrina que abracei não só por causa do peri como sobretudo do patetismo, fez-me circular nestes últimos tempos pelas ruas as mais diversas e pelos caminhos mais ínvios, sempre acompanhado da minha sombra e do meu irmão dentro de mim, e tendo por única bússola a flor do meu umbigo, pobre mas exata. Esquecia-me do meu relógio, é verdade, mais meu do que nunca, e no qual eu vejo passar os segundos como poderia, se quisesse, ver passar os dias e os anos, desde que dispusesse de uma cadeira para sentar e de uma caderneta em que fosse anotando a evolução do tempo.

Devo adiantar, aliás, que o meu peripatetismo nada tem a ver com o Aristóteles grego ou com qualquer outro Aristóteles vivo ou morto que porventura tenha chegado ao meu conhecimento; sou orgulhoso demais para seguir a doutrina de quem quer que seja, e, se eu tivesse que seguir alguma doutrina alguma dia, seria certamente uma doutrina criada inteiramente à minha imagem e semelhança, e que não admitiria mestres como tampouco admitiria discípulos, a não ser eu mesmo em meus diversos momentos históricos. Fiz-me peripatético porque a palavra se ajusta como uma luva ao meu temperamento proteico e sonambúlico — da mesma forma como me considero funâmbulo, clown, sacripanta, autóctone e outras palavras igualmente belas, cujo único defeito é o de figurarem nos dicionários. E para preservar minha própria autonomia, minha plena liberdade de espírito dentro da frágil carcaça do meu esqueleto, faço questão de ignorar até o meu próprio nome de batismo — pois em verdade nunca fui batizado, nem o serei jamais — chamando-me pelo primeiro nome que me ocorra à cabeça e sempre da forma a mais estapafúrdia possível,

com espanto inclusive para mim mesmo. (Estapafúrdia, aliás, não é bem o termo, pois, sendo como sou uma legião de criaturas, como o louco do Evangelho, qualquer nome que eu me dê será sempre um nome adequado a um dos mil espectros que compõem o meu EU fabuloso — ou, para ser mais modesto, o meu pobre universo.)

Mas vamos aos fatos:

1 — Vítima de insidiosa moléstia, que os mais abalizados médicos do bairro não souberam identificar qual fosse (o atestado de óbito trazia apenas um muito bem desenhado (como deveria ocorrer aliás com todos os atestados de óbito honestos) padre Balbino morreu tranquilamente nos meus braços, não sem antes ter tentado confessar-se várias vezes, em seus momentos de maior aflição e arrependimento, sem que o permitisse porém minha vigilante filosofia. Ao morrer, aliás, padre Balbino já não era mais padre Balbino, mas apenas o modesto professor de latim Pelópidas Regina Coeli, em trânsito para Saragoça, e que aceitava aulas particulares para grupos de cinco a dez alunos, à razão de 150 florins por cabeça. Não chegou a aceitá-las, porém, por muito tempo, já que os desígnios da Providência, contra os quais nada pode a humana valia, decidiram convocá-lo para lecionar gratuitamente seu latim em plenos Campos Elísios, em proveito das almas recém-desencarnadas que necessitassem urgentemente aprender a língua oficial da Eternidade.

II — Privado do meu melhor amigo, vendi-lhe as preciosas relíquias a um judeu que antes já lhe havia comprado a batina e um par de sapatos imprestáveis — e apropriei-me, como de direito, dos 25 mil rublos que ele trazia sempre guardados dentro de um cofre e que tive a agradável surpresa de constatar que não eram 25 mil e sim 120 mil. Com esse dinheiro, dos mais honestos que tenho ganho até aqui, mudei-me para um hotel de melhor qualidade — o antigo chamava-se Hotel dos Aflitos, e de fato o era — onde me registrei com um nome tcheco-eslovaco que já nem sei mais como se escreve e que, por seu comprimento, me fez imediatamente respeitado de todos os meus vizinhos de mesa e sobretudo dos garçons e do maître-d'hotel, que me julgaram um príncipe europeu disfarçado de astro do cinema americano, ou vice-versa. Graças a esse nome

quilométrico consegui, em pouco tempo, dormir (não dormindo) com uma dama da alta sociedade de Castelnuovo de Vilarino, condado de Brescia, que se achava hospedada no mesmo hotel em companhia do fósil do seu marido (102 anos) e que uma noite errou de porta e veio cair justamente em cima da minha cama, assustando-me relativamente. Não sendo propriamente uma mulher bela — muito pelo contrário, dados os seus 75 anos bem vividos — acabei enamorando-me do seu charme de ex-mulher fatal e sobretudo de uma inconfundível distinção que se irradiava de todo o seu porte de alta dama, mesmo das partes menos nobres e ditas inconfessáveis.

III — Transferindo-me para Castelnuovo etc., a convite e em companhia da minha veneranda admiradora e do seu venerandíssimo marido, ali fui desde logo acolhido pela melhor sociedade do país, sempre com o meu nome quase impronunciável e esse ar de mistério que me descubro no fundo do espelho e que talvez seja mais do meu irmão do que meu. Falando o italiano divinamente, e escrevendo-o melhor ainda, acabei — por simples diletantismo, embora regamente pago — por assinar, com o pseudônimo de Volpone, a coluna social do jornal mais importante da cidade, o qual teve em consequência sua tiragem decuplicada em menos de uma semana. Frequentador obrigatório dos salões mais aristocráticos e mais blasés, onde quem ostentava menos títulos ostentava no mínimo uma dúzia deles, tornei-me em pouco tempo, graças ao meu arquivo secreto e ao meu serviço de cartas anônimas executado em larga escala, um dos sujeitos mais bem informados (e, por isso mesmo, mais temidos) em todo o hemisfério ocidental, com consequentes vantagens monetárias, nobiliárquicas, políticas, etc., etc. Nenhuma mulher era suficientemente honesta ou elegante a menos que eu expressamente o declarasse em minha coluna de alto custo, redigida em puro argot aristocrático, ininteligível quase aos pobres leitores comuns que se abalançassem a ler-me pelo simples fato de terem comprado o jornal; e nenhum cavalheiro, fosse ele príncipe ou simples fabricante de doces em conserva, poderia ser considerado um gentleman e usar honestamente este título, a menos que eu expressamente assim o chamasse, duas, três,

quatro vezes seguidas, sobretudo ao lado de seu retraio de casaca e gravata borboleta, os olhos opacos voltados para a objetiva.

Uma bela noite, porém, após ter passado toda a tarde em companhia de minha vetusta e ardente protetora, e como me houvesse excedido um pouco em minhas doses habituais de whisky e de champagne, deu-se o imprevisto e o inevitável: em pleno salão de Mme. Martínez y Viola, descendente direta da papisa Joana, quando declamava uns versos fesceninos e grandiloquentes o laureado poeta Silvano dal Monte, eu não me contive e bradei com todas as forças do meus pulmões algumas duras verdades que, mais cedo ou mais tarde, teria mesmo que lançar no rosto de toda aquela gente reunida em torno de mim e vivendo à custa de meus elogios diários ou hebdomadários. Algo assim neste estilo, se não me falha a memória: — “Nem parece que todos vós tendes intestinos e, na ponta desses intestinos, um lamentável eu, exatamente igual ao que têm vosso açougueiro, vosso chofer, vosso camareiro, vossos cachorros e vossos cavalos de raça. Vosso eu é a melhor arma que tendes para afugentar os maus pensamentos, que são aqueles que os afastam da simplicidade humana e da humana aceitação da vida — e é para o vosso eu que vos conclamo olheis diante do espelho, se preciso de joelhos e com uma vela na mão para enxergar melhor, toda vez que vos sentirdes possuídos de um orgulho oceânico e vos julgardes tão poderosos quanto vosso Deus, que pelo menos (que eu saiba) não tinha nenhum eu à vista.”

IV — Escorraçado da mais alta sociedade como elemento pernicioso e indesejável, e com ordem para abandonar o país emanada do próprio chefe de polícia — que, no entanto, devia ter seu próprio eu, tanto quanto os outros — comprei uma bicicleta e transpus a fronteira da Venezuela em menos de cinco horas, tendo como única bagagem meus milhões de liras honestamente ganhos no jornalismo e um velho papagaio poliglota, que fora o único a aceitar sem protesto minha veemente filosofia anorretal, de origem visivelmente freudiana. Em Caracas fiz-me fabricante de esquifes de luxo, com larga exportação para todos os países da América Latina, depois me envolvi numa complicada história de petróleo com os norte-americanos, que por pouco não me custou a vida e a miséria,

e finalmente deixei-me cair de amores por uma porto-riquenha muito linda e muito pura, de nome Alzira, e em cujo ventre plantei a semente de uma frondosa árvore humana, de que certamente ainda terei notícia algum dia.

V — A minha velha dor de cabeça acompanhando-me em todos os passos, e sobretudo quando me ponho a caminhar deitado, com o auxílio da imaginação. Dir-se-ia que trago um feto dentro do cérebro, algo que eu deveria ter posto no mundo há muito tempo e cujo cadáver envenena-me as paredes do crânio e ameaça-me sair um dia pelas narinas e pelos ouvidos, como a lava de um vulcão.

VI — Morte inglória do meu papagaio. Suas últimas palavras: — Et, ubicumque fueris, extraneus es et peregrinas.

## K

Sempre desejei possuir um cipreste; posso, enfim, satisfazer esse meu desejo.

O cipreste que comprei fica no campo, mas daqui até a cidade a distância não é grande e posso vir vê-lo todas as tardes, ao pôr do sol, e sentar-me sob os seus ramos para meditar sabiamente. Houve até uma noite, plena madrugada, em que vim vê-lo sob um luar esplêndido, e em razão justamente desse luar: é que sob o meu quarto mora agora uma pobre louca, que não suporta a lua cheia e se põe a uivar desesperadamente — e eu não suporto o uivo dos loucos, sobretudo dos que não conheço. (Sempre ouvi falar dessa história de loucos ladrarem à lua cheia como se fossem cães desesperados, mas nunca lhe dei maior atenção; agora sei que é verdade.)

Mas o meu cipreste, modéstia à parte, é um mimo de cipreste e bem mereceria estar num cemitério, ao lado de outros fantasmas de sua espécie, povoando a solidão dos mortos e velando o seu sono tranquilo e eterno. A princípio pareceu-me um pouco baixo, mas nessa noite em que a lua cheia refletiu seu vulto trágico por sobre o campo pude capacitar-me de que era o cipreste que me convinha, e passei a amá-lo perdidamente. Hoje somos um só corpo e uma só alma, e passo horas recostado ao seu tronco amigo como um filho nos braços de sua mãe verdadeira, o olhar perdido na imensidão do campo e o coração pulsando suave e sem remorsos.

Aliás, foi para filosofar, mais do que tudo, que eu adquiri este cipreste solitário e perdido no campo, aos pés dessa cidade que não é a minha e que um dia terei que abandonar repentinamente, como tenho abandonado a tudo e a todos, antes que me abandonem. À falta de um pórtico grego ou romano, no puro estilo da Acrópole, a sombra de um cipreste sempre me pareceu o lugar ideal para divagações profundas sobre o eterno e o efêmero no destino humano, sobretudo quando se é solitário por natureza como eu sou

e não se tem necessidade de espaço maior para cantar em surdina sua milenar angústia. Cipreste lembra morte — isto é, o inelutável, a única certeza que salta aos olhos até dos mais tolos e inocentes — e que melhor conselheiro e guia para os nossos pensamentos de grandeza mas sem grandeza, e nossos temores e angústias construídos de fumaça e que por isso mesmo nos intoxicam e nos turvam a visão?

Isto mesmo que estou escrevendo, está sendo escrito à luz do crepúsculo, nesta réstia de terra que é minha propriedade como o é o próprio cipreste que a cobre como consta, aliás, da escritura de venda que me passou o comerciante Nicanor, estabelecido com secos e molhados no cais do porto. Esta noite a louca sob os meus pés uivou muito e impediu-me de conciliar o sono, embora não fosse lua cheia, mas eu não pude vir porque chovia muito e a chuva molha a alma mais do que o corpo. Agora, porém, na paz deste campo ainda úmido e cheirando a cemitério, eu e o meu cipreste voltamos a unir-nos numa união perfeita e total, como se eu fora a sua sombra ou simplesmente a sua alma visível e taciturna. O vento é o nosso intérprete, o vento que vem do mar distante e agita os meus cabelos de eterno viúvo e os seus ramos em eterna prece, voltados para o infinito.

Um chinês bêbado é muito difícil de distinguir-se de um chinês sóbrio. Ambos têm os olhos fechados, embora abertos, e sorriem tranquilamente para o nada, como é do seu hábito. Há instantes em que eu me sinto um chinês perfeito — Chiang O'Lyi, por sinal — e me ponho a rememorar todos os meus antepassados milenários, com rabicho e bigodes em forma de antena, captando o mistério que vem dos subterrâneos do mundo. Cada dia, aliás, eu pertencço a uma raça diferente, negra, amarela, roxa ou simplesmente furta-cor, e já me tem acontecido despertar sob a pele de uma raça ainda inexistente e de que só darão notícia os etnólogos dentro de mil anos, se até lá chegar a raça humana. Sob a máscara unicápita que reflete o meu espelho jazem os milhões de rostos que formam o meu homo multiplex, e é em vão que tento iludir-me a mim mesmo quando me faço a barba, como se fora um ser único e cotidiano. O próprio Cristo, que se dizia unigênito, era em verdade tríplice e

muito mais do que tríplice, tanto que o desconheciam os seus próprios irmãos e os desconhecia ele por sua vez numa humanidade que abrangia toda a humanidade, sem distinção de tempo ou espaço. Eu e meu irmão somos apenas uma partícula ínfima do meu todo onímodo e universal, que de fato compreende toda uma multidão incalculável, e é com pasmo que nos vejo a todos sentados sobre este metro quadrado de terra e de sombra, sem que sequer nos esmaguemos com nossos mil braços e pernas, quando porventura levamos a mão aos olhos para chorar um pouco.

Se você chama um avestruz de pássaro, está implicitamente fazendo-lhe o maior dos elogios, e ele ficará eternamente grato por isso. (E, para ser sincero, não é mais justo que se chame de pássaro ao avestruz, em vez do gavião ou da águia, que envergonham a espécie e mereceriam antes ser humanos?). Mas o avestruz a que você chamasse de pássaro estaria, por sua vez, implicitamente obrigado a proceder como tal, nem que isso lhe custasse todos os riscos de vida e a própria vida — como sei de um que, para provar sua condição de pássaro, se atirou do alto de um penhasco e foi morrer lá em baixo espatifado, sem tempo sequer para um gemido. Morreu como um pássaro, esta é que é a verdade, e como pássaro foi enterrado.

Quanto a mim, apetece-me ser chamado de santo, ou, melhor ainda, de fantasma, para ser obrigado a agir como tal, com esta força de convicção que emprego em tudo quanto faço, quando faço. Santo ainda seria um pouco difícil mas como fantasma eu me sentiria inteiramente à vontade, tanto me sinto fantasma em meus momentos de devaneio e me sinto deslocado em meio aos homens movidos a intestinos e testículos. Por vezes me sinto tão fantasma — em meio à noite, sobretudo que chego a erguer-me do solo, por um espaço de tempo que varia entre cinco a dez segundos, num puro fenômeno de levitação — o que me custa, é bem verdade, uma terrível dor nos rins e uma copiosa exsudação, logo refletidas numa dor de cabeça insuportável, que por pouco não me leva ao desespero. Bastaria, porém, (disso estou convicto) que alguém me tomasse sinceramente por um fantasma e me chamasse por esse belo nome, os cabelos eriçados de pavor como acontece no cinema

— para que eu, sem o menor esforço, não só me pusesse a flutuar no espaço como ainda começasse a atravessar portas e paredes, com o ar mais displicente deste mundo. A confiança que os outros têm em nós é mais importante do que a que nós mesmos temos, e disso dou testemunho exatamente pela minha vocação frustrada de fantasma, à qual faltou apenas alguém que acreditasse cegamente em mim e me transmitisse essa crença inabalável.

Mas já se faz noite, ou quase, a esta altura de minhas lucubrações metapsíquicas, e eu não trouxe vela nem lanterna para iluminar meu caderno de notas e meu lápis de ponta vermelha, como deveria ter feito e cuidarei de fazer para o futuro.

Adeus, pois, cipreste amigo, por hoje pelo menos — e ficarei na expect.....

## L

Tenho chorado muito ultimamente, mais do que de costume. E, o que é pior, sem motivo.

Fui ao médico e ele me perguntou: O senhor tem fígado? Tinha, respondi, quando era criança; agora já nem sei mais. A vida me tem roubado tanta coisa! O senhor tem tuberculose na sua família? Tuberculosos não tenho, não senhor, nem tampouco tenho família. Sou órfão por todos os lados, como se pode ver perfeitamente. E loucos? Houve algum caso de loucura entre os seus antepassados? Que eu saiba, só três tios e vinte e sete tias. Mas, se me permite, eu vim aqui saber o que tenho e não o que tiveram ou deixaram de ter meus avós e tataravós, o macaco de Darwin inclusive. O senhor é uma besta!

E assim fiquei sem saber exatamente o que tenho, ou mesmo se tenho, graças à enciclopédica ignorância do doutorzinho que me atendeu e que na sua placa dizia trazer longa prática dos hospitais de Berlim, Roma, Tejucupapo, Hollywood, Cannes e Punta del Este. (Esquecia-me de dizer que não lhe paguei a consulta, que era caríssima, mas lhe dei em troca um piparote no cocuruto, no instante mesmo em que ele se abaixava para examinar-me o sexo com o ar mais cínico deste mundo. É sempre assim que pago a esses professores de meia-tigela, quando os pego distraídos e com a mão na massa, em flagrante delito de autossuficiência.) Mas, para não dizer que havia perdido o dia, entrei numa farmácia e comprei um tubo de comprimidos de qualquer coisa, e saí chupando-os pela rua afora, ainda com um resto de lágrimas entre as pálpebras para não perder o hábito.

Entre os vários motivos de pranto que conheço, e que suponho sejam os mesmos de todo mundo, não há nenhum que eu possa legitimamente invocar como fonte deste choro convulso que me tem visitado nestes últimos tempos e que ainda agora, neste

banco de jardim, me arrebatava por inteiro, como se eu fora o mais triste dos assassinos. Seja ao pé do meu cipreste funéreo — o que ainda seria uma justificativa — seja durante o banho ou quando estou simplesmente à mesa esperando pelo meu almoço, vem-me de súbito, com uma força incoercível, a necessidade de chorar todas as lágrimas que trago guardadas dentro de mim, exatamente como se eu sentisse necessidade de esvaziar a bexiga ou os intestinos, naquele mesmo instante e não dez minutos depois. Ainda ontem à noite, quando me encontrava num bordel copulando com uma bela desconhecida, e no instante mesmo em que o espasmo final se aproximava, em meio a uma farândola de pernas e braços entrelaçados — subiu-me de súbito à cabeça, e daí aos olhos, uma torrente de lágrimas quentes e amargas, que não só me tirou de pronto todo o entusiasmo exigido pelas circunstâncias como ainda molhou por inteiro as costas e a nuca da minha companheira, a ponto de causar-lhe um começo de resfriado. Da quase plenitude do gozo passei, sem transição, ao cúmulo da angústia física e moral, para grande pasmo e surpresa da tresnoitada mulher, que a essa altura já se preparava para cobrar-me o preço da viagem. A custo conseguiu ela safar as nádegas de sob o meu corpo convulso e desgovernado, e quando dei por mim ela já havia fugido do quarto e deixado a porta escancarada, o que fez aumentar ainda mais minha situação de pânico e de vergonha. Esse insucesso carnal, regado a pranto de desespero, foi que me fez procurar hoje mesmo a tal sumidade médica de várias nações — charlatão internacional, fichado em hospitais e universidades do Velho e do Novo Mundo — o qual, como ficou dito, não contente de imiscuir-se na vida íntima dos meus avós e bisavós, ainda teve o desplante de querer examinar-me o sexo como se o meu mal fora destempero de urina e não de pranto.

Aos que só choram quando há motivos para chorar, e não costumam bancar carpideiras sobre a nudez ardente da bem amacia ou mesmo de uma simples rameira (quando toda a nossa atenção deve estar concentrada num único ponto, como o arqueiro no instante de visar o centro do alvo) eu formulo aqui um apelo ao mesmo tempo simples e desesperado, como o formularia ao próprio

Deus caso ele existisse e estivesse presente, já que não tenho um só amigo que me possa valer nesta angústia infinita. Dai-me, eu vos peço, a receita de não chorar à toa sobre as mazelas e as incongruências deste mundo tão cotidiano, e de ver com olhos de cego, como vós fazeis, as aparentes belezas deste vasto cemitério sobre o qual caminhamos e que, de tão repleto de mortos, já está até cheirando mal, apesar da primavera que há no céu e nas flores. Dai-me a fórmula de sabedoria que me permita, aos quarenta anos — idade da minha imagem no espelho — contentar-me com o efêmero espetáculo do dinheiro e da mulher nua, e com os fugidios prazeres que nos podem advir do corpo ou do espírito, QUANDO sobre nossas cabeças paira, cada vez mais densa, a gigantesca sombra da morte, com a sua certeza que não admite sofismas nem tergiversações, por mais que a queiramos ignorar em nossos instantes de sono ou mesmo de vigília. Se a morte para a qual caminhamos a passos rápidos — e que ainda hoje pode colher-nos de surpresa, como nos colhe um raio em meio à tempestade — se essa morte é, cada dia mais, de minuto a minuto, a grande verdade contra a qual não prevalece nenhuma filosofia do homem nem tampouco seu incomensurável orgulho, dissei-me como e sobretudo por que devo eu ignorá-la com um sorriso nos lábios, como se este mundo fora o paraíso terrestre e não a terra deserta e sem caminho de que fala a Bíblia, livro que em tudo mais não merece grande crédito. Eu que sempre levei uma vida aventureira, modéstia à parte, rindo-me de tudo e de todos sem pedir licença ao papa nem ao chefe de polícia, sempre fui no íntimo um pobre espantalho dentro da noite, mais triste do que o palhaço mais triste, com o riso da caveira à guisa de gargalhada. É que o meu riso, que a muitos parecia louco, era em verdade e apenas um pranto disfarçado, como só agora me dou conta de todo, em face desta lacrimorreira aparentemente absurda em que me afogo. Em suma: nada mais vos peço senão que afugenteis a morte da minha vista, já que não podeis afugentá-la das minhas costas, e que me deis o segredo desse filtro que vos faz tão tranquilos e ao mesmo tempo tão vivos, mesmo com o cheiro de cadáver já exalando de vossas narinas. Dai-me, enfim, a arte de mentir a mim mesmo, eu que não sei mentir

nem aos outros, e fiz com que eu pise sobre os mortos como se pisasse apenas sobre esqueletos antediluvianos, que não me dissessem respeito e muito menos desrespeito, dada a minha alta qualidade de ser imortal e indiferente aos abismos.

# M

Até que esta semana não posso queixar-me da sorte. Veio um diretor de cinema francês filmar nos arredores de San Juan e, sem que eu nada pedisse, vi-me contratado como extra para uma das cenas mais importantes do filme, aquela que justamente dá o título à película e lhe serve de clímax: L'Explosion. Faço parte da explosão, a princípio de corpo inteiro, depois sem uma perna.

Eu me achava chorando à mesa de um bar, tendo às mãos uma revista licenciosa, repleta de fotos lúbricas, quando de mim se aproximou sorrateiramente, sob pretexto de pedir-me fósforos, o próprio diretor do filme, um tal Christian Jaque, que, ao ver-me debulhado em lágrimas, me perguntou se eu havia perdido algum membro importante da minha família e se necessitava de algum adiantamento para o enterro. Fiz-lhe ver que o meu mal era apenas dor de dentes (deslavada mentira) e aproveitei a oportunidade para mostrar-lhe uma fotografia de um sensualismo feroz que justamente estava vendo naquele instante e que pareceu tê-lo impressionado vivamente. Dois minutos depois, e sem que se tivesse tocado em questão de dinheiro, eu já estava contratado para participar da tal cena superexplosiva, a vinte quilômetros mais ou menos do ponto em que nos encontrávamos. A única exigência que lhe fiz foi a de que o meu cipreste também participasse do filme, nem que fosse de relance apenas, o que ele, após fitar-me meio de lado, aceitou prontamente. E eu lhe mostrei então outra foto escabrosa da revista, para selar o nosso acordo.

A cena em que eu aparecia durava uma fração de minuto apenas, mas era importantíssima. No meio da estrada, com o meu cipreste ao fundo, durante a passagem de uma procissão de que eu participava com o ar mais contrito deste mundo — com uma vela acesa numa das mãos e um rosário imenso na outra — ocorria a explosão de uma mina deixada pelo inimigo na última guerra, e tudo ia lindamente pelos ares, num espetáculo pirotécnico digno dos maiores encômios. (Pena que o filme não fosse em cores, para se ter

uma ideia exata do sangue derramado e das postas de carne espalhadas num raio de duzentos metros). Eu, após o estrondo formidável, captado em som perspecta-estereofônico, via-me obrigado a recolher uma das pernas às costas e a simular a mais horripilante das dores, dando vazão, para gáudio do diretor e de seus assistentes, a um dos berros mais bem dados em toda a história do cinema universal, com a câmara funcionando a dois palmos de meu ensanguentado nariz. Foi tão real e convincente o meu grito de pavor, e tão autênticas as lágrimas que me desciam dos olhos e me inundavam a camisa e as calças, indo desaguar sobre um pseudodefunto ao meu lado, que, finda a filmagem, todos vieram correndo saudar-me pelo meu êxito espetacular, inclusive o citado pseudodefunto, que era um dos astros principais do filme. Ali mesmo recebi a proposta de fazer catorze filmes na França e dois na Inglaterra — com ou sem ciprestes, à minha escolha — o que todavia recusei sem entrar em maiores detalhes, mesmo porque eu continuava chorando e os soluços não me permitiam uma conversa muito longa.

A cena calamitosa valeu-me a bagatela de trinta mil francos (sem contar a vela e o terço, que me foram dados como lembrança) e um retraio de corpo inteiro, já com as duas pernas, tirado ao lado do diretor e de seus trezentos assistentes, e que foi publicado no dia seguinte em todos os jornais da cidade, com louvores unânimes à minha imprevista atuação. O rosário e a vela doei-os à Santa Casa para serem distribuídos a algum defunto pobre, e os trinta mil francos estou acabando de gastá-los ao meu modo, isto é, como se fossem trezentos mil ou três milhões, dado que sempre vivi aujourlejour e não me interessa levar nem um cêntimo para o inferno.

De tudo isso o que me desagrade é a popularidade que de súbito se fez em torno do meu nome — eu, até ontem um desconhecido nesta desconhecida cidade — e que me obriga a conceder entrevista cada vez que me surpreendem chorando pelos cantos, com se estivesse posando não apenas para um filme mas para a própria posteridade. A glória, que já tantas vezes me bafejou com seu bafo nauseabundo, e que já parecia haver-me esquecido

nestes últimos tempos, atirou-me de novo e sem piedade à fúria dos caçadores de escândalo (mesmo que esse escândalo seja apenas uma manifestação inusitada de arte, como no caso) expondo-me ao ridículo de ter que responder a perguntas ridículas e a aceitar sem um revide os maiores elogios à queima-roupa, como se eu fosse um quadro de Picasso. Houve um imbecil, de uma coluna especializada em cinema, que me comparou a um cometa fulgurante que só passa pela terra de mil em mil anos — o que, apesar de conter certo exagero, deixa-me pelo menos a esperança de só vir a relê-lo daqui a mil anos, quando certamente ele já não estará escrevendo para o mesmo jornal. Outro, citando Platão e os druidas, e com a mesma ponta de exagero do seu colega, achou de considerar-me um caso de verdadeiro Milagre (a maiúscula é dele) dentro da 7.a Arte, propondo ao Senado da República que faça lavrar em ata um voto de Louvor (ainda é dele a maiúscula) à minha importantíssima contribuição à arte dramática universal, num papel que outro qualquer teria deixado passar despercebido, apesar de todo o barulho causado pela explosão. E, no instante mesmo em que escrevo isto, uma senhora aparentemente decente e que usa uma verruga na ponta do nariz pede-me humildemente um autógrafo para o seu álbum de autógrafos célebres, tendo sem dúvida me reconhecido pelas centenas de fotografias minhas que os jornais estamparam esta semana, sobretudo chorando.

A esses beócios todos de nada adiantaria eu lhes dizer que o meu pranto nada tem de cinematográfico, sendo como é puramente humano e de todo alheio à minha vontade — e que, se a passagem explosiva de L'Explosion vai ficar realmente antológica (como, sem a menor sombra de dúvida, há de ficar) culpa ou mérito nenhum disso me caberá, como tampouco caberá ao diretor ou ao cameraman que me surpreenderam em meu paroxismo de angústia, em meio a mortos e feridos. Para todos os efeitos sou o próprio Zanconi redivivo, queira-o ou não, e nem eu mesmo conseguiria convencê-los do contrário, como de resto ocorre a todos os falsos profetas e criadores de mitos, sejam artísticos ou simplesmente religiosos.

E agora vou chorar mais um pouco.

## N

Madrugada. Hora em que os fantasmas e as baratas retornam aos seus pagos. Pelo meu relógio (do enforcado) são exatamente 5 horas, vinte e seis minutos e trinta segundos. Ou, para ser mais exato, trinta e um. Agora, trinta e dois.

A palma da minha mão é uma carta geográfica em que leio o desencontro de todos os caminhos que palmilhei até aqui, neste mundo que é um emaranhado de estradas e de rios que não levam a ponto algum, apesar de tantas tabuletas de Chegada e de Partida e de tantos portos atravancados de navios. Houve um chinês que disse, resumindo tudo numa frase de uma clareza meridiana e que no entanto desnorteia os ingênuos ledores de bússola e seus fiéis discípulos: O caminho que é um caminho não é o verdadeiro caminho. Eu, quando percebo que o meu caminho vem assinalado nos manuais de geografia ou nos tratados de filosofia de vinte shillings, trato logo de desviá-lo para a esquerda ou para a direita, quando não simplesmente para as nuvens, tão certa é a minha certeza de que o caminho aberto por outro não pode guiar meus passos de boêmio errante, como seria absurdo um leão (por espírito de comodidade) preferir uma picada aberta na selva pelo explorador, em vez da própria selva que para ele é um caminho permanente, sem riscos e sem mistérios. Nosso caminho tem que ser como nosso esquife, único e individual, a menos naturalmente que preferamos desintegrar-nos no ar, numa explosão de misticismo barato e de grande efeito, às barbas de Deus inexistente.

Vendo o sol que nasce pela vulva da janela entreaberta — ele, de regra tão orgulhoso, que gosta de nascer do grande mar ou do pico dos arranha-céus lembro-me de súbito de que passei a noite em claro, devido aos uivos da louca sob os meus pés, e de que necessito mudar-me para um hospício mais sossegado, onde os loucos tenham pelo menos que respeitar o sossego noturno, seja ele de lua cheia ou não. Para velar o cadáver dos que dormem o sono da inocência basta-me a minha própria insônia, não necessito de

acompanhamento de vozes estranhas e muito menos de uivos estranhos — eu que também tenho o meu uivo próprio, como já o provei a mim mesmo numa noite de grande angústia. A dona desta pensão suspeita deveria ter-me prevenido de que sua irmã tinha alergia a luas de qualquer espécie, ou quando menos deveria tê-la obrigado a estudar canto para não azucrinar com suas desafinações o ouvido dos pensionistas. Uma noite que se perde sem sono, como esta de hoje, deveria ser descontada do aluguel mensal, pois não me consta que dormir seja coisa menos importante do que comer ou do que defecar, coisas que aqui são levadas muito a sério, com o devido respeito de todos os demais.

Mas o que vale é que aproveitei esta minha vigília forçada justamente para pôr em ordem alguns pensamentos que me andavam fora do lugar, e bem assim criar alguns pensamentos novos, capazes de desentediá-me pelo menos por uma semana. Isso de criar pensamentos novos é sempre tarefa muito delicada, porque antibíblica. (Os pensamentos dos mortais são tímidos, lê-se no falso Livro da Sabedoria) e conheço o caso de dois sujeitos que, à força de quererem criar pensamentos novos, acabaram, um no manicômio, e o outro nas estepes da Sibéria, onde ainda se encontram até hoje. Não há realmente pior forma de terrorismo do que não aceitar o terrorismo implantado há milênios pela máquina do Estado — e bem faz essa máquina em triturar sem piedade os utopistas renitentes e os profetas de novos tempos, como nos bons tempos da Inquisição fazia a Santa Madre Igreja contra os que lhe dispensavam a maternidade e preferiam caminhar sobre dois pés em vez de quatro.

Meus novos pensamentos, que são de virar o mundo pelo avesso, em que pese à maldição bíblica, eu não os revelarei aqui pelo preço de duas patacas, como o faria um Galileu qualquer, amedrontado e pronto a renegar-se na primeira oportunidade. Vamos deixar que o baile ainda continue por algum tempo, o baile dos que só sabem dançar ao som de músicas alheias e devidamente censuradas pela prefeitura; no momento azado eu subo numa cadeira e, de batuta à mão, ponho os músicos todos malucos com a partitura que arrancarei do bolso, ainda quente do calor do meu

corpo. Os pares que se danem, que virem ímpares, se quiserem continuar dançando, ou que se enforquem numa das mil cordas que porei à sua disposição pelos cantos do salão, com direito a confessor e tudo. Ao som da minha Cacofonia sem dó — primeiro trecho lírico em que o sol implacável tomará a si o encargo de substituir de fond en comble qualquer espécie de dó, como o faria um Nietzsche que ao mesmo tempo fosse um Wagner — os que tiverem uma alma se sentirão envergonhados de terem vivido sem ela até então, e recuperarão a infância num abrir e fechar de olhos: a infância de antes das primeiras letras, evidentemente. A nova sarabanda, dançada mais ao som de atabaques do que violinos, acabará por ser chamada Dança Macabra, como lhe convém, e se algum precursor lhe pode ser apontado será sem dúvida o autor da dança de São Guido, o coreógrafo de minha predileção. Dança e motivo musical farão um quadro dissonante único, como nas velhas gravuras de Callot, e sob a égide da minha Cacofonia Anti-Sinfônica os miasmas da estupidez tenderão a desaparecer a pouco e pouco da face da terra, substituídos pelo cheiro do absinto e do esperma, que darão o tom da nova primavera.

(Uma furtiva lágrima. Mais outra. Mais outra.)

Mas tudo isso são desvarios de um espírito tresnoitado, dirão meus inimigos eternos, que vivem dentro e fora de mim — e bastará que você calce os sapatos para que a realidade volte a funcionar sob os seus pés, a dura e feia realidade de todos os dias, inclusive feriados e dias santos. É bem possível que assim seja, respondo calado, e por isso mesmo tratarei de não pôr os sapatos tão cedo, e se preciso não os porei nunca mais, a fim de pousar sobre os meus próprios alicerces e ter os sonhos que quiser ter, e que para mim serão certezas. O mundo se divide em duas partes bem definidas: eu e o resto do mundo, e a minha defesa está justamente nos meus sonhos, ou desvarios como queiram, em cujas asas voou a alturas que vocês nunca atingirão de foguete, e de onde avisto as cúpulas dos edifícios como se fossem cabeças de alfinetes, como o são realmente. Se não posso mudar o mundo, tampouco permitirei que o

mundo me mude a mim, arrancando-me esse câncer de mistérios e heresias que é toda a minha riqueza e que faz com que minha voz não seja apenas o grunhido de um porco, nem meu olhar apenas o olhar de um peixe dentro do aquário. Aos mil professores que tentaram deseducar-me respondo-lhes com um piparote no cocuruto, exatamente como fiz ao médico que não soube descobrir a causa do meu pranto, e a toda a sua ciência oficial e cheirando a naftalina eu oponho a onisciência do meu instinto indomável e sem máscara, mesmo porque não existe (que eu saiba) nenhuma máscara de mil faces. Aos que me chamem de bárbaro eu lhes respondo com uma barbaridade de légua e meia, e lanço-lhes à face o epíteto de sifilizados de que eles tanto parecem orgulhar-se, eles e seus antepassados barões, condes e arcebispos.

Agora é dia claro, embora tudo continue escuro como dantes, apesar de meus novos pensamentos que me fazem fosforescente e ígneo. Quanto mais claro eu me torno por dentro, mais obscuro se torna o mundo e o dia dentro dele — descubro-o agora. É por isso que os moribundos se tornam quase translúcidos em sua onividência, minutos antes de morrerem: eles são um foco de luz dentro do mundo opaco. E eu sou moribundo cada vez mais convicto da sua morte, queira-o ou não.

Saudemos o dia com um pranto espesso, com os gemidos da louca como música de fundo.

# O.P.Q.R.S.T.U.V.X.Y.Z.

## *SEGUNDA E DEFINITIVA CARTA AO TIMES*

(Com vista ao Sr. redator da Seção Necrológica)

Escrevo-lhe esta em prantos, não para comunicar-lhe a morte de um ente querido, mas a minha própria morte. Como tudo que parece estranho, isto que acabo de anunciar tem na realidade uma explicação muito simples: é que resolvi suicidar-me e o senhor foi (à falta de um parente ou amigo, que não tenho) a única pessoa a quem me ocorreu dar, de antemão, a dolorosa notícia. Ao chegar esta à sua mesa repleta de avisos fúnebres e convites de missa de 7.º dia, já meu corpo, se foi encontrado, estará repousando no lugar que lhe compete dentro da imensidão da terra, ao lado de outros corpos de indigentes anônimos e esquecidos do mundo, com os quais possivelmente me comunicarei nas noites de tédio infinito.

Ainda uma hora atrás eu não sabia que hoje iria dormir em companhia dos mortos — hoje ou amanhã, conforme o tempo que levem para descobrir meu corpo franzino entres estes enormes eucaliptos e sob este cipreste que espero venha a cobrir um dia minha sepultura rasa. Como tudo que tenho feito na vida, decidi realizar minha morte sem pensar muito tempo no assunto, mesmo porque sempre me pareceu que a morte não é tão importante quanto querem fazer crer os vivos, dada a nossa perfeita insignificância dentro do universo. A morte de um mosquito é tão importante quanto a minha própria morte, digo-o sem falsa modéstia, e disso o senhor mesmo terá prova ao ficar sabendo do meu suicídio, que o afetará tanto quanto a morte de um dos milhões de perus sacrificados à véspera do Natal. A comunhão dos mortos ainda pode ser uma realidade, pelo menos para os que nela creem

piamente, à sombra da necrofilia católica ou que outro nome tenha; a comunhão dos vivos, porém, ainda está por existir e com toda certeza não existirá nunca, dada a pouca cordialidade existente entre os homens, como de resto entre todas as feras de uma mesma espécie.

Sei que é de praxe o suicida invocar grandes razões, e se possível belas, para justificar seu gesto tresloucado, como dizem — e sinto ter que decepcioná-lo não invocando nenhuma razão maior para explicar esta minha fuga prematura de um mundo que afinal é o único mundo com o qual podemos contar honestamente. Se eu quisesse, certamente poderia encontrar uma dúzia ou mesmo duas de belas razões (metafísicas, econômicas, políticas etc. etc.) capazes de justificar não apenas o meu suicídio como o suicídio de toda a humanidade, nos dias que correm como em todos os tempos. Prefiro, porém, ser honesto e dizer que me mato pelo prazer único de matar-me, como existem casos de sujeitos que matam um desconhecido qualquer (não falando da guerra) pelo simples prazer de vê-lo cair morto ou para experimentar uma arma nova. Sei que é raro isto acontecer, mas acontece; e o meu caso é exatamente um desses. Enjoei de mim, como poderia ter enjoado da cara de um vizinho que nunca me tivesse feito mal em sua vida — e como não sou obrigado a viver de enjoo, cortei simplesmente o mal pela raiz, eliminando-me da minha vista. É possível que num dia de primavera e com os bolsos cheios de dinheiro eu não pensasse em eliminar-me com tanta facilidade, mesmo porque o homem é suficientemente tolo para contentar-se com pouca coisa, eterna criança que é; acontece que hoje não é primavera, nem tenho os bolsos abarrotados de notas de mil francos, de sorte que me sinto decididamente disposto ao suicídio, como o estaria para o homicídio também. O certo mesmo seria chamar a este meu suicídio de homicídio, já que em mim eu mato o homem que não me agrada e não o meu eu verdadeiro, que é até simpático.

E já que falo em simpatia, devo deixar claro que morro tão antipático como sempre vivi, tomando-se por base naturalmente a

opinião dos outros a meu respeito, não a minha própria. A náusea que venho de sentir pelo meu corpo cheio de esperma, lágrimas e outros humores trágicos, é uma náusea que, bem ou mal, eu poderia superar com ajuda de alguma filosofia, desde que me dispusesse a praticar a necessária ginástica mental diante do espelho; ao passo que a antipatia que me inspiram os outros, e vice-versa, é algo que nasceu comigo e será hoje comigo assassinado, e que só pode ter explicação na perfeita dessemelhança existente entre mim e os meus semelhantes, entre o meu EU e o que se convencionou chamar o homem comum. Todas as normas de educação que me tentaram impingir no cérebro tinham por objetivo convencer-me de que eu e o meu vizinho éramos feitos da mesma massa e conseqüentemente da mesma qualidade de alma, havendo mesmo alguns exagerados que chegavam a proclamar que ambos éramos filhos do mesmo pai celestial, a cuja imagem e semelhança havíamos sido feitos em nove meses; a experiência, porém, convenceu-me exatamente do contrário, e não foi preciso muito tempo para eu descobrir que não passava de um pequeno monstro dentro da minha espécie, de alguém que não se parecia nem sequer consigo mesmo nos diversos momentos e que já nascera fatalmente marcado para a solidão. E como eu não podia andar metido num escafandro todas as horas do dia, embora já tenha exercido a profissão de escafandrista na penúltima guerra, deu-se o entreechoque fatal entre a minha multidão de almas e a alminha dos meus pseudossemelhantes, com conseqüentes ódios e ressentimentos de parte a parte, como ficou provado nas páginas de meu Diário Íntimo e que um dia ainda serão publicadas. Nesse livro aparentemente triste, eu me situo na posição de antípoda de todos os seres com os quais vivo esbarrando-me pelas ruas ou mesmo dentro de casa — o que talvez em parte explique meu contínuo peregrinar pelos quatro cantos do mundo, à procura de outro polo no qual certamente houvesse um outro antípoda à minha espera.

Mas, Sr. redator de assuntos fúnebres, nada mais tenho a dizer, por ora, neste in extremis que já se vai fazendo longo e sem graça, e que certamente será tido por V. S. na devida consideração,

atirando-o simplesmente à cesta de papéis velhos. Desconhecendo-me como o Sr. me desconhece, é justo que não queira levar-me a sério e nem sequer se dê ao trabalho de procurar no mapa onde fica San Juan de Ia Sierra, onde dentro em pouco entregarei a alma ao Criador ou a quem lhe faça as vezes, como quem restitui um guarda-chuva que apenas lhe foi dado em empréstimo. E para que o Sr. me acredite em parte, e bem assim não se sinta de todo roubado em seu precioso tempo, deixo-lhe de presente o meu relógio de estimação, que pertenceu a um enforcado das minhas relações e que marca todos os minutos da vida com uma precisão realmente cronométrica, apesar de também já ter sido enforcado com o seu dono.

Funereamente seu,

.....

**FIM**